



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR
MILTON SANTOS

PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E
SOCIEDADE

ADRIANA ALVES SANTANA

DA PRAÇA PÚBLICA AO CONSUMO DIGITAL: O CONSUMO
CULTURAL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS DO MUNICÍPIO DE
SENHOR DO BONFIM (BA)

Salvador
2019

ADRIANA ALVES SANTANA

**DA PRAÇA PÚBLICA AO CONSUMO DIGITAL: O CONSUMO
CULTURAL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS DO MUNICÍPIO DE
SENHOR DO BONFIM (BA)**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Gisele Nussbaumer

Salvador
2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Alves Santana, Adriana
/ Adriana Alves Santana. -- Salvador, 2019.
122 f. : il

Orientadora: Gisele Marchiori Nussbaumer.
Dissertação (Mestrado - Programa Multidisciplinar
de Pós-graduação em Cultura e Sociedade) --
Universidade Federal da Bahia, Instituto de
Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton
Santos, 2019.

1. consumo cultural. 2. juventudes. 3. públicos da
cultura. 4. Senhor do Bonfim. 5. universidade. I.
Marchiori Nussbaumer, Gisele. II. Título.



PARECER DA BANCA EXAMINADORA

MESTRANDO: ADRIANA ALVES SANTANA

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: "DA PRAÇA PÚBLICA AO CONSUMO DIGITAL: O CONSUMO CULTURAL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS DO MUNICÍPIO DE SENHOR DO BONFIM (BA)".

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Cultura e Sociedade LINHA DE PESQUISA: Cultura e Desenvolvimento

DATA DA DEFESA: 02/08/2019

HORA: 14:30h

LOCAL: Sala 306 – PAF V

BANCA EXAMINADORA:

ASSINATURAS:

- 1. ORIENTADOR: Prof.(a) Dr.(a) Gisele Marchiori Nussbaumer
- 2. EXAMINADOR(A) EXTERNO(A): Prof.(a) Dr.(a) Maria Carolina Vasconcelos Oliveira
- 3. EXAMINADOR(A) INTERNO(A): Prof.(a) Dr.(a) Daniele Pereira Canedo

RESULTADO:

A BANCA EXAMINADORA, APÓS O EXAME DA DISSERTAÇÃO E ARGÜIÇÃO DO (A) CANDIDATO (A), DECIDIU PELA:

- aprovação da Dissertação com distinção, por sua excepcional qualidade e extrema originalidade.
- aprovação da Dissertação.
- reprovação da Dissertação.
- reformulação da Dissertação , indicando o prazo de sessenta dias para apresentar a nova versão.

CONSIDERAÇÕES:

A banca registrou a importância de uma pesquisa de consumo cultural realizada em cidade do interior. fez sugestões para a versão final e estudos futuros.

AUTENTICAÇÃO DO(A) PRESIDENTE DA BANCA EXAMINADORA

02, 08, 19

AUTENTICAÇÃO DO(A) ALUNO(A)

PREENCHER SOMENTE EM CASO DE REFORMULAÇÃO DO PROJETO DE DISSERTAÇÃO:

- O(a) Mestrando(a) apresentou a reformulação e o Projeto de Dissertação foi APROVADO pela Banca.
- O(a) Mestrando(a) apresentou a reformulação e o Projeto de Dissertação foi REPROVADO pela

AUTENTICAÇÃO DO(A) PRESIDENTE DA BANCA EXAMINADORA

/ /

AUTENTICAÇÃO DO(A) ALUNO(A)

AGRADECIMENTOS

À mainha: sem você sou pá furada

A painho, Inha, Paulinha, Dea e vó, pelo apoio mesmo nos dias nublados

A Felipe, pela escuta atenta e acolhimento diário

A Gica, por acreditar e se dedicar a esta pesquisa

A Anderson, Caio, Elba, Ítalo, Jords, Leo, Lore, Mari, Mila: juntos somos nós

A Bruna Calazans, Bruna Cook, Bruna Gomes, Jonas Nogueira, Livia Cunha e Regiane Smocowisk, por poder compartilhar os desafios da pesquisa acadêmica

A Diego, Geovano, Israel, Luana, Maria, Paula e Tatá, pelo suporte concedido na etapa de campo

A Aline Linhares, pela consultoria potente em análise de dados

Ao Campus VII da Universidade do Estado da Bahia, pela atenção ofertada em todas as etapas

Ao Coletivo de Gestão Cultural da UFBA, pelas sugestões oferecidas ao trabalho

A Reginaldo Carvalho, por acreditar na potência da pesquisa e da produção cultural de Senhor do Bonfim

A Paulinho Vasconcelos (*in memoriam*), pelo legado artístico e político que deixa para todos os bonfinenses que acreditam no poder da cultura

RESUMO

A presente dissertação investiga o consumo cultural de jovens estudantes universitários residentes em Senhor do Bonfim, município localizado no interior da Bahia, a fim de compreender quais atividades culturais estão presentes em suas trajetórias pessoais e os fatores que atuam como motivadores para esse consumo. O trabalho utilizou como metodologia a pesquisa de campo quantitativa e qualitativa e como instrumentos para coleta de dados o questionário *online* e entrevistas semiestruturadas. A dissertação divide-se em três capítulos, sendo o primeiro voltado para a compreensão dos conceitos fundamentais que norteiam o trabalho – cultura, juventudes e consumo cultural – e a apresentação das principais pesquisas realizadas no Brasil sobre o tema do consumo cultural. O segundo capítulo dedica-se à análise da cena cultural e da rede universitária de Senhor do Bonfim, além de discorrer a respeito da universidade à qual se vinculam os jovens investigados – a Universidade do Estado da Bahia (Uneb). O último capítulo se volta à apresentação e interpretação dos dados coletados durante a etapa de campo junto a 132 estudantes que responderam ao questionário e cinco estudantes que concederam entrevistas em profundidade. Acreditamos que este estudo pode contribuir para o reconhecimento de aspectos culturais característicos de cidades de pequeno e médio porte, até então não priorizadas pelas grandes pesquisas desenvolvidas sobre o consumo cultural brasileiro, assim como fornecer subsídios para a criação de políticas culturais locais que se pautem pelos reais interesses do público morador de Senhor do Bonfim.

Palavras-chave: consumo cultural, juventudes, públicos da cultura, Senhor do Bonfim, universidade.

ABSTRACT

This dissertation investigates the cultural consumption of young college students from Senhor do Bonfim, city in the countryside of the Bahia state, in order to understand which cultural activities are present in their personal trajectories and the factors that act as motivators to that consumption. This dissertation used as methodology the quantitative and qualitative field research, and, as tools of data collection, the online form and semi-structured interviews. The dissertation is divided in three development chapters, being the first one about the comprehension of concepts that guides the research – culture, youths and cultural consumption –, and introduction to the main Brazilian researches about the cultural consumption topic. The second chapter is dedicated to the analysis of the cultural scenario and the college network of Senhor do Bonfim, besides describing the university in which the young people investigated are attached – the Universidade do Estado da Bahia (Uneb). The last one is about the exposition and interpretation of the data collected during the field research step, and it comes from 132 declarations from students that answered the online form and five students that gave in-depth interviews, these five selected among the global sample. We believe that this research can contribute to the recognition of the cultural aspects from countryside cities, spaces so far not prioritized by the big researches developed about the Brazilian cultural consumption, and yet contribute to the creation of local cultural policies guided by the real Senhor do Bonfim public interest.

Keywords: cultural consumption, publics of culture, Senhor do Bonfim, youths, university.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Atividades mais frequentadas pelos brasileiros, 2013.....	41
Figura 2 - Mapa de associações, 2013	43
Figura 3 – Diferenças no consumo por idade e escolaridade, 2018	46
Figura 4 - Consumo cultural por renda e escolaridade	47
Figura 5 - Número de matrículas em cursos de graduação na rede pública e privada	55
Figura 6 - Número de matrículas em cursos de graduação 1991-2010	55
Figura 7 - Número de matrículas em cursos de graduação 2000-2016	56
Figura 8 - Distribuição dos campi da Uneb por território de identidade	58
Figura 9 - Número de matrículas da Uneb Campus VII (1991-2010)	60
Figura 10 - Número de matrículas ativas em cursos regulares da Uneb Campus VII	60
Figura 11 - Card de divulgação da pesquisa	66
Figura 12 - Distribuição dos entrevistados por curso	67
Figura 13 - Distribuição dos entrevistados por idade e gênero	68
Figura 14 - Distribuição dos entrevistados por cidade	69
Figura 15 - Distribuição dos entrevistados por religião	70
Figura 16 - 10 atividades mais realizadas no último ano	70
Figura 17 - Classificação da frequência no último ano	72
Figura 18 - Classificação da integração ao longo da vida	72
Figura 19 - 10 principais atividades nunca realizadas pelos estudantes	73
Figura 20 - Cruzamento entre renda e classificação da frequência dos estudantes	76
Figura 21 - Cruzamento entre classificação da frequência e percepção sobre as escolas	78
Figura 22 - Respostas à questão “você desenvolve atividades artísticas?” x classificação da frequência	79
Figura 23 - Respostas à questão “você tem familiar que desenvolve atividade artística?” x classificação da integração	79
Figura 24 - Resumo dos perfis dos entrevistados	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACLASB - Academia de Letras e Arte de Senhor do Bonfim

ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa

CADÚNICO - Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal

CEBRAP - Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

CETIC.BR - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação

CESB - Colégio Estadual Senhor do Bonfim

CETEBA - Centro de Educação Técnica da Bahia

CONJUVE - Conselho Nacional de Juventude

CITEAR - Circo-Teatro Alvinho do Riacho

CJCC - Centro Juvenil de Ciência e Cultura

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

EAD - Educação a distância

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

ENADE - Exame Nacional de Desempenho do Estudante

FABASB - Faculdade Baiana do Senhor do Bonfim

FACESB - Faculdade Cenecista de Senhor do Bonfim

FAMESF - Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco

FESB - Faculdade de Educação de Senhor do Bonfim

FIES - Fundo de Financiamento aos Estudantes do Ensino Superior

GRUPANO - Grupo de Pesquisa e Extensão em Artes Cênicas do Semiárido Brasileiro

IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

IF BAIANO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IASPM - Instituto de Ação Social pela Música

IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IGC - Índice Geral de Cursos

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

L´CIRCO - Laboratório de Artes do Circo

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LEPPED - Laboratório de Estudo, Pesquisa e Prática em Dança

NEOJIBA - Núcleo Estadual de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia

PAFOR - Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PIB - Produto Interno Bruto

PROEMI - Programa Ensino Médio Inovador

PROESP - Programa de Formação de Professores em Exercício na Rede Estadual de Ensino

PROJOVEM - Programa Nacional de Inclusão de Jovens

PROUNI - Programa Universidade para Todos

REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

REDE UNEB - Programa Especial de Formação de Professores

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SESEB - Superintendência de Ensino Superior do Estado da Bahia

SNJ - Secretaria Nacional de Juventude

TAL - Projeto Tempos de Arte Literária

UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CULTURA, JUVENTUDE E CONSUMO CULTURAL	14
2.1 CATEGORIAS CULTURAIS E HIBRIDISMO	18
2.2 JUVENTUDES E CULTURAS JUVENIS	24
2.3 DAS PRÁTICAS AO CONSUMO CULTURAL	31
2.3.1 Os principais pressupostos teóricos	31
2.3.2 As pesquisas nacionais e o consumo cultural dos jovens brasileiros	38
3 A CULTURA E A UNIVERSIDADE EM SENHOR DO BONFIM	48
3.1 A CENA CULTURAL DE SENHOR DO BONFIM	50
3.2 A REDE UNIVERSITÁRIA NO MUNICÍPIO	53
3.2.1 A Universidade do Estado da Bahia (Uneb)	57
3.2.2 O Campus VII da Uneb e sua relação com a cultura	60
4 O CONSUMO CULTURAL DOS ESTUDANTES DA UNEB CAMPUS VII	65
4.1 A ETAPA QUANTITATIVA: UMA VISÃO GERAL	65
4.2 A ETAPA QUALITATIVA: OS PERFIS CULTURAIS	80
4.2.1 Perfil de Caroline Oliveira	82
4.2.2 Perfil de Abel Moreira	85
4.2.3 Perfil de Dailane Silva	89
4.2.4 Perfil de Paula Freire	92
4.2.5 Perfil de Jeniffer Oliveira	95
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICE A - Questionário utilizado na pesquisa quantitativa	118
APÊNDICE B - Modelo de roteiro de entrevista utilizado na etapa qualitativa	122

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho estuda o consumo cultural em Senhor do Bonfim – cidade com aproximadamente 80 mil habitantes, localizada há 371 km de distância de Salvador –, junto a um perfil de público específico: estudantes universitários. O objetivo é não só compreender o que se consome, mas também investigar quais as disposições que levam a esse consumo, partindo da suposição de que consumir cultura em uma cidade de pequeno ou médio porte carrega singularidades que se afastam daquelas encontradas em grandes cidades.

O estudo busca contribuir para a reflexão sobre a organização da cultura e o consumo cultural em cidades do interior do Brasil e, de modo mais específico, da Bahia, localidades ainda pouco consideradas no que se refere ao campo dos estudos da cultura. A busca pelo autoconhecimento e o desejo em contribuir para o fortalecimento cultural da sua comunidade de origem foram fatores que também impulsionaram o trabalho da pesquisadora. Sua cidade natal, Senhor do Bonfim, está localizada na região norte da Bahia e representa o território de identidade Piemonte Norte do Itapicuru. Nesse território, já realizou dois trabalhos de investigação: o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia/UFBA, intitulado “Diagnóstico sobre gestão e usos de um equipamento cultural no interior da Bahia: o Centro Cultural Ceciliano de Carvalho” (SANTANA, 2013), além da pesquisa “Consumo cultural na cidade de Senhor do Bonfim” (SANTANA et al., 2015), produzida de modo independente. Esta, embora não assuma caráter científico, analisa de modo preliminar as relações do público bonfinense com determinadas práticas, dando enfoque às artes e ao convívio com o único centro cultural da cidade.

Esta dissertação, por sua vez, busca compreender o consumo doméstico e externo do público pesquisado a partir de um conceito amplo de cultura, que envolve as artes, mas também outros modos de sociabilidade, como o uso coletivo dos espaços públicos, a ida a bares, o consumo de mídias etc. O trabalho divide-se em três capítulos, intitulados “Cultura, juventude e consumo cultural”, “A cultura e a universidade em Senhor do Bonfim” e “O consumo cultural dos estudantes da Uneb Campus VII”.

O primeiro capítulo discorre inicialmente sobre os modos de compreensão do conceito de cultura, avançando sobre outros temas relacionados: as juventudes e culturas juvenis, observadas não apenas conceitualmente, mas também à luz das políticas públicas desenvolvidas no Brasil; o consumo cultural e seus possíveis determinantes (o *habitus*, as disposições individuais e relacionais); e o consumo cultural do brasileiro, observado a partir dos dados produzidos pelas principais pesquisas realizadas no Brasil sobre o tema – em

especial, Públicos da Cultura 2013/2014, Panorama Setorial da Cultura Brasileira 2013/2014 e Cultura nas Capitais 2018.

Do ponto de vista teórico, nos vinculamos às reflexões propostas por autores como Bourdieu (2007a), Botelho (2001; 2004), Canclini (1993; 1995), Dayrell (2001; 2004) e Lahire (2006), entre outros. A revisão bibliográfica realizada tem como horizonte o entendimento de que, embora as atividades culturais de diferentes naturezas devam ter o mesmo peso – sejam legitimadas socialmente ou não –, é preciso uma análise crítica que busque compreender, entre outros aspectos, se os meios de acesso a determinadas práticas são apresentados a todos ou não. Acerca do consumo cultural brasileiro, adotamos as conclusões observadas pelas pesquisas nacionais como premissas a serem testadas entre os estudantes de Senhor do Bonfim. Tais premissas podem ser sintetizadas na seguinte questão: em que medida as variações entre faixas etárias, classes/rendas, graus de escolaridade, religiões, entre outras, impulsionam ou despotencializam a frequência cultural?

O segundo capítulo da dissertação dedicou-se à análise da cena cultural e universitária de Senhor do Bonfim. Verificamos a concentração da linguagem musical na oferta disponível no município, com uso predominante de bares e casas de show. Observa-se ainda que as artes cênicas ocupam lugar de relevância na formação cultural do município, com a presença permanente de grupos em atividade e espaços disponíveis para a prática. Esse fato impulsionou a Universidade do Estado da Bahia (Uneb) a implementar seu primeiro curso da área de artes – a Licenciatura em Teatro – no município. O capítulo também apresenta o histórico dessa universidade, à qual se vinculam os estudantes investigados nesta pesquisa, e a importância que a instituição assume para o estado da Bahia e, em especial, para a região de Senhor do Bonfim. Para além da Uneb, a rede universitária do município foi observada em meio ao cenário de expansão da educação superior verificado no Brasil desde os anos 2000.

Do ponto de vista de metodologia, a pesquisa foi composta por duas etapas de campo: uma de caráter quantitativo – na qual o público jovem universitário foi consultado por meio de um questionário *online*, resultando na coleta de 132 respostas válidas – e outra qualitativa – na qual cinco estudantes selecionados entre a amostra global foram investigados através de entrevistas semiestruturadas. As três questões centrais inseridas no questionário padrão – quais atividades culturais o respondente realizou nos últimos 12 meses, quais delas foram mais frequentes na sua rotina e, por fim, quais atividades nunca consumiu ao longo da vida –, bem como suas opções de resposta, tiveram como base outras investigações da mesma

natureza realizadas no país. Disponibilizamos 30 opções de atividades culturais relacionadas às artes, esportes, mídias e lazer, assumindo a precaução de incluir desde categorias unânimes entre as pesquisas nacionais e internacionais – assistir apresentações de teatro, ir a centros culturais, assistir à televisão aberta, por exemplo – até categorias que dialogam com a cena local de Senhor do Bonfim – ir a “paredões” de som, a feiras livres, a festas populares. Certos de que um instrumento de natureza quantitativa não seria capaz de abarcar a diversidade de produções culturais existentes, optamos por adicionar a opção “outra”, possibilitando ao público o preenchimento de alguma atividade cultural de sua preferência que não havia sido listada.

O terceiro e último capítulo se volta à apresentação e interpretação dos dados coletados durante as etapas de campo mencionadas. São apresentados dados sobre as atividades culturais priorizadas pelos estudantes e aquelas ausentes em suas trajetórias, dando atenção ao consumo digital e ao realizado *in loco*. Também os motivadores para o consumo cultural dos respondentes são destacados, assim como o lugar que ocupam, em termos de estímulo, as escolas e os familiares dos estudantes ao longo de sua vida. Critérios demográficos como gênero, raça e religião são também entendidos como determinantes no consumo cultural da amostra.

É certo que a investigação do consumo cultural em Senhor do Bonfim, através de uma pesquisa de campo e análise sistemática de dados, permitiria alcançar, a priori, apenas o conhecimento sobre aquela localidade e recorte de público selecionado. Ainda assim, acreditamos que este estudo pode contribuir para o reconhecimento de importantes aspectos culturais de cidades de pequeno e médio porte – espaços até então não priorizados pelas grandes pesquisas desenvolvidas sobre o consumo cultural brasileiro –, ficando aberta a futuras investigações a possibilidade de confirmação de um padrão de dados. Além disso, a pesquisa pode contribuir para a criação de políticas culturais locais que se pautem pelos reais interesses do público morador de Senhor do Bonfim.

2 CULTURA, JUVENTUDE E CONSUMO CULTURAL

O conceito de cultura de origem antropológica, desenvolvido no início do século XX, foi fundamental para questionar a hierarquização entre diferentes concepções do que se entende como cultura. Sendo essa definida como “*tudo* que o ser humano elabora e produz, simbólica e materialmente falando” (BOTELHO, 2001, p. 74), o conceito se contrapõe ao de origem sociológica, que está ligado a três sentidos: “a cultura como *estilo de vida*, a cultura como *comportamento declarativo*, e a cultura como *corpus de obras valorizadas*” (DILTHEY, 1883 apud FLEURY, 2009).

Apesar da importância da compreensão antropológica de cultura, que Eduardo Restrepo (2014) chama de conceito convencional de cultura, acreditamos que a sua disseminação passou a evidenciar limitações. Hoje, seja empregado para referir-se às artes, à “cultura empresarial” ou à “cultura política”, o termo “cultura” é muitas vezes entendido como algo dado, referindo-se a um conjunto de coisas específicas, uma entidade no mundo, com vontade e racionalidade próprias (MATO, 2005; RESTREPO, 2014). A fim de evidenciar as potencialidades e problemáticas desse conceito, faz-se necessária uma apresentação de tensionamentos propostos por diversos autores.

Ao longo dos séculos, a concepção de cultura atendeu ao objetivo de operar a distinção. Em análise sobre a evolução do termo, Denys Cuche (2002) lembra que, desde o século XVI, quando adquire um sentido figurado (e não mais associado ao cultivo do campo), a palavra é entendida como ação (o ato de desenvolver uma faculdade) ou estado de espírito que diferencia certos grupos de outros. Somente no século XIX essa ideia começa a mudar, quando a etnologia propõe a existência da diversidade cultural na unidade humana, primeiramente através de Edward Tylor (1871), para quem cultura é “uma palavra neutra que permite pensar toda a humanidade e romper com uma certa abordagem dos ‘primitivos’ que os transformava em seres à parte” (TYLOR, 1871 apud CUCHE, 2002, p. 36). Cultura passa a ser caracterizada, portanto, por sua dimensão coletiva, caráter adquirido e não hereditário, transmissão inconsciente.

Essa contribuição teórica não guardou necessariamente equivalência com as práticas sociais. Edward Said (1990) explica, por exemplo, que a associação entre cultura, hegemonia, etnocentrismo e eurocentrismo causa distorções históricas que ainda permitem a um povo dominar o outro. Sua reflexão sobre “territórios imaginários”, elaborada a partir da análise da construção intelectual e política da categoria “Oriente”, empreendida pelo “Ocidente”, nos

ajuda a pensar a questão colocada. O autor entende que o olhar para o outro a partir da nossa própria perspectiva gera equívocos, já que sempre há certa medida de puramente arbitrário na maneira como são vistas as distinções entre as coisas. É possível que a vários objetos ou lugares sejam atribuídos papéis e significados dados que adquirem validade objetiva só depois que essas atribuições acontecem. O “outro” é, pois, menos um dado objetivo e mais uma criação imaginária do poder. O etnocentrismo, como bem lembra Laurent Fleury (2009, p. 19) não se restringe às figuras dos “selvagens” ou “primitivos”, como Tylor já havia abordado, mas permanece até hoje na forma de preconceitos regionais – por exemplo, na diferenciação categórica entre Oriente e Ocidente, conforme abordado por Said, ou interior e capital, distinção que interessa a esta pesquisa –, de classe ou gênero, entre outros.

Para além da marcação de hierarquias entre tipos de cultura, outros autores também tratam sobre diferenças entre “graus de consciência” dentro de uma mesma cultura. Ao revisar o pensamento de Thomas Eliot (1948), Terry Eagleton (2003) lembra que este autor seguiu essa direção, afirmando que a cultura comum poderia ser vivenciada de dois modos: inconscientemente pelo povo e de forma autorreflexiva pela minoria. Quer dizer, “os dois significados essenciais da palavra ‘cultura’ são, assim, socialmente distribuídos: a cultura como um corpo de obras artísticas e intelectuais fica reservada a uma elite, enquanto a cultura no seu sentido antropológico pertence às pessoas comuns” (EAGLETON, 2003, p. 152). Enquanto Eagleton entende essa como uma posição conveniente e conservadora, na medida em que desconsidera as “capacidades populares” de reflexão e raciocínio, outros autores reforçam o postulado. Teixeira Coelho (2008, p. 36) se aproxima da posição restritiva de cultura ao escrever que “para que algo seja realmente cultural, o senso crítico deve ter, nisso, uma presença marcante”. Ele vai além, ao separar a arte e a cultura em categorias diferentes: a cultura serviria ao coletivo, ao convencional, e a arte ao indivíduo, à liberdade. Segundo o autor, o princípio da arte é o da invenção, enquanto o da cultura é o da reprodução. Tais concepções pretendem tornar estrito o conceito de cultura, excluindo ou menosprezando a sua concepção antropológica.

À revelia de produções como a de Coelho (2008), a defesa da concepção antropológica continua prioritária nos estudos das Ciências Sociais e Humanas. Prevalece a posição de Raymond Williams: cultura é um modo inteiro de vida que envolve a construção colaborativa dos significados, com a participação plena de todos os seus membros, ou seja, de modo democrático (WILLIAMS, 1958 apud EAGLETON, 2003, p. 153). É do amadurecimento

dessa concepção que surge na França a noção de democracia cultural, em oposição à vigente política da democratização cultural (COULANGEON, 2014). A democratização

pode ser definida em referência aos termos do decreto de 24 de julho de 1959, que atribui essa missão ao ministério então recentemente criado, pela ambição de ‘tornar acessíveis as obras capitais da humanidade, e principalmente da França, ao maior número de franceses’. Baseada na concepção universalista da hierarquia dos valores culturais e das obras de artes, é fundamentalmente “legitimista”: a tarefa prioritária da política cultural é a de reduzir as desigualdades de acesso à ‘alta cultura’, à cultura ‘erudita’. (COULANGEON, 2014, p. 24).

Disseminada sobretudo a partir da década de 1980, a ideia de democracia cultural assume outra perspectiva: ao invés de se pensar em termos de desigualdades, observa o acesso em termos de diferenças, visando o desenvolvimento cultural de uma população. Seu objetivo enquanto política seria, portanto,

permitir a todos os franceses cultivar sua capacidade de inventar e de criar, de expressar livremente seus talentos e de receber formação artística de livre escolha, de preservar o patrimônio cultural nacional, regional ou dos diversos grupos sociais para o benefício de toda a coletividade” (decreto de 10 de maio de 1982). (COULANGEON, 2014, p. 25).

Mais do que estimular o público a frequentar espaços culturais ou entrar em contato com determinado tipo de obra artística, entendendo os indivíduos como passivos, a democracia cultural considera a autonomia dos sujeitos no que se refere a sua capacidade de produzir e consumir diferentes modalidades de cultura, inclusive considerando que uma coisa leva à outra. Fugindo da proposta anterior, que almejava garantir a aproximação com um único tipo de cultura, reconhecida como mais legítima, essa nova perspectiva não pode cair em outro dilema restritivo que considere suficiente a aproximação do público com práticas com que já está acostumado, sem abrir a possibilidade de outras ofertas culturais (GANS, 2014). Seu objetivo, pelo contrário, é “oferecer a todos a possibilidade de escolher entre gostar ou não de algumas delas, colocando os meios à disposição” (BOTELHO; FIORI, 2004, p. 3). É preciso ressaltar, no entanto, que os dois tipos de políticas podem ser planejados em conjunto, pois uma modalidade não exclui a outra. Programas que incluam a distribuição de ingressos gratuitos ou apresentação de atividades artísticas em espaços não formais, a fim de estimular a aproximação com diferentes públicos, em consonância com a democratização, continuam sendo necessários em determinados contextos.

Após uma breve revisão sobre a compreensão, importância e as potencialidades do conceito antropológico de cultura, faz-se necessário apresentar algumas limitações que esse conceito inaugura. Restrepo (2014) diz que, enquanto na primeira metade do século XX

vimos o surgimento do economicismo, onde tudo poderia ser explicado por meio da economia e da diferença entre as classes, vivemos hoje em meio ao culturalismo, com a redução da cultura às mais variadas interpretações do mundo social. Uma das decorrências disso é a utilização do termo “cultura” como curinga narrativo, a fim de caracterizar um grupo social ou certas atividades.

Segundo Fleury (2009, p. 19-20), o culturalismo “define uma cultura pela existência de traços culturais específicos que são comuns aos membros de um grupo, formando um sistema unificado coerente, e que se transmitem de geração para geração, sem sofrer sensível modificação”, o que acaba por “substancializar traços culturais ao ponto de torná-los aparentemente naturais”. Nessa direção, a partir da leitura de colocações apresentadas por diversos teóricos, Restrepo (2014, p. 13-15) lista problemáticas ligadas ao uso indiscriminado do conceito antropológico de cultura, que podem ser resumidas assim: a) ao dar atenção ao aspecto de compartilhamento entre os grupos, o conceito tem um efeito homogeneizante, borrando as diferenças existentes em cada cultura; b) ele não considera os conflitos de poder presentes em cada cultura, com as relações de subjugação e dominação de uns setores por outros; c) ao dar ênfase à diferença, reforça uma exotização e outrerização das culturas; d) trata a cultura como um determinante do comportamento de um grupo ou indivíduo, da mesma forma que já se recorreu à raça; e) predominam os enfoques sincrônicos (com análises que desconsideram os processos históricos e as transformações culturais) e o presentismo geográfico (com análises que tomam a experiência historicamente situada do etnógrafo como indicador atemporal do que supostamente é uma cultura).

Daniel Mato (2005) segue na mesma orientação crítica, tensionando o conceito de cultura para propor novos modos de produção de conhecimento que considere a interculturalidade. Contra a objetificação do termo cultura e a favor de uma interpretação que considere as diferenças e disputas, ele defende que

“Cultura” não é um objeto e tampouco um substantivo, e sim denota um olhar, seja este o do investigador ou o de outros atores sociais. Em tal sentido, é um adjetivo. Por isso é que no interior de qualquer grupo humano que se supõe e se afirma que compartilha “uma cultura”, sempre há disputas a respeito de como é, o que é e o que não é essa cultura, o que inclui e o que não inclui. É comum observar estas diferenças, inclusive disputas, por exemplo, entre mulheres e homens, ou entre indivíduos de diferentes gerações, ou, quando se trata de um país, entre gente de diferentes regiões, classes sociais, etnicidades etc. (MATO, 2005, p. 121, tradução nossa)¹

¹ “‘Cultura’ no es un objeto y por tanto tampoco es un sustantivo, sino que denota una mirada, sea ésta la del investigador o las de otros actores sociales. En tal sentido es un adjetivo. Por eso es que al interior de cualquier

Entende-se, para esta dissertação, que as problemáticas apontadas podem ser sentidas e ter efeito concreto caso não seja tomado o cuidado necessário na etapa de interpretação dos dados. Nessa etapa da pesquisa de campo, determinar que o “alto consumo de eventos de forró entre os pesquisados justifica-se pela ‘cultura local’ em que estão imersos” seria, por exemplo, um equívoco. Espera-se, pelo contrário, que uma análise atenta do contexto considere as nuances dessa afirmação, entendendo que há múltiplos públicos e sociabilidades em disputa no território em questão.

2.1 CATEGORIAS CULTURAIS E HIBRIDISMO

Considerando a opção por uma compreensão mais ampla de cultura, a pesquisa tem como horizonte a reunião de dados sobre práticas associadas às culturas populares (como a música popular, o artesanato, as festas regionais), cultura erudita (a música instrumental, a visita a museus e bibliotecas) e cultura massiva (com a TV e o rádio liderando esse universo). Faz-se necessário, portanto, uma reflexão sobre essas categorias, a fim de apresentar suas particularidades e similaridades. Esse estudo também aborda o movimento de hibridização dessas modalidades, que se expande com a consolidação das tecnologias e da chamada era digital.

A alta cultura é caracterizada por Gans (2014) pelo domínio dos criadores, cujos padrões são aceitos pelos usuários, que têm o consumo justificado pela constante busca de exclusividade. Nessa modalidade, tanto criadores quanto públicos são em maioria pertencentes às classes altas. Claudio Benzecry (2004) faz duas observações que explicam a diferença entre essa modalidade de cultura e as outras que seguem. A alta cultura seria a única orientada a partir dos criadores, responsáveis por definir suas regras, enquanto as modalidades mais próximas da cultura popular assumem o caráter oposto, orientando-se para os consumidores. Outra diferença relevante diz respeito à compatibilidade de classes sociais existente entre produtores e consumidores no caso da alta cultura, fator que não se verifica no contexto das culturas populares e massivas: muitas vezes as classes altas são formatadoras dos produtos que outras classes consomem.

Gans (2014) lembra que não é possível avaliar determinada cultura sem considerar seu público, concepção que Roger Chartier (1995) também assume ao escrever sobre a cultura popular. Segundo esse autor, a chave para a compreensão das culturas populares está em olhar

grupo humano que se supone y se afirma que comparte “una cultura” siempre hay disputas respecto de cómo es, qué es y qué no es esa cultura, que incluye y que no incluye. Es usual observar estas diferencias e incluso disputas, por ejemplo entre mujeres y hombres, o entre individuos de diferentes generaciones, o, si se trata de un país, entre gente de diferentes regiones, clases sociales, etnicidades etc.”

para os seus modos de uso, as práticas sociais e modalidades que são apropriadas, rejeitando a análise restrita ao conteúdo. Desse modo, o caráter popular não se encontraria nos objetos em si, se encontraria nas práticas sociais que se adaptam. Em tese, o que distinguiria um público ou outro não seria a prática cultural que realiza (se vai ao teatro ou assiste televisão), mas os modos como se apropriam dessas práticas. No entanto, o Chartier lembra que é preciso superar uma ingenuidade que poderia supor, a partir do que foi dito, que, a depender do modo como uma prática é apropriada, pode ela ser legitimada socialmente. Isso não é verdadeiro, visto que um baile funk, ainda que repercuta globalmente, vai continuar associado à cultura negra e da favela, o que lhe atribui um determinado *status* que impõe disputas.

A concepção de Chartier (1995) supera duas definições disseminadas sobre a cultura popular – a que a vê como um sistema simbólico autônomo, alheia a uma suposta cultura letrada, e a que a entende como dependente de referência a uma cultura dominante, associada a carências. Segundo o teórico, através da apropriação é que se dá a operação de "produção de sentido" por parte dos setores não hegemônicos. É através dela que a recepção se torna rebelde, onde ocorre o desvio da leitura esperada.

Os Estudos Culturais ajudam nessa reflexão, pois, como John Frow e Meaghan Morris (2006, p. 318) ressaltam, esse campo teórico busca justamente “examinar os conflitos políticos que estão em jogo em contextos concretos e em relação a determinados grupos de pessoas [...] e em articular as lutas históricas que ocorrem nas disparidades entre programas narrativos concorrentes (de ‘identidade’, por exemplo)”. Portanto, ainda que consideremos que as categorias do massivo, erudito e popular se misturam, não podemos pensá-las

[...] como um sistema neutro de diferenças, como um conjunto de práticas diversas, porém equivalentes. Adotar tal perspectiva significaria esquecer que tanto os bens simbólicos como as práticas culturais continuam sendo objeto de lutas sociais onde estão em jogo sua classificação, sua hierarquização, sua consagração (ou, ao contrário, sua desqualificação). (CHARTIER, 1995, p. 184).

Jesús Martín-Barbero é um autor central nesse debate, pois em um dos seus trabalhos mais relevantes, “Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia” (1997), ele busca ultrapassar a mitificação do popular e a condenação do massivo, propondo o popular-massivo como uma categoria dialética que aponta novos tipos de criatividade. Ao fazer um histórico da formação discursiva da categoria de “popular”, o autor escreve que o termo é associado à ideia de “in-culto” a partir da Era Moderna, passando a ser identificado não pelo que possui, mas pelo que lhe falta.

[...] a originalidade da cultura popular residiria essencialmente em sua autonomia, na ausência de contaminação e de comércio com a cultura oficial, hegemônica. E ao negar a circulação cultural, [...] ao ficar sem sentido histórico, o que se resgata acaba sendo uma cultura que não pode olhar senão para o passado, cultura-patrimônio, folclore de arquivo ou de museu nos quais conserva a pureza original de um povo menino, primitivo. (BARBERO, 1997, p. 31)

Segundo esse autor, ao longo do século XIX, a ideia de povo passa por mudança: a esquerda passa a identificá-lo como proletariado, enquanto a direita passa a entendê-lo como massa (BARBERO, 1997). Enquanto nos anos 30, durante a era de governos populistas na América Latina, “o massivo designava sobretudo a presença das massas na cidade, com sua ambigüidade [sic] política, [...] nos ‘anos do desenvolvimento’ o massivo passa a designar apenas os meios de homogeneização e controle das massas.” (BARBERO, 1997, p. 248-249). O modelo já previu a “tendência a constituir-se num discurso que, para falar ao máximo de pessoas, deve reduzir as diferenças ao mínimo, exigindo o mínimo de esforço decodificador e chocando minimamente os preconceitos sócio-culturais [sic] das maiorias.” (BARBERO, 1997, p. 250). Apesar da tentativa de apagamento das diferenças, é preciso lembrar que essa tarefa não é fácil, como ressalta Gomes (2008, p. 73):

[...] os textos da cultura de massa só têm pertinência quando reelaborados pela cultura popular; é dentro da cultura popular que as formas e os conteúdos ‘de massa’ são apropriados, interpretados e revestidos de sentido. Assim, as estratégias da cultura comercial não são nunca puramente manipuladoras porque, juntamente com o apelo e a trivialização, há também elementos de reconhecimento e identificação.

Do mesmo modo que cultura de massa e cultura popular se hibridizam, a cultura erudita também se relaciona com essas modalidades. Segundo Mike Featherstone, tal movimento é sintoma do pós-modernismo, que assume como uma das características centrais “a derrocada da distinção hierárquica entre alta-cultura e cultura de massa/popular” (FEATHERSTONE, 1995, p. 25). O estreitamento das fronteiras culturais tem como consequência a ampliação do número de consumidores que se caracterizam pelo ecletismo dos gostos, postura cada vez mais recorrente, como veremos adiante. A respeito desse tema, Richard Peterson e Roger Kern (1996) constataam um padrão: o crescimento do ecletismo dos gostos nas classes altas. Sua pesquisa, que utilizou como base de dados um recorte das práticas musicais norte-americanas declaradas na *SPPA – Survey on Public Participation in Arts* dos anos de 1982 e 1992, detectou uma transição do intelectual esnobe (caracterizado exclusivamente por práticas eruditas) para o onívoro (identificado pela mobilidade entre práticas dissonantes). A pesquisa em questão dividiu o público entre *highbrow*/intelectual (apreciador de música clássica e ópera), *middlebrow*/moderado⁴ (no Brasil, seria o apreciador de rock e MPB, por exemplo) e

lowbrow/inculto (apreciador de música gospel e qualquer gênero popular criado por grupos socialmente marginalizados, como o funk e o pagode). Os resultados apontam que os intelectuais são mais onívoros do que os outros grupos, em especial os mais jovens: entre os 17 tipos de músicas “não-cultas” incluídas na pesquisa, os intelectuais afirmaram consumir 7,49, enquanto o público *middlebrow*/moderado e *lowbrow*/inculto assumiram a média de 4,84 diferentes gêneros. (PETERSON; KERN, 1996).

Pode-se justificar a abertura da classe alta e dos intelectuais a diferentes modalidades de cultura como “efeito da composição de rede relacional de seus membros: quanto mais numerosos e diversos forem os contatos do indivíduo, mais ele será estimulado a mobilizar uma pluralidade de repertórios culturais dentro do dispositivo de suas interações” (DI MAGGIO, 1987 apud COULANGEON, 2014, p. 89). O enunciado indica que quanto mais avançamos na escala social, mais circulamos por diferentes ambientes e nos relacionamos com pessoas com experiências diversas, o que acaba por moldar nossa própria experiência. Ao ingressar na universidade, por exemplo, um jovem estudante que nunca tinha ido ao teatro pode se interessar pela linguagem ao conhecer outros estudantes dessa área, conexão suficiente para despertar o desejo pelo trabalho dos colegas artistas, em um impulso orientado pela curiosidade e/ou pelo afeto. À medida que inicia uma relação com as artes cênicas, esse universitário, no entanto, não abandona necessariamente as práticas que há muito tempo cultivava com os antigos colegas de escola: seu final de semana continuará tendo espaço para churrasco e “paredão”⁵. Por outro lado, é comum que esses colegas – que não ingressaram no ensino superior e trabalham em funções pouco profissionalizadas, ou seja, permanecem convivendo em contextos semelhantes desde a escola – não entendam a satisfação narrada pelo universitário a partir da frequência ao teatro.

Para além das transformações na estrutura da sociedade, que resultaram na ampliação do acesso à educação formal, mobilidade de classe social, disseminação das artes através dos meios de comunicação, Peterson e Kern (1996) apontam outras hipóteses que explicariam o crescimento do ecletismo: mudanças nos valores atribuídos a práticas de grupos minoritários (acarretando inclusive na apropriação de elementos da cultura popular pela cultura dominante) e mudanças no mundo da arte (que passou a valorizar a fuga do padrão estabelecido em busca de novos modos de expressão cada vez mais “exóticos”). Vemos, portanto, que, no intervalo de dez anos investigados pelos pesquisadores (1982-1992), houve uma maior abertura à diversidade cultural, o que resultou na mobilidade dos públicos pelas diferentes modalidades de cultura. Apesar de tratar do contexto norte-americano e de um período distante, é possível

fazer equivalência com o Brasil de hoje, especialmente no que se refere às mudanças de valor atribuído às práticas das minorias.

No entanto, apesar dessa abertura que intelectuais possam ter em relação às múltiplas práticas,

[...] o ecletismo não significa gostar de tudo de forma indiscriminada. Pelo contrário, significa uma abertura para apreciar tudo. Nesse sentido, é o inverso do esnobismo, que se baseia fundamentalmente sobre regras rígidas de exclusão (Bourdieu [1979] 1984; Murphy 1988) [...] a onivoridade não implica uma indiferença às distinções. Em vez disso, sua emergência pode sugerir a formulação de novas regras que governam fronteiras simbólicas (Lamont and Fournier 1992). (Peterson; Kern, 1996, p. 904)⁶

É comum ao indivíduo, inclusive, o estabelecimento de uma “hierarquia interna de suas próprias práticas” (COULANGEON, 2014, p. 87). Quem nunca ouviu alguém dizer, por exemplo, que apesar de gostar de pagode, só ouve em contextos de diversão: em festas, enquanto bebe e socializa com os amigos? Tal posicionamento diferencia esse gênero de outro mais distintivo, como a MPB, que o sujeito da hipótese admite como a música que realmente lhe interessa, a qual se dedica profundamente. Ana Lucia Enne (2014) investigou essa questão, que nomeia de “artimanha discursiva”, em fóruns da antiga rede social Orkut ligados à apreciação musical, mostrando como as pessoas tendem a autocensurar suas práticas supostamente ilegítimas. As categorias “e daí?”, “confesso” e “pronto, falei” aparecem constantemente em títulos de comunidades ou postagens para ressaltar que determinada apreciação é um desvio do considerado bom gosto e merece ser confessada, prática também efetuada nas redes sociais atuais.

Essa é uma postura recorrente assumida por entrevistados quando detectam que uma de suas práticas é pouco legítima, conforme discorre Bernard Lahire (2006) em sua pesquisa sobre práticas culturais. Segundo o autor, as atitudes mais comuns assumidas pelo público infiel à legitimidade seriam: confessar explicitamente sua vergonha; afirmar que só investe naquela prática por curiosidade; assumir uma atitude de distanciamento, explicando que o faz para “analisar”, mais “por observação sociológica do que pelo interesse pela coisa”; dizer que o faz para rir, zombar, zoar aquela prática. Pode-se afirmar, ainda, que aquela obra é consumida apenas em determinados contextos, vistos como circunstâncias atenuantes: ligados à temporalidade (férias, fim de semana, intervalo no trabalho, no trânsito), ao estado (cansaço, estresse), às companhias (acompanhamento dos filhos, cônjuge, amigos) ou ao aspecto material (o que foi consumido era a única opção, último recurso disponível). Para justificar

que aquele consumo não o define, o entrevistado pode também evocar o caráter gratuito da atividade/obra, afinal

Pagar significa envolver-se, mostrar que está disposto a destinar parte de seu poder de compra a esse gênero de bem ou prática cultural; não pagar significa permitir-se ser menos exigente em relação a seus gostos pessoais. Assim, a gratuidade facilita as incursões que pessoas com forte capital cultural podem fazer em territórios ilegítimos. Implica que se esteja “menos atento” do que quando se paga. (LAHIRE, 2006, p. 53)

A respeito do estreitamento das fronteiras culturais, é válido ressaltar ainda que os aparelhos eletrônicos e a internet são responsáveis pela intensificação desse movimento. São esses meios que dão condições para que um estilo musical produzido em uma comunidade quilombola do interior da Bahia¹ se expanda internacionalmente ou que obras de um grande museu de Nova York² sejam acessadas por estudantes de cidades que não dispõem de espaços museográficos físicos. A possibilidade não só de acessar, mas, em especial, de manipular determinados produtos culturais pré-existentes ou ainda de criar novos produtos culturais é a marca dos indivíduos que chegaram à juventude em meados dos anos 1990, conhecidos como Geração Digital, Geração Y, Geração Millenium (TAPSCOTT, 2010) ou Geração @ (FEIXA, 2000). Os termos designam uma geração que cresceu junto às tecnologias digitais e, por conta disso, as assimila de maneira mais rápida.

As tecnologias também são responsáveis por ampliar um cenário de participação e valorização da diversidade, uma vez que, por meio delas, os modos de difusão e consumo de conteúdos são democratizados (VASCONCELOS-OLIVEIRA; DINO, 2017). Tomando como base o documento “Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural”, produzido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), as pesquisadoras Maria Carolina Vasconcelos Oliveira e Luísa Adib Dino, no entanto, ponderam:

o desenvolvimento da oferta de conteúdos midiáticos não resulta necessariamente em uma maior diversificação do consumo. Em primeiro lugar, muitas vezes, diante do excesso de oferta, alguns consumidores preferem limitar-se a um pequeno número de títulos ou de temas conhecidos, em vez de se aventurarem em áreas desconhecidas ou diferentes – processo que normalmente exige uma formação específica, com compartilhamento de códigos e linguagens. Outra restrição seria a própria exclusão digital, que ainda é a realidade de boa parte da população (VASCONCELOS-OLIVEIRA; DINO, 2017, p. 100).

2.2 JUVENTUDES E CULTURAS JUVENIS

A escolha pela investigação do segmento jovem na pesquisa sobre o consumo cultural em Senhor do Bonfim se deu pela compreensão de que nesta faixa etária o indivíduo amplia sua autonomia, enquanto os segmentos anteriores, da infância e adolescência, ainda têm o poder de decisão atrelado aos pais e/ou responsáveis. À pesquisa, interessa a mobilidade entre diferentes grupos e contextos sociais que os jovens supostamente têm – da família para o grupo de amigos, passando pelos colegas de escola/universidade, colegas de trabalho, parceiros afetivos etc. –, pois supõe-se que essa mobilidade contribui para a formação de gostos culturais diversos. Mas, antes de qualquer passo, é preciso entender de que juventude estamos falando. Se biologicamente sabemos que essa etapa tem início com a maturidade do sistema reprodutor e com a autossuficiência apresentada por sinais corporais e psicológicos (DAYRELL, 2001), como delimitar o conceito em termos sociológicos?

De início, é preciso explicar que trataremos de “juventudes” no plural devido ao entendimento de que “as representações sobre a juventude, a posição social dos jovens e o tratamento que lhes é dado pela sociedade ganham contornos particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos.” (DAYRELL, 2004, p. 3) O jovem de Senhor do Bonfim não é exatamente igual ao jovem de Salvador, por exemplo, assim como, dentro de uma mesma cidade, o jovem negro e o jovem branco não enfrentam a mesma realidade. A palavra “juventudes”, portanto, surge “como metáfora designadora das desigualdades e diversidades” (SPOSITO; SOUZA; SILVA, 2018, p. 3) relacionadas a marcadores sociais como classe, gênero e local de origem.

O conceito de juventude mais disseminado, segundo Helena Abramo (1997), é aquele que entende essa etapa como

um momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, através da aquisição de elementos apropriados da “cultura” e da assunção de papéis adultos. É, assim, o momento crucial no qual o indivíduo se prepara para se constituir plenamente como sujeito social, livre, integrando-se à sociedade e podendo desempenhar os papéis para os quais se tornou apto através da interiorização dos seus valores, normas e comportamentos. Por isso mesmo é um momento crucial para a continuidade social: é nesse momento que a integração do indivíduo se efetiva ou não, trazendo conseqüências [sic] para ele próprio e para a manutenção da coesão social. (ABRAMO, 1997, p. 29)

Duas reflexões críticas decorrem desse conceito. A primeira diz respeito à compreensão da linearidade e transitoriedade das etapas da vida. Pierre Bourdieu lembra que as

classificações etárias informam sobre divisão de poder, assim como fazem as segmentações por sexo ou classe: a partir delas, impõem-se limites, produz-se uma ordem na qual cada grupo deve se manter, onde cada um deve ocupar seu lugar (BOURDIEU, 2002, p. 164). Juarez Dayrell também se posiciona contra uma concepção rígida de cada etapa da vida, definidora de regras sociais que em tese deveriam ser cumpridas à risca, como se ao longo dos anos devêssemos superar fases para nos tornar outros. Pelo contrário, propõe “ver e viver as experiências articuladas, [...] de forma que uma idade não elimina a outra, mas a contém” (LHORET, 1998 apud DAYRELL, 2004, p. 2).

A segunda reflexão atenta para a noção de cautela em jogo na definição de juventude. A premissa de que o modo como o jovem vai se desenvolver hoje resultará no tipo de sujeito adulto que teremos em um futuro breve e, automaticamente, no tipo de sociedade da qual faremos parte, resulta no entendimento desse sujeito como um problema a ser resolvido. Isso explica o impulso de políticas públicas com enfoque exclusivo em temas como o consumo e tráfico de drogas, doenças sexualmente transmissíveis, prostituição e violência, deixando de ver esse jovem como capaz de “formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los.” (ABRAMO, 1997, p. 28).

Contra as limitações da definição apresentada, nos associamos a Dayrell (2004, p.4) na defesa da juventude como

um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias da vida social, desde a dimensão afetiva até a profissional.

Assumindo destaque após a industrialização, que resultou em transformações na família, no trabalho e no surgimento de instituições como a escola, o conceito de juventude já esteve restrito a uma condição etária/biológica para então ser entendido como uma condição social. Sua expansão enquanto categoria na década de 1950 decorreu em particular da associação entre cultura e consumo: os jovens passaram a ser vistos como um nicho a ser explorado, o que se traduziu em produtos exclusivos relacionados a valores como autonomia e prazer imediato, que acabaram por formatar o que nomeamos “cultura juvenil” (DAYRELL, 2001). É preciso ressaltar que a apropriação desses produtos não é feita necessariamente de maneira arbitrária, pois os jovens costumam subverter e transformar esses objetos por meio da bricolagem – reordenamento e recontextualização de objetos e símbolos para comunicar

novos significados e valores – e homologia² – reciprocidade que se estabelece entre os artefatos ou textos que um grupo usa e os pontos de vista que estruturam e definem o uso (FEIXA, 1996, p. 82-83).

As culturas juvenis podem ser definidas atualmente como “um conjunto de significados compartilhados, um conjunto de símbolos específicos que expressam a pertença a um determinado grupo, uma linguagem com seus específicos usos, particulares rituais e eventos, por meio dos quais a vida adquire um sentido.” (DAYRELL, 2001, p. 20). Carles Feixa (1996) apresenta a trajetória do conceito para evidenciar como os sentidos se alteraram ao longo do tempo. Disseminada na década de 1960, a concepção de cultura juvenil defendia a idade como fator substitutivo da classe social na explicação do conflito e da mudança social, percebendo a juventude como categoria homogênea e interclassista (FEIXA, 1996). Em oposição a esse conceito, autores da Escola de Birmingham³ propuseram o uso de “subculturas juvenis”, entendendo a cultura juvenil como subconjuntos de culturas de classe. Feixa critica as duas posições, pois, enquanto uma minimiza a relevância das classes para as trajetórias individuais e grupais, a segunda leva ao determinismo de classe. O autor propõe o retorno ao termo “culturas juvenis”, dessa vez no plural, postura interpretativa semelhante àquela que defende as “juventudes” também no plural, ou seja, a que se baseia na crença da diversidade de vivências dos membros desse grupo geracional.

O modelo de análise de Feixa “situa as culturas juvenis na interseção de dois planos convergentes: o das condições sociais de geração, gênero, classe, etnia e território, e o das imagens culturais que confluem na construção do estilo” (FEIXA, 1996, p. 71, tradução nossa)⁴. De acordo com essa leitura, as culturas juvenis surgem do cruzamento de várias estruturas sociais, entre as quais se destacam a cultura hegemônica, as culturas parentais e as culturas geracionais. Em relação às instâncias da cultura hegemônica (governo, escola, exército, meios de comunicação etc.), os jovens estabelecem relações contraditórias de integração e conflito, que se alteram com o tempo. Já as culturas parentais referem-se a normas de conduta e valores vigentes no meio social de origem dos jovens transmitidas não apenas pela família, mas também pelas interações com a vizinhança, o bairro, redes de amizade etc. Enquanto isso, as culturas geracionais se referem aos comportamentos, valores e

² Bricolagem e homologia são dois conceitos que Feixa toma emprestado da Semiótica.

³ Escola britânica de pensamento voltada para os Estudos Culturais

⁴ “[...] el uso del término *culturas juveniles*, planteo un modelo de análisis, basado en la metáfora del *reloj de arena*, que sitúa a las culturas juveniles en la intersección de dos planos convergentes: el de las condiciones sociales de generación, género, clase, etnia y territorio; y el de las imágenes culturales que confluyen en la construcción del estilo.”

estilos adquiridos pelos jovens a partir da relação com grupos de iguais, seja em espaços institucionais, parentais ou, principalmente, em espaços de lazer. (FEIXA, 1996, p. 74-75). O autor define estilo como a manifestação simbólica das culturas juvenis, expressada no conjunto de elementos materiais e imateriais que os jovens consideram representativos de sua identidade enquanto grupo – a moda, a música, a linguagem, as práticas culturais. Essas manifestações levam aos movimentos juvenis transnacionais rotulados pelos próprios atores ou pelos meios de comunicação, a exemplo do movimento hippie e punk, entre outros (FEIXA, 1996, p. 73-81).

Feixa também relaciona as culturas juvenis ao conceito de culturas subalternas, definido por Antonio Gramsci⁵ como as culturas dos setores dominados que se caracterizam pela precária integração à cultura hegemônica. A partir dessa perspectiva, a não integração (ou integração parcial) nas estruturas produtivas seria uma característica essencial da juventude (FEIXA, 1996, p. 74).

Os jovens, incluindo os oriundos das classes dominantes, se acostumam a ter escasso controle sobre a maior parte dos aspectos decisivos em sua vida e estão submetidos à tutela (mais ou menos explícita) de instituições adultas. O que diferencia a condição juvenil de outras condições sociais subalternas (como a dos camponeses, das mulheres e das minorias étnicas) é que se trata de uma condição transitória [...]. (FEIXA, 1996, p. 74, tradução nossa)⁶

A noção de *teenager* (adolescente) surge no mesmo período em que as culturas juvenis se disseminam, entre 1950 e 1960, a fim de marcar ainda melhor a transição para a vida adulta, estágio entendido socialmente como o auge da existência humana. Entre essas classificações etárias se instala a seguinte oposição: ao adulto compete a responsabilidade, enquanto ao adolescente e ao jovem caberia um tempo para a experimentação e o erro (ABRAMO, 1994 apud DAYRELL, 2001). Essa compreensão, no entanto, deve ser relativizada tendo em vista a perspectiva da juventude plural colocada acima. Afinal, a qual jovem é permitido o erro? Certamente o jovem negro e pobre da periferia, constantemente abordado pela polícia, não pode vivenciar uma fase de experimentação das drogas, correndo o

⁵ Esse conceito foi abordado por Gramsci em seus Cadernos do Cárcere, conjunto de escritos produzido entre 1929 e 1935, período em que esteve na prisão na Itália por motivos políticos. As edições foram lançadas no Brasil pela editora Civilização Brasileira, entre 1999 e 2002, coordenadas por Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luís Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira.

⁶ “Los jóvenes, incluso los que provienen de las clases dominantes, acostumbran a tener escaso control sobre la mayor parte de aspectos decisivos en su vida, y están sometidos a la tutela (más o menos explícita) de instituciones adultas. Lo que diferencia a la condición juvenil de otras condiciones sociales subalternas (como la de los campesinos, las mujeres y las minorias étnicas) es que se trata de una condición transitória [...]”

risco de ser preso até por porte de desinfetante e água sanitária, como vimos em caso recente⁷, ao passo que o mesmo tratamento não é dispensado ao jovem branco de classe média.

As noções de juventude e adolescência continuam a se misturar, mesmo no âmbito político: no Brasil, o adolescente é entendido como o indivíduo com idade entre 12 e 18 anos (BRASIL, 1990), enquanto jovem é aquele que tem entre 15 e 29 anos (BRASIL, 2013).⁸ Mas, embora desde 1988 a Constituição Federal reconheça crianças e adolescentes como sujeitos de direitos (BRASIL, 1988), estabelecendo o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990) como norteador para a criação de políticas públicas, a perspectiva de direitos ampliados para a juventude demorou a acontecer (SILVA; SILVA, 2011).

Na trajetória de políticas para os jovens, destaca-se, em 2003, a implementação da Comissão Especial de Juventude na Câmara Federal dos Deputados, seguida, em 2005, da criação da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem, Lei nº 11.129) (SILVA; SILVA, 2011). Esse movimento resultou no Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013)⁹, regulamentado em 2013 após dez anos de tramitação. O documento estabelece 11 direitos a serem garantidas pelos agentes públicos ou privados envolvidos com políticas públicas de juventude. O acesso à educação, ao trabalho, à saúde e à cultura já estavam previstos na Constituição, mas outros merecem destaque pela novidade: o direito à participação na formulação e avaliação de políticas, ao território e mobilidade, à livre orientação sexual e à sustentabilidade. Dois benefícios também foram concedidos pelo estatuto aos jovens de baixa renda, inscritos no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal - CadÚnico: a meia-entrada em eventos culturais e esportivos, além da gratuidade e desconto no transporte interestadual.

O avanço nas políticas para a juventude considera o expressivo número desse segmento na população brasileira, o qual não pode mais ser ignorado: segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), em 2018 havia 47,3 milhões de jovens

⁷ Referência a Rafael Braga, preso no contexto das manifestações de junho de 2013 por porte de desinfetante Pinho Sol e água sanitária. No flagrante, o então catador de material reciclável afirmou que a polícia forjou 0,6 gramas de maconha e 9,6 gramas de cocaína em seus pertences. Seu caso pode ser comparado ao de Breno Borges, jovem branco e filho de desembargadora que recebeu outro tratamento quando abordado com 130 quilos de maconha, uma pistola nove milímetros e 199 munições de fuzil calibre 7,62, de uso exclusivo das forças armadas: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/07/27/rafael-braga-e-breno-borges-quando-9g-de-racismo-pesam-mais-que-129kg-de-maconha/>. Acesso em: 22 ago. 2018.

⁸ Antes do Estatuto da Juventude, a faixa etária que delimitava a juventude ia de 15 a 24 anos, concepção que a Organização das Nações Unidas (ONU) ainda adota.

⁹ Adolescentes de 15 a 18 anos passaram a ser atendidos por duas leis a partir de então. No entanto, para não haver conflito de interpretação, o novo estatuto prevê que as diretrizes da ECA se sobrepõem a ele.

entre 15 e 29 anos no país, o que representa 23% do total da população (IBGE, 2018a). Na Bahia, se considerarmos os últimos dados oficiais do Censo 2010, notamos que os jovens representam 28,1% do número global de habitantes, com disparidades regionais evidentes: Salvador tem um índice superior à média nacional e estadual (28,2%), enquanto a cidade a ser investigada neste trabalho, Senhor do Bonfim, tem média um pouco inferior (26,2%). Se cruzamos esses números com as taxas de ocupação e renda dessas cidades, podemos entender a razão da diferença. Em 2016, a proporção de pessoas ocupadas em postos de trabalho em relação à população total era de 11,2% em Senhor do Bonfim e 30,5% em Salvador, enquanto o salário médio mensal dos trabalhadores formais era de 1,8 e 3,5 salários mínimos, respectivamente. Possibilidades desiguais de acesso ao trabalho e ampliação de renda historicamente resultam na migração de jovens para as grandes cidades, o que certamente justifica o menor índice dessa população em Senhor do Bonfim e em outras cidades do interior.

Investigações mais apuradas sobre jovens moradores de pequenas e médias cidades do Brasil não foram encontradas, mas uma breve apresentação de índices nacionais já permite importantes considerações. Ao observar índices sociais do período entre 2004 a 2014, Marília Sposito, Raquel Souza e Fernanda Silva (2018) lembram um cenário positivo. Os dados comparativos indicam maior acesso à educação e emprego, resultado das políticas públicas surgidas nos últimos 15 anos relacionadas a ações afirmativas, distribuição de renda, programa de bolsas e financiamento estudantil, ampliação de postos de trabalho formal e aumento do número de vagas nas universidades públicas, entre outras. Na faixa etária de 18 a 24 anos, por exemplo, o número de estudantes matriculados no Ensino Superior saltou de 33% para 58,5% em uma década.

Nos últimos anos, no entanto, verificamos uma retração dessas taxas. Enquanto em 2014 os jovens que não trabalhavam ou desenvolviam atividade remunerada representavam 22,7%, esse índice chegou a 25,8% em 2016. Em 2018, esse número caiu, mas ainda chama a atenção: naquele ano, 34,9% dos jovens trabalhavam, 28,6% estudavam, 13,5% conciliavam as duas atividades e 23% não estavam ocupados nem estudavam (IBGE, 2018a). Aqui, verificamos um desequilíbrio entre as raças e gêneros. Enquanto o percentual de brancos que não estudam ou trabalham representa 18,5%, entre os pretos ou pardos esse número sobe para 25,8%. Já o percentual de mulheres que nem trabalhavam nem estudavam em 2018 era de 28,4%, a taxa masculina, por sua vez, era de 17,6%. Isso aponta para a presença da maternidade, dos afazeres domésticos e do cuidado com outros familiares em sua rotina:

23,3% das mulheres que não estudam dedicam-se exclusivamente a atividades dessa natureza, índice que soma apenas 0,8% no caso dos homens. Como aponta Feixa (1996),

[...] a juventude tem sido definida em muitas sociedades como um processo de emancipação da família de origem e de articulação de uma identidade própria, expressada normalmente no mundo público ou do trabalho. Em contraste, para as mulheres a juventude tem consistido geralmente na mudança de uma dependência familiar a outra, localizada na esfera privada. (FEIXA, 1996, p. 77, tradução nossa)¹⁰.

A invisibilização das mulheres nos espaços públicos, somada à falta de renda própria, repercute diretamente nas práticas culturais. A pesquisa “Cultura nas Capitais”¹¹, lançada pela JLeiva Cultura & Esporte em 2018, indica que, mesmo afirmando ter maior interesse por cultura do que os homens, o acesso das mulheres é inferior. O exemplo mais notável se refere aos museus, espaço cujo interesse delas é oito pontos percentuais maior que o dos homens (60% x 52%), enquanto o acesso é quatro pontos percentuais menor que o deles (29% x 33%) (LEIVA; MEIRELLES, 2018a, p. 58-59). Feixa questiona, no entanto, se ao invés de ausências, não estamos diante de um quadro no qual novas sociabilidades são conformadas. Desse modo, se as mulheres têm participação marginal em esferas como o rock, a sexualidade e a política, por exemplo, é possível que as relações de vizinhança, a cultura de fãs e as práticas culturais domiciliares ocupem lugar central em suas vidas (McRobbie; Garber, 1983 apud FEIXA, 1996, p. 77-78).

O conceito contemporâneo de juventude, associado aos índices da última década e dados mais recentes sobre a população dessa idade, demonstram que essa categoria social não pode mais ser entendida fora do contexto político em que se insere. É provável que a crise financeira e política intensificada a partir de 2013 no Brasil, e que segue em curso, modifique os indicadores e aponte para novas trajetórias juvenis; no entanto, Sposito, Souza e Silva (2018) lembram que

não é razoável supor que as mudanças observadas significarão, necessariamente, retorno aos patamares anteriores. Alterações no acesso ao sistema de ensino não serão revertidas totalmente, apesar das profundas desigualdades a serem observadas no mundo do trabalho e das ocupações. A produção de novas expectativas de consumo, as mudanças nas relações de gênero, a busca pelo reconhecimento das identidades étnico-raciais e das orientações afetivo-sexuais, o incremento de formas mais igualitárias nas interações sociais no espaço público, de modo a estabelecer a aceitação das

¹⁰ “De hecho, la juventud ha sido definida en muchas sociedades como un proceso de emancipación de la familia de origen y articulación de una identidad propia, expresada normalmente en el mundo público o laboral. En cambio, para las muchachas la juventud ha consistido habitualmente en el tránsito de una dependencia familiar a otra, ubicado en la esfera privada.”

¹¹ Disponível em: <<http://www.culturanascapitais.com.br/>>. Acesso em: 06 set. 2018.

diferenças, não serão eliminados facilmente e poderão ser traduzidos em novas demandas e conflitos sociais. (SPOSITO; SOUZA; SILVA, 2018, p. 4).

2.2 DAS PRÁTICAS AO CONSUMO CULTURAL

2.2.1 Os principais pressupostos teóricos

Neste tópico, tratamos da complexidade que está em jogo quando abordamos o consumo, a partir de definições mais ou menos estáveis e reflexões resultantes de pesquisas empíricas sobre o tema. De forma preliminar, definimos o consumo cultural como uma etapa do sistema cultural¹² relacionada à recepção e fruição dos públicos. Entendida como a única etapa que não exige profissionalização, uma vez que qualquer pessoa pode se tornar público, sem ela todo ciclo cultural faz-se incompleto (RUBIM, 2007, p. 155-156). Por públicos, entendemos os conjuntos de espectadores de uma obra ou espetáculo, nunca descritos no singular, uma vez que existem diferentes trajetórias e expectativas dos indivíduos frente aos produtos que acabam por moldar suas experiências (FLEURY, 2009).

De modo mais aprofundado, a abordagem sobre o consumo cultural exige a compreensão sobre a sociedade de consumo em que estamos imersos e as especificidades da cultura nesse processo. Desde o início do século XVII, consumo e consumismo são, muitas vezes, equivocadamente descritos como a mesma coisa, entendidos como um ato supérfluo efetuado em larga escala por pessoas hedonistas e individualistas (BARBOSA, 2004). Essa concepção ao longo dos anos se altera, resultando na percepção do consumo também como ato político, que ajuda na reafirmação de identidades e na inversão de exclusões. Um exemplo nesse sentido é o *Black Money*¹³, movimento de empreendedorismo negro que busca movimentar a renda da população afrodescendente, fomentando uma produção de negros para negros, a partir de produtos que atendam a seus interesses específicos.

Lívia Barbosa (2004) afirma que o tema do consumo adquiriu interesse sociológico na década de 1980, motivado por dois fatores. O primeiro foi a compreensão de que consumir é, em essência, uma atividade cultural, por meio da qual “identidades, relações e instituições sociais são formadas, mantidas e mudadas ao longo do tempo” (BARBOSA, 2004, p. 13), e por isso central no processo de reprodução social. Esses modos de reprodução, no entanto,

¹² Rubim (2007, p. 153) defende que o Sistema Cultural é composto por sete etapas: “1. Criação, invenção e inovação; 2. Difusão, divulgação e transmissão; 3. Circulação, intercâmbios, trocas, cooperação; 4. Análise, crítica, estudo, investigação, pesquisa e reflexão; 5. Fruição, consumo e públicos; 6. Conservação e preservação; 7. Organização, legislação, gestão, produção da cultura”.

¹³ Mais informações sobre assunto: <<https://mundonegro.inf.br/precisamos-falar-sobre-o-black-money/>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=us126L6BK0g>>. Acesso em 27 ago. 2018.

não se perpetuam sem conflitos, assunto que trataremos adiante. O segundo fator provém do entendimento de que se instaurava, naquele período, uma sociedade de consumo, na qual consumir assumia uma função para além do preenchimento de necessidades até então estabelecidas.

[...] para alguns autores, a sociedade de consumo é aquela que pode ser definida por um tipo específico de consumo, o consumo de signo ou *commodity sign*, como é o caso de Jean Baudrillard em seu livro *A sociedade de consumo*. Para outros [...] englobaria características sociológicas para além do *commodity sign*, como consumo de massas e para as massas, alta taxa de consumo e de descarte de mercadorias per capita, presença de moda, sociedade de mercado, sentimento permanente de insaciabilidade e o consumidor como um de seus principais personagens sociais. (BARBOSA, 2004, p. 8)

Em seu trabalho, Barbosa aborda a diferença entre sociedade de consumo e cultura de consumo, termos que, apesar de associados, não são equivalentes. Afirmar que um território se caracteriza como uma sociedade de consumo quer dizer que as relações mercantis prevalecem ali, o que não significa necessariamente que, do ponto de vista cultural, o consumo seja utilizado como a principal forma de distinção social, podendo haver outros fatores mais relevantes, como a etnia e a religião (BARBOSA, 2004, p. 9). Alguns autores – como Baudrillard, já citado – irão tratar a noção de cultura de consumo como um prejuízo social, associada à perda de autenticidade, ao passo que outros – como Bourdieu – preferem abordar “como o consumo se conecta com outras esferas da experiência humana e em que medida ele funciona como uma ‘janela’ para o entendimento de múltiplos processos sociais e culturais” (BARBOSA, 2004, p. 11), perspectiva a que nos associamos para realizar este trabalho.

Néstor García Canclini (1993) avança sobre as definições apresentadas, identificando seis modelos interpretativos sobre o consumo. Os modelos mais elaborados partem da crítica à noção de “necessidades”.

O que chamamos de necessidades – incluindo as de maior base biológica – surgem em suas diversas “apresentações” culturais como resultado da interiorização de determinações da sociedade e da elaboração psicossocial dos desejos. A classe, a etnia e o grupo a que pertencemos nos acostuma a necessitar de tais objetos e a nos apropriar deles de certa maneira. (CANCLINI, 1993, p. 22, tradução nossa)¹⁴

¹⁴ “Lo que llamamos necesidades - aun las de mayor base biológica - surgen em sus diversas “presentaciones” culturales como resultado de la interiorización de determinaciones de la sociedad y de la elaboración psicossocial de los deseos. La clase, la etnia o el grupo al que pertenecemos nos acostumbra a necesitar tales objetos y a apropiarlos de cierta manera.”

Canclini rejeita ainda a “concepção instrumental dos bens”. No sentido comum, supõe-se que os bens seriam produzidos por seu valor de uso, mas foram descobertos outros tipos de valor que condicionam a existência, circulação e uso dos objetos: o valor de mercado e valor simbólico. Um exemplo dado pelo autor refere-se à predominância dos automóveis sobre o transporte público nas cidades, que não se justifica pela necessidade de locomoção ou pelo valor de uso, mas sim pela lógica de manutenção de mais ganhos aos fabricantes de carros e, em paralelo, de distinção entre tipos de passageiros – entre a pessoa que se desloca por meio de transporte público, carro popular ou carro de luxo, há uma enorme diferença em termos de “prestígio”.

O autor também delimita a especificidade do consumo quando associado à cultura, definindo consumo cultural “como o conjunto de processos de apropriação e usos de produtos nos quais o valor simbólico prevalece sobre os valores de uso e de troca, ou ao menos onde estes últimos estão subordinados à dimensão simbólica” (CANCLINI, 1993, p. 34, tradução nossa¹⁵). Ele assume que o termo “consumo” o incomoda, devido ao excesso de referências econômicas que carrega, mas ainda o vê como o mais potente se compararmos com outras noções afins – recepção, apropriação, audiências ou usos, por exemplo.

Dito isso, apresentamos os modelos de Canclini (1993, p. 25-32) lembrando que tratam de explicações de aspectos do consumo e, assim sendo, não são autossuficientes ou excludentes. Enquanto um modelo se adapta a um tipo de consumo ou a um tipo de produto, pode não se adequar a outros. Iniciamos por aquele que reduz o consumo ao lugar de reprodução da força de trabalho e expansão do capital, fazendo entender que as classes dominantes provocam nas classes dominadas necessidades artificiais e estabelecem modos de satisfazê-las em função de seus interesses. O modelo 1, portanto, desconsidera os modos de apropriação e usos desempenhados pelos consumidores. Sua oposição aparece no modelo 2, que vê o consumo não como um canal de imposições verticais, mas sim como cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelas maneiras de usá-lo, em uma perspectiva centrada no consumidor. O modelo 3 entende o consumo como lugar de diferenciação social e distinção simbólica entre os grupos, enquanto o modelo 4 o vê, pelo contrário, como sistema de integração e comunicação, no qual consumir é também compartilhar significados. Já o modelo 5 trata o consumo como cenário de objetivação dos desejos e, por fim, o modelo 6 é

¹⁵ “[...] es posible definir la particularidad del consumo cultural como el conjunto de procesos de apropiación y usos de productos en los que el valor simbólico prevalece sobre los valores de uso y de cambio, o donde al menos estos últimos se configuran subordinados a la dimensión simbólica.”

caracterizado como processo ritual, compreendendo que, para além de satisfazer interesses, apropriar-se dos objetos é carregá-los de significados.

Entendendo que alguns modelos apresentados por Canclini são mais relevantes que outros para a pesquisa, vale registrar algumas observações. O retorno ao modelo 1 serve para marcar uma posição contrária a seu pressuposto. Tanto na obra de 1993, já abordada, quanto no trabalho seguinte, “Consumidores e Cidadãos” (1995), Canclini defende que no consumo ocorrem movimentos de assimilação e negociação a partir daquilo que os emissores propõem, concepção que corrobora com diversos autores dos Estudos Culturais americanos e ingleses, como Stuart Hall, e se associa também ao conceito de tática em oposição ao de estratégia defendido por Michel de Certeau (1994). As táticas são entendidas como ações desviacionistas que geram efeitos imprevisíveis sobre uma ordem estabelecida pelas estratégias, que correspondem à força empregada por um agente/instituição detentor de algum tipo de poder.

De acordo com essa interpretação que defende a autonomia do sujeito, entre o que é oferecido pelos produtores e utilizado pelos consumidores emergem diversos cenários: a família, amigos e demais instâncias microsociais (CANCLINI, 1993). Essa pluralidade de contextos, que marca qualquer individualidade e se mostra incoerente e contraditória em alguns casos (CERTEAU, 1994), é o que permite ao indivíduo desviar da leitura sugerida pelo produtor de determinado conteúdo, num ato de “antidisciplina”, uma espécie de resistência em relação às imposições sociais. Assim, chegamos à concepção do consumidor cultural como um agente ativo, cujo uso de produtos, serviços e, conseqüentemente, valores, diz muito sobre si, mas também sobre a sociedade, os grupos e as localidades em que ele vive (CANCLINI, 2010).

Também merece destaque o modelo 3, em sua concepção de que as mercadorias são utilizadas para demarcar distinções sociais. Falar desse tema automaticamente nos remete a Bourdieu (2007a)¹⁶ e a uma de suas obras mais clássicas, “A distinção: crítica social do julgamento” (1979), na qual, apesar de não elaborar teorias sobre o consumo, problematiza as práticas de consumo como responsáveis pela criação e manutenção de relações de dominação e sujeição. Os conceitos de campo, capital, *habitus* e legitimidade cultural abordados em diferentes obras de Bourdieu (1989; 2007a; 2007b) explicam esse processo.

¹⁶ Apesar de ser reconhecido como uma referência fundamental sobre o tema, Bourdieu não inaugura a noção de distinção social tal qual é apresentada aqui. Laurent Fleury (2009, p. 93-101) apresenta um resumo dos teóricos que o antecederam nessa investigação – Norbert Elias, Jean-Paul Sartre, Thorstein Veblen, entre outros.

Campo é um espaço social que possui regras próprias e relativa autonomia, no qual se efetuam disputas entre aqueles que o integram a fim de alcançar certas posições, que só são conquistadas a partir do grau de capital possuído: quem tem mais capital, sobe na escala daquele campo. O capital cultural¹⁷ é uma dessas modalidades que pode ser alimentada, tendo influência fundamental nesse processo a educação repassada desde a infância pela família e, em sequência, pela escola. O volume desse capital indica a probabilidade de acesso e familiaridade com as práticas culturais mais legítimas. Em resumo, para garantir o topo da hierarquia de um campo é preciso ter maior capital e, para que isso seja possível, entra em cena o *habitus*. Essa noção diz sobre o “vir a ser”, tendência que determinado grupo tem a acessar ou adquirir determinadas estruturas (políticas, econômicas, valores) e práticas (sejam artísticas, religiosas, alimentares etc.), uma vez que o *habitus* gera esquemas comuns de percepção, pensamento e ação.

Essas disposições se formam e se adquirem através de uma série de condicionamentos produzidos por modos de vida determinados e são como a materialização, a corporificação da memória coletiva reproduzindo nos descendentes aquilo que foi adquirido pelos antepassados. [...] É esse *habitus*, ainda, o responsável pela “naturalização” de traços característicos desse indivíduo ou grupo, quer dizer, por apresentar como próprios e, não raro, inelutáveis (porque *naturais, tradicionais*), um conjunto de atitudes, comportamentos, ideias, reações, expressões etc. É ainda o *habitus* que explica a homogeneização do gosto [...] e torna compreensíveis e, mais que isso [...], *previsíveis* as preferências e as práticas de cada uma das pessoas componentes desse grupo e do grupo ele próprio. (COELHO, 2008, p. 27-28)

Cada campo privilegia um *habitus* que leva à ampliação do grau de capital e, no caso da cultura, trata-se do *habitus* “culto”, relacionado às práticas eruditas. Essa segmentação é quem fomenta a construção de barreiras simbólicas entre diferentes grupos sociais. Nesse momento, entra em cena a teoria da legitimidade cultural, que explica que as práticas culturais dos grupos, mais do que diferenciadas, são hierarquizadas. Criada em oposição à ideologia do “gosto natural”, até então entendida como uma sensibilidade inata a alguns sujeitos e não a outros, essa teoria “empenhou-se em mostrar que existe uma correspondência estatística entre a hierarquia das artes (ou dos gêneros) e a hierarquia social/escolar dos consumidores ou dos públicos.” (LAHIRE, 2006, p. 37).

Bourdieu opõe totalmente a cultura legítima das classes dominantes à cultura popular a partir das *escolhas de necessidade* das classes populares, associadas aos consumos da vida cotidiana, opostas às *escolhas de liberdade* da classe dominante. As relações que as classes populares desempenham com a cultura legítima são, segundo ele, pensadas em termos do

¹⁷ Outras modalidades são o capital econômico, simbólico e social.

desapossamento, da resignação, da imitação ou da exclusão. O respeito de um princípio de conformidade seria típico das classes populares e antitético do regime de singularidade buscada pela classe dominante como vetor de distinção. (FLEURY, 2009, p. 91)

Mas se os grupos dominantes buscam o monopólio dos bens mais valorosos, à medida que se popularizam, esses bens perdem o valor. A corrida em busca de novos produtos distintivos se inicia e, frente aos produtos já disseminados, o “como usar” ganha mais importância do que “o que” está sendo usado. Essa discussão encontra paralelo com o tema da apropriação da cultura popular pelas modalidades dominantes da cultura, abordadas na primeira parte desse capítulo. Se uma festa antes restrita às classes mais altas começa a se popularizar, os camarotes surgem para separar um grupo social do outro. Se um gênero popular como o rap atinge outro patamar de visibilidade, passando a ser incluído no guarda-chuva da Música Popular Brasileira, logo seus usos se alteram e versões acústicas, mais palatáveis, se disseminam¹⁸. Exemplos como esses servem para apresentar nuances sobre a questão da legitimidade, mas não podemos deixar de considerar o que um dos principais críticos da obra de Bourdieu, Lahire (2006, p. 39) alerta: “só se pode falar de legitimidade cultural se, e apenas se, um indivíduo, um grupo ou uma comunidade crê na importância, e muitas vezes mesmo na superioridade, de certas atividades e de certos bens culturais em relação a outros.”.

Essa declaração se relaciona diretamente com o modelo 4 proposto por Canclini (1993): consumir é também compartilhar significados. Desse modo, uma festa de forró pode ser vista como uma prática ilegítima ou distintiva a depender do contexto em que se insere: em Senhor do Bonfim, a exemplo de outras cidades do interior do Nordeste, o grande evento do ano é uma festa privada desse gênero musical¹⁹ e seus participantes serão vistos como mais nobres à medida que adquirirem os melhores ingressos. Essa busca de compartilhamento de significados se verifica em especial no caso dos jovens, público de interesse desta pesquisa. A já citada influência da família e escola na trajetória dos indivíduos se reduz nessa etapa da vida, sobrepondo-se a ela a importância da validação dos grupos de pares (FLEURY, 2009). Desse modo, atividades feitas em conjunto e que permitam a discussão, como a música e o

¹⁸ A premiada série norte-americana “Atlanta”, do canal FX, ironizou esse comportamento cada vez mais frequente em um dos seus episódios. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D4IqH_pWUrM. Acesso em 28 ago. 2018. No Brasil, uma youtuber conhecida por essa prática é Mariana Nolasco, hoje com carreira musical própria. Disponível em: <https://goo.gl/vYskqZ>. Acesso em 28 ago. 2018.

¹⁹ Faço referência ao Forró do Sfrega, evento realizado em Senhor do Bonfim durante o São João que em 2019 completa 20 anos.

cinema, serão preferidas pelos jovens em comparação com práticas solitárias, como a leitura (LAHIRE, 2006).

Acerca das instâncias que influenciam as práticas, Fleury (2009) afirma que podem ser de duas naturezas: instâncias de socialização primária (família, escola, amigos) e secundárias (variações individuais a partir das primeiras modalidades).

Ao passo que mesmo a socialização primária se revela estruturadora, mas não determinante, de práticas futuras, ela não pode aparecer como condição nem necessária nem suficiente dessas mesmas práticas. Interessar-se pela socialização secundária volta ainda mais a caracterizar a socialização por sua falta de acabamento, constitutiva do próprio processo pelo qual ela se define. (FLEURY, 2009, p. 160)

A premissa que considera os dois tipos de socialização guia esse trabalho, fundamentando-se na proposta de Lahire (2006), autor que avança sobre as contribuições de Bourdieu (2007a) a respeito da influência dos graus de escolaridade e classe social no consumo cultural.

Ao efetuar uma análise sobre as diferenças entre as ideias dos dois autores, Bourdieu e Lahire, Ana Rodrigues Alves (2016) explica justamente como o segundo ultrapassa a invocação do passado incorporado (com foco nas socializações primárias), investigando a constituição e as modalidades de atualização desse passado. Lahire vai, portanto, além da evocação das operações do *habitus* bourdeusiano, investigando seus mecanismos de consolidação e de suspensão/ação ou de inibição/ativação. Isso leva em conta que cada indivíduo é portador de uma pluralidade de disposições e atravessa uma pluralidade de contextos sociais. Um exemplo é o jovem que em casa, sozinho, ouve jazz, mas em festas, em companhia dos amigos, ouve pagode. Ou mesmo aquele que, em relação ao audiovisual, é fiel tanto a novelas na TV aberta, quanto a documentários na TV fechada e dramas no cinema. Os exemplos são pertinentes para ilustrar a concepção de Lahire de que os indivíduos “podem fazer parte de públicos diversificados e até mesmo heterogêneos para constatar que não há uma fronteira definitiva entre legitimidade cultural e ilegitimidade cultural, separando as classes dominantes das classes dominadas.” (ALVES, 2016, p. 316).

Lahire não nega a influência da escolaridade e da classe social no percurso dos indivíduos e na probabilidade de acesso às práticas culturais²⁰. Com base na pesquisa “Práticas culturais dos Franceses 1997” e em uma série de 111 entrevistas, o que ele faz no

²⁰ Assim como na França, nas principais pesquisas brasileiras sobre consumo cultural continuam identificando o peso das variáveis escolaridade e classe social no acesso às práticas, tais como o “Panorama Nacional da Cultura Brasileira 2013-2014”, “Cultura SP - Hábitos Culturais dos Paulistas” e “O Uso do Tempo Livre e as Práticas Culturais na Região Metropolitana de São Paulo”.

livro “A Cultura dos Indivíduos” é examinar as variações intraindividuais do público para além das diferenças entre os grupos, averiguando os contextos em que as práticas culturais se efetuam e quais as disposições individuais ou influências relacionais (conjugais, de amigos, família etc.) interferem no consumo. Essa proposta teórica, entendida como “sociologia à escala individual”, propõe um estudo que apreenda o social refratado num corpo individual, que atravessa instituições, grupos e campos de luta diferentes, chegando à compreensão de que diferentes socializações fomentam diferentes práticas.

A reflexão sobre os conceitos abordados nesse tópico direcionam este trabalho por um caminho que entende o consumo cultural como modo de distinção social, mas também de identificação e aproximação entre semelhantes; como um ato que remete ao grupo social, mas também à individualidade; resultado de condições objetivas como a escolaridade e renda, mas também afetivas como a relação que se estabelece com os pares: ação que, como o próprio nome indica, subentende movimento e, portanto, merece ser lido a partir das suas nuances.

2.2.2 As pesquisas nacionais e o consumo cultural dos jovens brasileiros

O estudo sobre públicos recebeu atenção pela primeira vez em 1963 na França, quando o então recém-fundado Serviço de Estudos e Pesquisa do Ministério dos Negócios Culturais, criado em 1961, encomendou a Bourdieu uma pesquisa sobre a frequência dos museus na Europa²¹ (FLEURY, 2009). Esse interesse tem relação fundamental com a construção de políticas culturais naquele país, que desde então dá destaque à formação de públicos em sua atuação. Em 1973 – e de forma contínua nos anos de 1981, 1988, 1997 e 2008 – outra ferramenta com objetivo semelhante foi lançada pelo governo, dessa vez para consultar sobre um universo maior de práticas culturais da população francesa. A sondagem, intitulada “As práticas culturais dos franceses”, constatou o fracasso das políticas de democratização da cultura naquele país, indicando que os níveis de renda e educação continuavam determinantes para o consumo cultural, independentemente do ano, em especial quando consideradas as práticas mais legítimas (visitas a museus, monumentos históricos, teatros, concertos de música clássica ou de ópera) (COULANGEON, 2006).

No Brasil, as principais políticas públicas voltadas à criação de indicadores culturais nunca tiveram como foco o consumo cultural, cabendo à sociedade civil a realização de pesquisas com essa finalidade. Observaremos, a partir de agora, os dados de três sondagens nacionais a respeito do consumo dos brasileiros: a pesquisa Públicos da Cultura 2013/2014,

²¹ A pesquisa resultou no livro “O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público”, cuja primeira edição foi lançada em 1966

realizada pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) e Fundação Perseu Abramo; o Panorama Setorial da Cultura Brasileira 2013/2014, realizado por Gisele Jordão e Renata Alucci com patrocínio da Vale através da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet); e a pesquisa Cultura nas Capitais 2018, realizada pela JLeiva Cultura & Esporte com patrocínio do Instituto CCR e Braskem, também por meio da Lei Rouanet. Há outros exemplos significativos²² neste campo de pesquisa, mas a escolha pelas três sondagens citadas se justifica pela abrangência de cidades investigadas, no caso da pesquisa Públicos da Cultura; qualidade da metodologia, no caso do Panorama Setorial da Cultura Brasileira; quantidade de público pesquisado e atualidade, no caso da Cultura nas Capitais.

A pesquisa Públicos da Cultura entrevistou 2.400 pessoas em 139 municípios de 25 estados, distribuídos entre capitais, regiões metropolitanas e interior, em área urbana ou rural (SESC, 2014). A pesquisa analisa o uso do tempo livre da população investigada, perspectiva que engloba, mas vai além, do estudo dos públicos da cultura. As perguntas iniciais da sondagem voltam-se à compreensão do que as pessoas costumam fazer nas horas livres nos finais de semana e dias úteis, qual o tempo dedicado a cada atividade, e o que priorizariam caso não houvesse limitação de tempo, dinheiro ou permissão de alguém. Após essa etapa, o estudo se dedica especificamente às atividades artísticas para observar as distâncias entre acesso e não acesso.

Nessa fase, observamos que, entre as 19 atividades sugeridas, apenas oito foram realizadas em algum momento da vida pela maior parte da amostra, sendo os espaços não formais priorizados. São elas: assistir a um filme em casa ou outro lugar diferente do cinema (91%), dançar em bailes e baladas (80%), ir ao cinema (78%) e ao circo tradicional (72%), ler um livro por prazer (69%), assistir a um show de música em casa ou outro local diferente de casas de espetáculos (69%), ir a bibliotecas (58%) e assistir a apresentações de dança em local diferente de casas de espetáculos (52%). As justificativas mais comuns atribuídas a não frequência são a falta de apreço por determinadas atividades e a inexistência de algumas delas na cidade do respondente. O público também afirma em alguns casos não ter costume e/ou não achar certas atividades interessantes.

²² Outras pesquisas consideradas: Pesquisa Nacional sobre Hábitos Culturais 2007-2016 (Fecomércio/RJ e Instituto Ipsos); Cultura SP - Hábitos Culturais dos Paulistas (JLeiva Cultura e Esporte); O Uso do Tempo Livre e as Práticas Culturais na Região Metropolitana de São Paulo (CEM/USP); Cultura e Equipamentos Culturais na Zona Nobre do Rio e de São Paulo (FGV); Hábitos Culturais dos Cariocas (Datafolha); Perfil Cultural dos Cariocas (JLeiva Cultura e Esporte), Cultura em Salvador (JLeiva Cultura e Esporte); TIC Cultura (Cetic.br e Cebrap).

Quando observamos os dados do Nordeste, vemos as distâncias em relação às práticas ainda mais acentuadas. Em cinco atividades, o nordestino apresenta dez pontos percentuais abaixo da média nacional: ir ao cinema, ler um livro por prazer, ir a bibliotecas, ir ao museu ou galeria para apreciar exposições de fotografia, pintura, escultura ou outras artes. As únicas atividades que os moradores da região consumiram acima da média relacionam-se ao circo: seja a manifestação tradicional com lona e picadeiro (74%, ou seja, dois pontos acima do índice nacional) ou o circo apresentado em outros espaços (43%, quatro pontos acima da média).

Passando da observação do que é feito pelo público para a compreensão dos fatores que estimulam esse consumo, a pesquisa corrobora a literatura sobre o tema. Ao analisar o público que tem “alta fruição” em práticas consideradas eruditas – exposições, concertos de música clássica, ópera, teatro, dança e leitura – ou mesmo populares – saídas para dançar, circo, cinema e shows –, constata-se, em especial, o peso da variável escolaridade. No que se refere ao consumo de atividades eruditas, a progressão é linear: quanto maior a escolaridade, maior o consumo. Ainda que no caso das práticas populares essa sequência não seja exata, continua válida a observação de que o público com menor escolaridade tem menor frequência. Outras três variáveis explicam o consumo erudito: quanto mais alta a renda de uma pessoa, maior o tamanho da cidade onde mora e menor o número de horas dedicadas ao trabalho e/ou estudo, maior a frequência. No caso das atividades populares, a equação “maior renda é igual a maior acesso” segue verdadeira e o tamanho da cidade continua relevante: ainda que não siga uma progressão contínua, os moradores das cidades menores têm menor frequência.

A segunda pesquisa avaliada, o Panorama Setorial da Cultura Brasileira, entrevistou 1.620 pessoas de 74 municípios com mais de 100 mil habitantes, com idade entre 16 e 75 anos. Além de dados demográficos, a pesquisa averiguou a experiência do público com outras culturas, hábitos das famílias, grau de interesse pelas práticas, frequência entre atividades realizadas dentro e fora de casa, proximidade com artistas, quantidade de tempo livre destinado à cultura, companhias preferidas para a prática, influências decisivas para o consumo, benefícios esperados e qual a definição de cultura da amostra. As principais conclusões do trabalho são: a) existe uma grande relação entre o envolvimento que os pais tinham com atividades durante a infância do entrevistado e o que ele realiza atualmente; b) quanto menor a faixa etária e maior a classe/renda e o grau de instrução, maior a tendência em realizar atividades ligadas à cultura; c) quanto maior a proximidade dos indivíduos com

práticas culturais, maior o interesse em ampliar seus conhecimentos por meio de novas atividades; d) o principal motivador que alavanca a prática cultural é a percepção da diversão durante o consumo da atividade.

Por não possuir uma plataforma interativa de verificação de dados, a pesquisa reduz a possibilidade de avaliação das nuances do consumo por estado, idade, classe e escolaridade, marcadores fundamentais para análise das desigualdades. Abordaremos, portanto, números sobre a média nacional, os quais já permitem uma riqueza interpretativa. As atividades que podem ser praticadas em casa têm maior adesão por parte dos consumidores brasileiros. Nos últimos 12 meses, menos da metade da amostra realizou alguma prática fora de casa. A prática religiosa e o cinema foram as atividades mais citadas pelos entrevistados, representando 42% e 38% da amostra, respectivamente. Quando questionados sobre o que mais costumam praticar, em uma perspectiva de “volume”, o consumo doméstico também se verifica mais significativo. Ouvir música (44%) é a primeira atividade declarada, seguida por assistir à TV (39%), ouvir rádio (35%) e acessar a internet (30%). A primeira atividade fora do lar citada é a ida ao cinema (25%), que, segundo os entrevistados, tem frequência maior que assistir a filmes em casa (20%).

Figura 1 – Atividades mais frequentadas pelos brasileiros, 2013

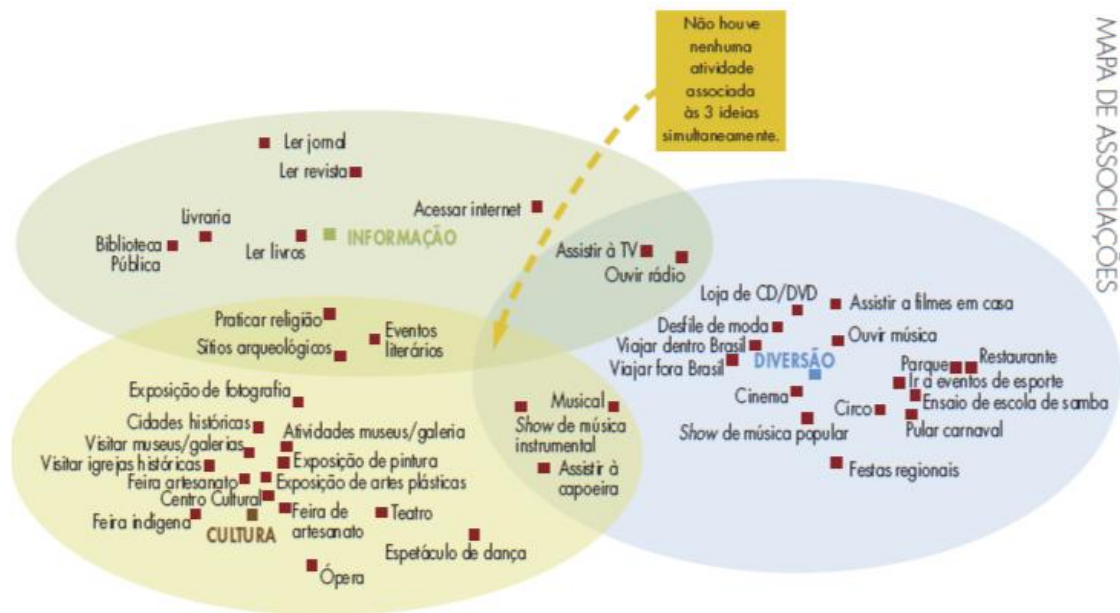
O que mais frequenta/pratica	TOTAL	O que mais frequenta/pratica	TOTAL
Ouvir música	44	Pular/participar/frequentar ensaio de escola de samba/bloco/trio elétrico durante o ano	3
Assistir à TV (aberta ou por assinatura/a cabo)	39	Visitar cidades históricas	2
Ouvir rádio	35	Ir à Biblioteca Pública	2
Acessar a internet	30	Visitar museus e galerias	2
Ir ao cinema	25	Assistir à roda de capoeira	1
Assistir a filmes em casa	20	Ir a eventos literários	1
Frequentar/praticar alguma religião	20	Viajar fora do Brasil	1
Ir a restaurante como atividade de lazer	17	Ir à feira indígena/ evento cultural indígena	1
Ir a parque/passear ao ar livre	16	Ir a espetáculos de dança	1
Ler jornal	14	Ir a Centros Culturais/ Artísticos	1
Ir a show de música popular	12	Ir a show de música instrumental/ orquestra/clássica/erudita	1
Ler livros	10	Ir à exposição de pintura e desenho	1
Ir a festas regionais/típicas/quermesses	10	Visitar sítios arqueológicos	1
Viajar dentro do Brasil	10	Ir à exposição de artes plásticas/ escultura/evento de artes plásticas	1
Assistir a eventos de esporte/estádio	8	Ir à feira afro-brasileira/ evento cultural afro-brasileiro	1
Ler revista	7	Participar de atividades em museus e galerias	-
Ir à loja de CD/DVD	7	Ir à ópera	-
Ir à feira de artesanato	5		
Ir à livreria	5		
Pular/participar/assistir Carnaval na rua (bloco/trio elétrico/frevo) ou no sambódromo	4		
Visitar igreja histórica	4		
Ir ao circo	4		
Ir ao teatro	4		
Ir a musical	4		

Fonte: Adaptado de Allucci e Jordão (2014, p. 55)

A investigação sobre quais atividades culturais os pais realizavam na infância dos entrevistados identificou maior incidência da frequência a algum tipo de religião e escuta de música, ambos com 67%. Essas são justamente as líderes do consumo atual do público. Outras atividades com respostas de mais da metade da amostra são: ir a parques/passear ao ar livre, com 54%, e frequentar festas regionais/típicas/quermesses, com 52%. A prática relatada como menos frequente entre os pais dos brasileiros foram as viagens internacionais, seguida pela ida ao teatro. Com índices muito próximos, a ida a museus e exposições ficou no terceiro lugar das atividades menos realizadas, e assistir a espetáculos musicais, de dança e a shows tomaram a quarta posição. Não por acaso, a frequência ao teatro (4%), a museus (2%) e a espetáculos de dança (1%) estão entre as mais baixas no consumo dos entrevistados.

Também merece destaque a apresentação da noção de cultura que o público entrevistado considera. A pesquisa solicitou aos respondentes que realizassem livre associação entre as práticas citadas e as ideias de diversão, informação e cultura. Os entrevistados tinham a opção de relacionar com cada atividade uma, duas, três ou nenhuma destas ideias. Os agrupamentos resultantes demonstram não só a noção dos brasileiros sobre cada prática, mas, principalmente, uma dimensão ativa da ideia de cultura construída pela amostra observada. As atividades citadas como as mais realizadas fora de casa (ir ao cinema, ir ao restaurante como lazer, passeios em parques/ao ar livre, viajar pelo Brasil, ir a shows de música popular e ir a festas regionais/típicas/quermesses) foram associadas à diversão. Entre as atividades mais apreciadas, três delas (ouvir música, ir ao cinema e ir a shows de música popular) são relacionadas apenas à diversão, outras duas (assistir à TV e ouvir rádio) conjuntamente à informação e à diversão, e uma delas (acessar a internet) apenas à informação. A única associada à cultura de alguma forma – e neste caso em associação conjunta com informação – foi a prática religiosa, atividade citada como a mais realizada fora de casa. Excetuando-se a religião, todas as outras atividades relacionadas de alguma forma com a ideia de cultura – individualmente ou mesmo em conjunto com informação ou com diversão – são as menos praticadas pelos respondentes brasileiros. Algumas delas são: ópera, dança, teatro, museus, cidades históricas e centros culturais. Esses dados podem ser vistos no mapa de associações apresentado abaixo.

Figura 1 - Mapa de associações, 2013



Fonte: Allucci e Jordão (2014, p. 69)

Esse mapa revela que o público entende a cultura como algo que não faz parte do seu cotidiano e está distante de sua experiência. Cultura não é algo associado à informação e à diversão na visão dos brasileiros, ou seja, a ideia de erudição ainda faz parte do imaginário coletivo (JORDÃO; ALLUCCI, 2014).

Partindo para a terceira pesquisa, a Cultura nas Capitais (LEIVA; MEIRELLES, 2018a), vemos que as conclusões não são muito diferentes. A pesquisa foi direcionada a 10.630 pessoas, maiores de 12 anos e moradoras de 12 capitais do país: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília, Fortaleza, Belo Horizonte, Manaus, Curitiba, Recife, Porto Alegre, Belém e São Luís. Essas são as cidades mais populosas do país, com exceção de São Luís (13^a), que substituiu Goiânia (11^a) para o que o Nordeste fosse melhor representado de forma proporcional. O questionário de 55 perguntas foi aplicado em 2017 pelo Instituto Datafolha em diferentes pontos de fluxo populacional das cidades, com média de 25 minutos por entrevista. Foi medido o interesse e frequência do público em relação a 14 categorias: ler livro, ir ao cinema, teatro, museu, show, festa popular, feira de artesanato, circo, dança, sarau, concerto, biblioteca, carnaval e praticar jogos eletrônicos.

O cinema é a atividade cultural mais praticada fora de casa pelos entrevistados, citado por 64% da amostra. No que se refere à exclusão²³, 9% dos entrevistados não foram a

²³ “Exclusão” é um termo adotado pelos realizadores da pesquisa Cultura nas Capitais, assim como ocorre em outras pesquisas, para se referir àqueles que, ao longo da vida, nunca consumiram um grande volume de categorias culturais. Nesta dissertação não adotamos o termo – por não concordar que o distanciamento em

nenhuma atividade cultural no último ano. Enquanto isso, 32% realizaram uma ou duas atividades (frequência baixa), 33% de três a cinco tipos de práticas (frequência média), 24% de seis a oito atividades (frequência alta), 12% consumiram nove ou mais atividades (frequência muito alta). Entre os jovens, o percentual daqueles que tiveram alto e muito alto consumo foram maiores: 30% e 14%. Cerca de um terço da população pesquisada depende de atividades gratuitas para poder ir a eventos culturais: 32% afirmam só ir a eventos gratuitos. Em Salvador, esse número é maior: 36%. Entre os jovens de 16 a 24 anos, considerando os dados nacionais, esse número é de 26%.

Os resultados indicam que o consumidor mais ativo é jovem, homem, tem nível superior e é classe A ou B. O padrão identificado diz que, conforme a idade avança, diminui o acesso a práticas culturais. “Ao contrário do que acontece em países desenvolvidos, onde a queda começa a ser mais significativa depois dos sessenta anos, no Brasil o processo é bem mais precoce: na maioria dos casos, ocorre já por volta dos quarenta. Em algumas atividades, até antes disso.” (LEIVA; MEIRELLES, 2018a, p. 71) Os piores índices de consumo cultural são de quem só fez o Ensino Fundamental, tem mais de 45 anos e pertence às classes D/E. A maior exclusão se verifica na frequência a concertos (66% da população nunca foi), saraus (58%) e teatro (37%). A população acima de 60 anos é a mais distante do acesso: metade da amostra dessa faixa etária realizou no máximo duas das 14 atividades relacionadas na pesquisa e, de cada cinco entrevistados, um não realizou nenhuma. A interpretação dos pesquisadores é a de que o avanço dos níveis de escolaridade no Brasil nos últimos 15 anos, como já ressaltado neste trabalho, vem influenciando a trajetória dos mais jovens no acesso à cultura, enquanto as gerações anteriores permanecem em um vácuo.

Os jovens [...] rompem com mais facilidade os limites socioeconômicos e culturais da pólis. De fato, é mais fácil um jovem de classe média e outro que mora numa favela se encontrarem num mesmo espaço – seja um bloco de carnaval, um show musical ou uma experiência de sarau – do que pessoas mais velhas pertencentes a diferentes classes socioeconômicas e culturais. As condições físicas dos adolescentes e jovens, assim como sua abertura para transitar em territórios mais amplos, ajudam a explicar por que um em cada quatro deles é identificado como um usuário diversificado de cultura (nos últimos doze meses, fez ao menos nove das catorze atividades pesquisadas). Entre os maiores de sessenta anos, menos de um em cada dez encontra-se nessa condição. (SOUZA E SILVA, 2018, p. 76-77)

De fato, os índices de exclusão entre os jovens são os menores em comparação aos das demais faixas etárias, com exceção apenas da ida a concertos (73% dos jovens nunca

assistiram, contra 66% da média nacional), a festas populares (30% contra 28%) e a feiras de artesanato (31% contra 30%). Quanto mais esse jovem avança no nível do diploma, mais a possibilidade de se excluir culturalmente é reduzida: 8% dos jovens do ensino superior nunca foram a um museu ou exposição, por exemplo, em contraposição a 30% da população geral.

O jovem da capital baiana apresenta frequência acima da média do jovem brasileiro apenas em relação à leitura de livros (81% x 77%) e ida ao cinema (88% x 83%). No consumo de shows, a média é a mesma (58%), enquanto em relação às outras práticas, está abaixo da escala nacional. Chama atenção o índice relacionado às festas populares: segundo a pesquisa, 42% dos brasileiros de todas as idades compareceram a um evento dessa natureza nos últimos 12 meses, número que cresce um ponto se considerados apenas os jovens, enquanto em Salvador essa porcentagem é mais baixa, de 31%. No quesito das companhias priorizadas para as práticas, 42% dos adolescentes e jovens vão a eventos acompanhados de amigos, contra 26% dos idosos, corroborando com a afirmação de Lahire (2006) e outros pesquisadores de que o engajamento entre pares adquire relevância nessa fase da vida.

Quando somamos escolaridade e idade, vemos uma disparidade ainda maior no consumo. Há uma diferença positiva de 38 pontos percentuais na frequência do jovem brasileiro universitário a bibliotecas (77%) em relação à população média nacional (39%), por exemplo. Os números relacionados ao cinema e aos shows evidenciam que essa disparidade também se dá em relação às práticas mais populares: a distância entre os dois universos nesses casos é de 29% e 25%, respectivamente, sendo positiva para os universitários. Se compararmos os índices dos jovens brasileiros em geral com os números dos jovens graduados ou graduandos no ensino superior, vemos distâncias mais curtas, mas ainda significativas: 18 e 13 pontos separam um grupo do outro na frequência a shows, com saldo positivo para os universitários. O circo é a única prática que mantém um número equilibrado entre os três grupos (média nacional, média juvenil e média juvenil universitária): 19%, 21% e 20%, respectivamente. A tabela a seguir apresenta dados completos sobre as assimetrias:

Figura 2 – Diferenças no consumo por idade e escolaridade, 2018

	UNIVERSO		JOVEM (16 a 24 anos)		JOVEM UNIVERSITÁRIO		
	Brasil	Salvador	Brasil	Salvador	Brasil	Distância para o Jovem BR	Distância para a Média BR
Livros	68%	72%	77%	81%	90%	13%	22%
Cinema	64%	61%	83%	88%	93%	10%	29%
Shows	46%	45%	58%	58%	71%	13%	25%
Festas populares	42%	36%	43%	31%	53%	10%	11%
Feiras de artesanato	40%	30%	34%	17%	47%	13%	7%
Bibliotecas	39%	32%	57%	49%	77%	20%	38%
Dança	34%	32%	42%	34%	43%	1%	9%
Museus e exposição	31%	19%	36%	22%	54%	18%	23%
Teatro	31%	27%	38%	30%	55%	17%	24%
Circo	19%	16%	21%	15%	20%	-1%	1%
Sarau	17%	17%	22%	17%	27%	5%	10%
Concertos	11%	8%	12%	10%	18%	6%	7%

Fonte: Elaborada pela autora, a partir de informações de Leiva e Meirelles (2018b)

Quando cruzamos idade e renda, desigualdades também são notadas. Em todas as categorias de práticas, consumidores das classes A e B se mostram mais ativos do que os das classes C, D e E. Para ficar nos exemplos extremos, da prática mais e menos realizada fora de casa pela média do público brasileiro, temos a seguinte disparidade: 92% dos jovens da classe A, 91% da classe B, 80% da classe C e 64% das classes D/E foram ao cinema no último ano, enquanto os índices de ida a concertos são de 22%, 15%, 9% e 8%. A famosa dupla – escolaridade e renda – continua implacável na definição de que tipo de consumo e frequência o sujeito vai ter no campo da cultura. Mas a pesquisa, assim como outras realizadas anteriormente, evidencia que o capital escolar tem mais relevância nesse aspecto do que a renda. A tabela abaixo mostra como o estudo estimula o acesso à cultura mesmo entre pessoas da mesma classe econômica.

Figura 3 - Consumo cultural por renda e escolaridade

Fonte: Adaptado de Leiva e Meirelles (2018b)

Além dos resultados semelhantes – que reforçam que a idade, escolaridade e renda são determinantes para o consumo –, as pesquisas apresentadas têm em comum o público-alvo: moradores de cidades acima de 100 mil habitantes. Esse tem sido o foco das principais investigações acerca do consumo cultural no Brasil, objetivo que esta dissertação não compartilha. Considerando que o fator territorial também influencia as práticas culturais, ter como referência dados sobre o consumo de apenas certa categoria de cidades (as grandes e metrópoles) limita nossa compreensão sobre o tema. Sabemos que os modos de vida em cidades do interior, bem como os espaços culturais disponíveis para se frequentar, diferem significativamente. Perguntas típicas dos questionários utilizados pelas investigações até aqui – “você costuma ir ao cinema?”, “ao teatro?”, “ao shopping?”, “à galeria de arte ou museu?” – podem perder o sentido quando direcionadas a moradores de localidades que não dispõem desses espaços. E, em sua substituição, podem aparecer novas questões que evidenciam outros tipos de sociabilidades.

3 A CULTURA E A UNIVERSIDADE EM SENHOR DO BONFIM

Senhor do Bonfim é uma cidade baiana localizada no centro-norte do estado, a 371 km de distância de Salvador, com população estimada em 78.588 habitantes (IBGE, 2018b). A cidade está inserida no território de identidade Piemonte Norte do Itapicuru, no qual ocupa posição de liderança. O território, que totaliza uma população de 274.176 moradores, é composto por mais oito cidades: Andorinha, Antônio Gonçalves, Caldeirão Grande, Campo Formoso, Filadélfia, Jaguarari, Pindobaçu e Ponto Novo.

Emancipada há 134 anos, a origem de Senhor do Bonfim, no entanto, remonta ao período colonial: nasceu como Arraial de Missão de Nossa Senhora das Neves de Sahy em 1697, transformou-se em Vila Nova da Rainha em 1799, passando à condição de cidade em 1885. Machado (1993) aponta que as origens de Senhor do Bonfim estão ligadas a três acontecimentos históricos do Brasil e da Bahia nos séculos XVII e XVIII: o confronto com o indígena, a corrida em busca do ouro e das pedras preciosas, e a criação do gado. Considerado um dos mais antigos arraiais da então Capitania da Bahia, o local onde hoje ainda sobrevive a comunidade de Missão do Sahy foi entregue à Ordem dos Padres Franciscanos para catequização dos índios kiriris, atendendo assim a interesses políticos, sociais e econômicos (MACHADO, 1993). Já em 1720, a descoberta do ouro na vizinha cidade de Jacobina atraiu um grande contingente de pessoas em busca do enriquecimento rápido (MIRANDA, 2001), o que acabou por fixar Missão do Sahy como local de chegada e partida em direção aos minerais, por conta da sua localização geográfica privilegiada, trecho obrigatório para quem vinha do Piauí, Maranhão ou da região do Rio São Francisco. A localização estratégica também incluiu o então arraial no Ciclo do Gado, o que ajudou no povoamento do sertão, uma forma encontrada pelos conquistadores para tirar do abandono esse território. É válido ressaltar que isso ocorreu devido à proibição do criatório de gado no litoral, uma vez que a atividade prejudicava o plantio da cana-de-açúcar (MACHADO, 1993).

Hoje Senhor do Bonfim ainda assume posição de destaque no território do qual é integrante, o que se evidencia pelos índices econômicos e sociais. A depender do conceito adotado, podemos defini-la, inclusive, como uma cidade média, entendida por Sposito (2010, p. 52) como

[...] aquelas que desempenham papéis de intermediação no âmbito de sistemas urbanos simples ou complexos, o que as distingue das “cidades de médio porte”, que são aquelas, assim classificadas, em função de um dado tamanho demográfico, que, num determinado país, é considerado como

médio segundo esta ou aquela classificação ou tipologia. (SPOSITO, 2010, p. 52)

No Brasil, o título de “cidade de médio porte” apontado pela pesquisadora é concedido pelo IBGE e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2008) àquelas com população entre 100 e 500 mil habitantes. Os órgãos, no entanto, consideram haver exceções nas regiões Norte e Centro-Oeste, onde, “devido às características do sistema urbano regional, municípios com população de 50 mil a 100 mil habitantes também podem desempenhar a função de cidades médias” (IPEA, 2008). Definir uma cidade como “média” torna-se ainda mais complexo quando consideramos que mesmo a noção de sistema urbano é redefinida pela globalização. Se antes a cidade média servia para intermediar as relações entre a cidade grande e a cidade pequena, hoje se ampliam as “possibilidades de estabelecimento de articulações entre cidades de diferentes portes, pertencentes a redes urbanas que se conformaram em contextos históricos diferentes entre si”. (SPOSITO, 2010, p. 52). Caberia analisar caso a caso as permanências e transformações ocorridas nesses sistemas regionais, para então apontar a centralidade que um município continua a assumir em seu território.

Ao estudar o caso do Piemonte Norte do Itapicuru, observamos que Senhor do Bonfim se destaca frente aos outros municípios. Enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) médio do território em 2016 era de R\$ 8.453,31, em Senhor do Bonfim o PIB chegou a R\$ 9.575,58 (BAHIA, 2018, p. 96). Enquanto o rendimento médio das pessoas ocupadas no território era de R\$ 636,62 em 2010, no município investigado o valor atingia R\$ 759,93 (IBGE, 2010). Ainda nesse ano, o percentual de pessoas em extrema pobreza representava 22,6% do total de moradores do território, caindo para 14,2% quando consideramos apenas Senhor do Bonfim (BAHIA, 2018, p. 109). Ao investigar o número de vagas de trabalho ofertadas nos nove municípios que compõem a região, observamos que 55,5% delas estão em Senhor do Bonfim (BAHIA, 2018, p. 103). Esse dado repercute no número de pessoas ocupadas, cuja maior participação do território se encontra no município, com 32,4%, distante 5,5 pontos percentuais do segundo índice mais relevante, atribuído a Campo Formoso (26,9%) (BAHIA, 2018, p. 102).

Quando avançamos para os índices sociais, os padrões de comportamento se perpetuam. Em 2010, no quesito moradia, 55,1% da população do território residia em áreas urbanas, média inferior à do estado da Bahia, que era de 72,1% (BAHIA, 2018, p. 94). Considerando Senhor do Bonfim isoladamente, vemos que a cidade supera a taxa média de urbanização do estado, chegando a 77,4% no mesmo ano. Ainda em 2010, a taxa de analfabetismo entre a

população de 15 anos ou mais era de 20,6% no território e 15% em Senhor do Bonfim, média inferior à do estado, que perfazia 16,3% (BAHIA, 2018, p. 105).

Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano Brasil, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Senhor do Bonfim em 2010 ficou em 0,666, sendo considerado Médio (ONU 2013). Em relação aos 417 municípios da Bahia, o município ocupa a 30ª posição. Entre 2000 e 2010, a taxa de crescimento verificada foi de 27,10%. Nesse período, a dimensão que mais cresceu foi Educação, seguida por Longevidade e por Renda. Senhor do Bonfim teve um incremento no seu IDHM de 87,08% nas últimas duas décadas, acima da média de crescimento nacional (47,46%) e estadual (70,98%).

No que se refere à educação, observamos que, em 2010, 76,27% da população de Senhor do Bonfim com idade entre seis e 17 anos estavam cursando o ensino básico com até dois anos de defasagem da série original (ONU, 2013), um salto de 15 pontos percentuais em relação a 2000, quando a taxa era de 60,89%. Entre jovens de 18 a 24 anos, observamos que 8% estavam cursando o ensino superior em 2010, percentual 250% superior à inclusão verificada em 2000, que contava com percentual de 3%.

3.1 A CENA CULTURAL DE SENHOR DO BONFIM

A política de cultura desenvolvida pela Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim limita-se, em grande medida, à produção da festa de São João e de eventos em comemoração a datas simbólicas, como o aniversário da cidade, Sete de Setembro, Dia da Mulher, Dia das Crianças etc. (SANTANA, 2013). O São João, em especial, adquire centralidade no município, assim como ocorre em outras cidades do interior da Bahia e do Nordeste. A festa em Senhor do Bonfim é centenária e reconhecida como uma das melhores do estado, motivo pelo qual a cidade foi apelidada de Capital Baiana do Forró e continua a receber de 50 a 100 mil turistas no período. Em 2018, inclusive, a qualidade da festa foi reconhecida pelo portal especializado "São João na Bahia"²⁴, que a premiou em cinco categorias: Melhor Destino, Melhor Festa Privada²⁵ e Melhor Grade de Festa Privada (escolhidos pelo público); Melhor Programação Cultural e Destaque pela Visibilidade (eleitos pela imprensa especializada). A manutenção das características tradicionais dos festejos é valorizada, fazendo parte da programação apresentações de sanfoneiros e quadrilhas, desfile de carroças, baile com banda

²⁴ Ver em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/site-especializado-premia-os-melhores-do-sao-joao-da-bahia-confira-os-vencedores/>>. Acesso em 10 jun. 2019.

²⁵ O prêmio faz referência ao Forró do Sfrega, festa privada criada no ano de 2000 e responsável por potencializar o número de turistas que visitam a cidade no período junino.

de pífanos²⁶ e o samba de lata²⁷, entre outras. Dividem espaço com essas manifestações populares as apresentações de bandas de forró reconhecidas, seja no estilo pé de serra²⁸ ou eletrônico.

Fora do São João, quando observamos a oferta cultural de Senhor do Bonfim, notamos uma movimentação esparsa e concentrada em determinados gêneros. Para apreender essa oferta, utilizamos como metodologia o monitoramento²⁹ da divulgação de eventos culturais em alguns dos principais sites e *blogs* de notícias do município³⁰ por 15 meses, de janeiro de 2018 a março de 2019. Nesse período, foram catalogados 51 eventos, o que resulta em uma média de 3,6 atividades realizadas por mês. Sabemos que produtores culturais e artistas muitas vezes encontram dificuldade para divulgar suas ações ou mesmo preferem distribuí-las em canais mais diretos, como as redes sociais, portanto, não é possível confiar na precisão dos números apresentados. Ainda assim, acreditamos que os dados indicam como a cena cultural da cidade se organiza.

Os eventos, segmentados por linguagem cultural, podem ser assim distribuídos: 31 atividades de Música, sete de Artes Integradas³¹, cinco de Teatro, quatro de Formação, dois de Dança, um de Artes Visuais e um de linguagem não identificada. Se a concentração de atividades em uma linguagem, a Música, é evidente no município, a mesma aglutinação não se verifica em relação aos espaços que acolhem essa demanda: os eventos se distribuíram em 27 espaços³², sejam eles bares, escolas, universidades, espaços formais de cultura, privados ou públicos.

O Campo Clube de Senhor do Bonfim, espaço de lazer que também funciona como casa de shows, teve a maior incidência de atividades realizadas no período analisado (oito

²⁶ Conjunto instrumental de percussão e sopro. Pífano é um instrumento semelhante à flauta.

²⁷ Manifestação cultural que tem como principal representante a comunidade quilombola de Tijuaçu, criada em 1750 e hoje distrito de Senhor do Bonfim. Em busca de reservas de água, tendo a lata como repositório, os habitantes da localidade transformaram a adversidade em diversão, criando o samba de lata.

²⁸ Forma mais tradicional do gênero.

²⁹ Os termos utilizados na pesquisa foram: agenda cultural, teatro, dança, circo, cultura, música, cinema, artes visuais, exposição, show, poesia, literatura, leitura.

³⁰ Bonfim Notícias, Blog do Eloilton Cajuhy, Portal Só Agitos e Blog do Netto Maravilha

³¹ Eventos que contemplaram a Música, Dança, Teatro, Circo, Capoeira e Literatura

³² São eles: Campo Clube (8 eventos), Praça Nova do Congresso (6), Centro Cultural Ceciliano de Carvalho (4), Centro Juvenil de Ciência e Cultura – CJCC (2), Parque da Cidade (2), Alforria Creperia (2), Bar Stop Beer (2), Bar Taverna (2), Colégio Estadual Senhor do Bonfim - CESB (2), Citear - Circo-Teatro Alvinho do Riacho (2), PWR Distribuidora & Petiscaria (2), Praça do Comércio - Distrito de Tijuaçu (2), Faculdade Ages (1), Uneb - Campus VII (1), Univasf - Campus Senhor do Bonfim (1), Bar e Restaurante Caminho da Roça (1), Bar do Betão (1), Praça da Igreja de Nossa Senhora das Neves – Distrito de Missão do Sahy (1), Firula Sport Bar (1), Moenda Pizzaria (1), Associação Atlético Banco do Brasil – AABB (1), Espaço Dance (1), Bar Carijó (1), Casa de shows Benevides Hall (1), Shopping Calçadão (1), O Depósito (1), local não identificado (1).

eventos), seguida pela Praça Nova do Congresso, praça central da cidade (seis eventos) e pelo Centro Cultural Ceciliano de Carvalho, espaço gerenciado pelo poder público municipal que, durante muito tempo, funcionou como único centro de cultura do território³³ (quatro eventos). Quando observamos a natureza dos espaços que acolheram a oferta cultural do período, notamos a predominância de bares e restaurantes. Dez espaços do segmento apareceram no monitoramento: Alforria Creperia, Bar Stop Beer, Bar Taverna, PWR Distribuidora & Petiscaria, Restaurante Caminho da Roça, Bar do Betão, Firula Sport Bar, Moenda Pizzaria, Bar Carijó, O Depósito. Neles são realizadas, em geral, pequenas apresentações musicais de arrocha, forró, MPB, samba e sertanejo, promovidas por artistas locais.

Apenas três espaços formais de cultura aparecem na pesquisa realizada nos sites e *blogs* de notícias locais: o Centro Cultural Ceciliano de Carvalho, o Circo-Teatro Alvinho do Riacho (Citear) e o Centro Juvenil de Ciência e Cultura (CJCC). Inaugurado em 1989 em resposta à mobilização da classe artística local (SANTANA, 2013), o Centro Cultural Ceciliano de Carvalho possui sala principal, com 300 cadeiras na plateia, foyer, camarins, sala de ensaio e área externa com estacionamento. No entanto, tal estrutura é subutilizada e tem uma gestão precária, o que resulta no acúmulo de deficiências na estrutura física³⁴ e de equipamentos, além da falta de programação regular. No período analisado, o espaço recebeu quatro espetáculos de artes cênicas, promovidos pelo Colégio Casinha Feliz, Studio de Dança Katiane Lima e Uneb.

Já o Citear é um coletivo independente criado em 2015 após o desmembramento do Núcleo Aroeira de Arte, grupo que nasceu em 2004 e ocupou lugar de destaque no município e no território por dez anos. Em 2015, o Aroeira se desintegrou, surgindo em substituição a Companhia Cênica Omim Odara e o Citear. Este último tem sede própria e segue ativo até hoje, atuando na promoção de espetáculos e atividades de formação em cultura. No monitoramento realizado, encontramos a divulgação de dois eventos realizados no espaço: em dezembro de 2018, o espaço acolheu parte da programação do Festival Cena na Tapera -

³³ O Centro Cultural Ceciliano de Carvalho deixou de ser o único do território em abril em 2019, quando foi inaugurado pelo Governo do Estado da Bahia o Centro Cultural Professor Rômulo Galvão de Carvalho, na cidade de Campo Formoso. Disponível em: <http://www.secom.ba.gov.br/2019/04/148735/Campo-Formoso-recebe-centro-cultural-e-obras-de-infraestrutura.html>. Acesso em 26 jun. 2019.

³⁴ A gestão do Centro Cultural foi investigada por Santana (2013) e, desde então, o espaço não passou por significativas melhorias. Prova disso é a denúncia publicada pelo site Bonfim Notícias em janeiro de 2019, na qual é apresentada a precariedade em que se encontra o espaço. Disponível em: <https://bonfimnoticias.com/site/2019/01/18/em-rede-social-cidadao-mostra-descaso-com-o-centro-cultural-de-sr-do-bonfim/>. Acesso em 26 jun. 2019.

Festival Cênico Universitário de Senhor do Bonfim e, em março de 2019, abrigou parte das mostras teatrais do evento Março Cênico³⁵.

O terceiro espaço formal de cultura a aparecer na pesquisa é o Centro Juvenil de Ciência e Cultura (CJCC)³⁶, mantido pelo Governo do Estado da Bahia. Inaugurado na cidade em 2014, o espaço tem como objetivo ampliar o acesso à cultura, ciências e tecnologia às juventudes do estado, cumprindo um papel de extensão em relação à educação formal por meio da oferta de cursos, oficinas e eventos no período complementar ao turno escolar (BAHIA, 2019a). Na pesquisa sobre a programação do município, encontramos a divulgação da abertura de 18 oficinas em março de 2018 – de títulos como Juvenil Dance, Sustentabilidade, Fatos e Fotos, Sacadas Redação, Clube da Leitura, Fazendo Arte, Teatro Científico e Inglês Juvenil – e 20 oficinas em março de 2019 – de títulos como História em Cinema, Viva a Diversidade, Vibe Dance, Eu Escritor Cordel e Click Juvenil.

3.2 A REDE UNIVERSITÁRIA NO MUNICÍPIO

Ainda que não conheçamos o percentual atual de estudantes matriculados no ensino superior no município, devido à inexistência de dados oficiais, ao observar na última década o significativo crescimento no número de universidades em funcionamento na localidade, é possível deduzir que o movimento de inclusão de estudantes na vida universitária ainda se perpetua. Em 2011, havia nove universidades no município, sendo três federais – o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano), Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) e Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), a última presente apenas na modalidade virtual –, uma estadual – a Universidade do Estado da Bahia (Uneb) – e outras cinco privadas (BAHIA, 2018). Já em 2019, segundo o e-MEC - Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior, há 19 instituições de ensino superior³⁷ ativas em

³⁵ Os dois eventos citados foram organizados por estudantes de Licenciatura em Teatro da Uneb. Mais informações em: <http://www.jornalgrandebahia.com.br/2018/12/festival-cenico-universitario-ocorre-no-municipio-de-senhor-do-bonfim/> e <http://blogdoeloiltoncajuhy.com.br/site/estudantes-da-uneb-realizarao-mostra-teatral-em-senhor-do-bonfim-e-antonio-goncalves/>.

³⁶ O CJCC conta com cinco unidades na Bahia, nas cidades de Salvador, Senhor do Bonfim, Vitória da Conquista, Barreiras e Itabuna.

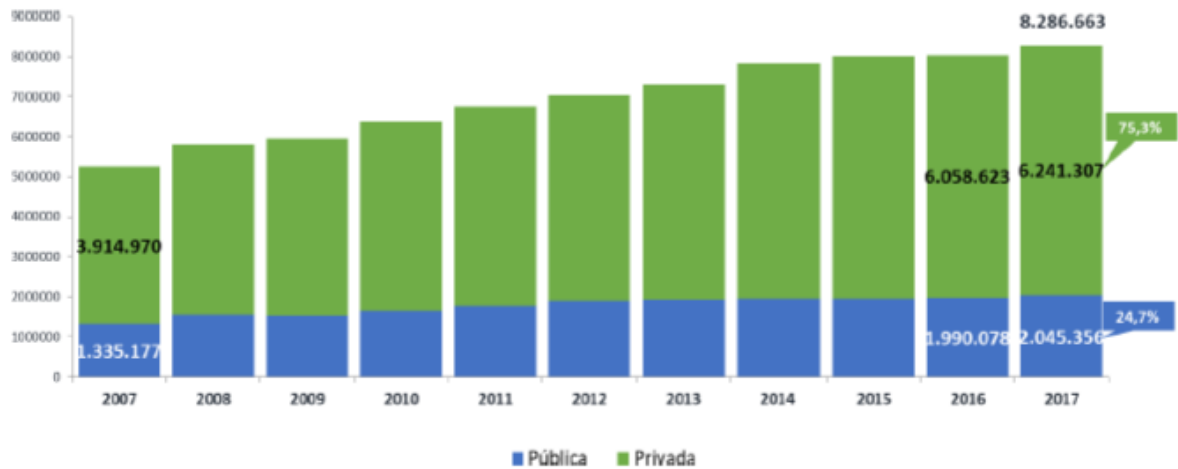
³⁷ São elas: Centro Universitário Dom Pedro II, Centro Universitário Internacional (Uninter), Centro Universitário Maurício de Nassau (Uninassau), Faculdade Capixaba da Serra (Multivix Serra), Faculdade de Ensino Superior da Cidade de Feira de Santana (Faesf/Unef), Faculdade de Ensino Programus (Isepro), Universidade Anhanguera (Uniderp), Universidade Cidade de São Paulo (Unicid), Universidade Estácio de Sá (Unesa), Universidade Paulista (Unip), Universidade Pitágoras Unopar, Universidade Salvador (Unifacs), Faculdade Ages de Senhor do Bonfim, Faculdade Baiana do Senhor do Bonfim (Fabasb), Faculdade Cenequista de Senhor do Bonfim (Facesb), Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano). Esse número cairá para 18 em breve, uma vez que a Faculdade Cenequista de Senhor do Bonfim (Facesb) está em processo de descredenciamento voluntário.

Senhor do Bonfim (BRASIL, 2019). Entre elas, seis oferecem cursos na modalidade presencial: Faculdade Ages de Senhor do Bonfim, Faculdade Baiana do Senhor do Bonfim (Fabasb), Faculdade Cenecista de Senhor do Bonfim (Facesb), IF Baiano, Uneb e Univasf. As outras cidades com maior número de universidades no território são Campo Formoso e Jaguarari, com, respectivamente, oito e três unidades, o que demonstra mais uma vez a centralidade de Senhor do Bonfim. Os demais municípios, por sua vez, contam com duas, uma ou nenhuma instituição dessa natureza (BRASIL, 2019).

O crescimento no número de universidades em Senhor do Bonfim nesta década acompanha o movimento de expansão da educação superior no Brasil promovido pelo governo federal desde os anos 2000, representado em especial por quatro programas:

- 1) Fundo de Financiamento aos Estudantes do Ensino Superior (FIES), criado em 1999 e reformulado em 2004.
- 2) Programa Universidade para Todos (ProUni), criado em 2004.
- 3) Programa de Expansão das Instituições Federais de Ensino Superior (Expansão das IFES), iniciado em 2003.
- 4) Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), iniciado em 2007. (OLIVEIRA, 2011, p. 125-126)

Enquanto a implementação da Univasf e do IF Baiano em Senhor do Bonfim é resultado da aprovação dos dois últimos programas, em especial do Reuni, o crescimento da rede privada no município relaciona-se com os dois primeiros programas citados por Oliveira (2011). Mediante incentivo governamental, o Fies financia o acesso a cursos de graduação não-gratuitos e o Prouni concede bolsas de estudo parciais ou integrais a estudantes. Em primeira instância, os programas impulsionaram o número de matrículas no ensino superior no Brasil. Em 2014, por exemplo, o número de contemplados pelos dois programas representou 57,6% do total de ingressantes em faculdades particulares (CORBUCCI; KUBOTA; MEIRA, 2016). Como consequência, o número de faculdades privadas a abrirem as portas também cresceu, representando em 2016 87,9% do total de instituições de ensino superior brasileiras, responsáveis por 75,3% das matrículas em cursos de graduação no país (INEP, 2018). Quando analisamos apenas os cursos de graduação presenciais, notamos que no Brasil há 2,5 alunos matriculados na rede privada para cada aluno matriculado na rede pública. Na Bahia, essa proporção é de 2,2, ou seja, um pouco abaixo da média nacional (INEP, 2018). Considerando tais dados, “deve-se reconhecer que tal liderança tem sido impulsionada pela expansão desses programas de financiamento público, especialmente do Fies, ocorrida nos últimos anos” (CORBUCCI; KUBOTA; MEIRA, 2016, p. 11).

Figura 5 - Número de matrículas em cursos de graduação na rede pública e privada

Fonte: Censo da Educação Superior 2017, p. 14.

É fato que a educação a distância (EAD) cresceu mais nos últimos anos do que a oferta presencial no Brasil, uma ampliação de 375,2% no número total de matrículas entre 2007 a 2016 (INEP, 2018, p. 18). Mesmo cientes dessa realidade, lançaremos um olhar mais apurado à oferta de graduação presencial e, em especial, mantida pelo poder público, uma vez que a universidade investigada neste estudo corresponde a esse segmento. Conforme apresenta a tabela a seguir, o número de matrículas em cursos presenciais cresceu exponencialmente no Brasil, Bahia e Senhor do Bonfim nas últimas décadas, com destaque para o aumento ocorrido no município investigado: de 1991 a 2010, o percentual de matrículas na localidade cresceu aproximadamente 544%, saltando de 203 para 1.307. Em 2010, 90% das matrículas em cursos presenciais no município foram realizadas em instituições públicas. Apesar de o IPEA divulgar os dados do país e estado periodicamente, a atualização das informações do município não se encontra disponível, portanto, não é possível avaliar o panorama dos últimos anos.

Figura 6 - Número de matrículas em cursos de graduação 1991-2010

Matrículas em cursos de graduação presenciais 1991-2010				
	1991	2000	2010	% aumento em 20 anos
Brasil	1 565 056	2 694 245	5 449 120	248,17%
Bahia	46 291	89 191	248 280	436,35%
Senhor do Bonfim	203	775	1 307	543,84%

Fonte: elaborada pela autora com base no Censo da Educação Superior - Série Histórica por Município (INEP)

Quando nos voltamos para observar a oferta pública de ensino, notamos nas últimas duas décadas um acréscimo no número absoluto de matrículas e um decréscimo em termos percentuais, em especial na Bahia. Isso significa que, ao longo dos anos, a ampliação nas matrículas das instituições públicas foi acompanhada pelo movimento ainda mais veloz das

instituições privadas, como já abordado anteriormente. Em 2016, a Bahia contava com 331.229 das matrículas em graduações presenciais registradas em instituições públicas, sendo 63.486 (61%) localizadas em cidades do interior.

Figura 7 - Número de matrículas em cursos de graduação 2000-2016

Matrículas em graduações presenciais				
Ano	Local	Total	Instituições públicas	%
2000	Brasil	2.694.245	887.026	33%
	Bahia	89.191	49.952	56%
2016	Brasil	6.529.681	1.879.784	29%
	Bahia	331.229	104.549	32%

Fonte: elaborada pela autora com base no Censo da Educação Superior 2000 e 2017 (INEP)

Do total de matrículas em instituições públicas, 43% provém de instituições estaduais e 57% federais. Ainda que a rede federal reúna mais matrículas, apenas 40% delas estão fora da capital baiana. Pelo contrário, ao considerar apenas as matrículas das universidades estaduais, observamos que 88% delas estão em cidades do interior (INEP, 2018). Como lembra Mota Junior e Fialho (2018),

Estes dados demonstram que, mesmo com a expansão da oferta federal, nos últimos anos, as UEBA³⁸ ainda têm grande importância na interiorização da educação superior pública no Estado da Bahia, com impactos sobre o acesso à formação universitária e, também, sobre o desenvolvimento, principalmente, local e regional. (MOTA JUNIOR; FIALHO, p. 2)

A Universidade do Estado da Bahia (Uneb) é a maior e mais antiga universidade em funcionamento em Senhor do Bonfim. Criada em 1985 como Faculdade de Educação de Senhor do Bonfim (FESB) através do Decreto nº 31.574, recebeu o título de Departamento de Educação do Campus VII em 1997, adotado até hoje. As outras duas universidades públicas com oferta presencial de cursos são o IF Baiano e a Univasf. O IF Baiano foi criado em 2008 pela Lei Federal nº 11.892 como “instituição de Ensino Médio e Superior, focado na Educação Profissional e Tecnológica” (IFBAIANO, 2019), passando a funcionar onde se localizavam as antigas Escolas Agrotécnicas Federais e as Escolas Médias de Agropecuária Regional. A instituição tem sede em Salvador e, para além do campus de Senhor do Bonfim, está presente em outros 13 municípios do interior baiano³⁹, ofertando cursos técnicos integrados (para quem ainda não concluiu o ensino médio), cursos técnicos subsequentes ao ensino médio (presenciais ou a distância), cursos de graduação e pós-graduação. Os cursos de

³⁸ Sigla que designa Universidades Estaduais da Bahia.

³⁹ Alagoinhas, Bom Jesus da Lapa, Catu, Governador Mangabeira, Guanambi, Itaberaba, Itapetinga, Santa Inês, Serrinha, Teixeira de Freitas, Uruçuca, Valença e Xique-Xique.

graduação oferecidos em Senhor do Bonfim são as Licenciaturas em Ciências Agrárias e em Ciências da Computação. Já a Univasf, criada em 2002 com a proposta de se fixar em três diferentes estados do Nordeste, foi implementada em Senhor do Bonfim em 2011 (UNIVASF, 2019a). A universidade criou os primeiros campi nas cidades de Petrolina (PE), Juazeiro (BA) e São Raimundo Nonato (PI), para depois se expandir para a cidade investigada neste estudo e também para Paulo Afonso (BA) e Salgueiro (PE). Em Senhor do Bonfim, na modalidade de graduação são oferecidos os cursos de Licenciatura em Ciências da Natureza, Licenciatura em Geografia e Bacharelado em Ecologia (UNIVASF, 2019b).

3.2.1 A Universidade do Estado da Bahia (Uneb)

A Uneb é mantida pelo Governo do Estado da Bahia através da Secretaria da Educação (SEC) e foi planejada inicialmente para atender a interiorização do ensino superior e a formação de professores para o ensino de primeiro e segundo graus (UNEB, 2016). Antes da criação da Uneb, já existiam duas universidades estaduais na Bahia⁴⁰, a Universidade de Feira de Santana (Uefs), implementada em 1970, e a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), de 1980 (OLIVEIRA, 2011). As duas, no entanto, limitavam-se a atender a demanda das cidades próximas a suas sedes – localizadas em Feira de Santana, no primeiro caso, e Vitória da Conquista, Jequié e Itapetinga, no segundo caso. A Uneb, portanto, assume a expansão do ensino superior aos diversos territórios do estado. Conforme postula o decreto que autoriza seu funcionamento, “trata-se de uma Universidade multicampi [...] que, uma vez autorizada, vai de encontro⁴¹ às aspirações dos habitantes de inúmeras cidades interioranas, evitando, assim, o êxodo rural para as periferias urbanas” (BOAVENTURA, 2009).

Criada em 1983, o embrião da Uneb remonta, no entanto, ao ano de 1969, quando surge o “Centro de Educação Técnica da Bahia (Ceteba), primeiro núcleo estadual de educação superior de Salvador em torno do qual se implantou a Uneb” (BOAVENTURA, 1992, p. 20). Em 1980, o Ceteba é extinto para dar lugar à Superintendência de Ensino Superior do Estado da Bahia (Seseb), que agregou ainda a Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (Famesf); Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas, Jacobina e Santo Antônio de Jesus; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Juazeiro e Caetitê (BAHIA, 1980). Quando a Uneb nasce, através da Lei Delegada nº 66/83, as unidades citadas passam para a

⁴⁰ Depois da Uneb, em 1991 foi criada ainda a quarta universidade estadual baiana, a Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), localizada em Ilhéus.

⁴¹ Apesar do uso da expressão “vai de encontro”, que assume o sentido de contrariedade, o texto parece endossar que a Uneb atende aos anseios da população, ou seja, “vai ao encontro” dessas aspirações dos moradores do interior.

sua administração, juntando-se a elas a Faculdade de Educação da Uneb, localizada em Salvador (BAHIA, 1983). Regulamentada em 1984 (BAHIA, 1984), apenas em 1986 a universidade teve seu funcionamento autorizado pelo governo federal (BRASIL, 1986). O processo administrativo que resultou no decreto emitido pela Secretaria da Educação Superior do Ministério da Educação indica que, para além dos sete núcleos existentes em 1983, unidades de outras duas cidades entrariam em vigor em 1986: as faculdades de Senhor do Bonfim e Paulo Afonso, que se transformariam em seguida em Campus VII e Campus VIII da Uneb, respectivamente.

Hoje a universidade possui 29 departamentos instalados em 24 campi⁴², presentes em 19 dos 27 Territórios de Identidade da Bahia. As unidades disponibilizam 130 cursos de graduação presencial de oferta contínua – 73 na modalidade Licenciatura, 56 Bacharelados e um Tecnológico –, 46 cursos em programas especiais de formação e 17 cursos de pós-graduação *stricto sensu* (UNEB, 2018a). Os programas especiais são iniciativas voltadas ao atendimento das demandas específicas dos docentes em exercício na rede municipal e estadual de ensino. São eles: o Programa Especial de Formação de Professores (Rede Uneb), Programa de Formação de Professores em Exercício na Rede Estadual de Ensino (Proesp) e o Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica (Pafor). Os cursos oferecidos por meio desses programas “têm duração de três anos, na modalidade modular, com aulas intensivas durante uma semana por mês” (UNEB, 2019a).

Figura 8 - Distribuição dos campi da Uneb por território de identidade

Território de identidade	Município agregado	Campus	Território de identidade	Município agregado	Campus
Bacia do Rio Grande	Barreiras	IX	Piemonte da Diamantina	Jacobina	IV
Baixo Sul	Valença	XV	Piemonte do Paraguaçu	Itaberaba	XIII
Chapada Diamantina	Seabra	XXIII	Piemonte Norte do Itapicuru	Senhor do Bonfim	VII
Costa do Descobrimento	Eunápolis	XVIII	Recôncavo	Santo Antônio de Jesus	V
Extremo Sul	Teixeira de Freitas	X	Semiárido Nordeste II	Euclides da Cunha	XXII
Irecê	Irecê	XVI	Sertão do São Francisco	Juazeiro	III
	Xique-Xique	XXIV	Sertão Produtivo	Brumado	XX
Itaparica	Paulo Afonso	VIII		Caetitê	VI
Litoral Norte e Agreste Baiano	Alagoinhas	II		Guanambi	XII
Médio Rio de Contas	Ipiaú	XXI	Sisal	Conceição do Coité	XIV
Metropolitano de Salvador	Camaçari	XIX		Serrinha	XI
	Salvador	I	Velho Chico	Bom Jesus da Lapa	XVII

Fonte: Adaptado do Plano de Desenvolvimento Institucional 2017-2022 (UNEB, 2018c, p. 29)

⁴² De acordo com o decreto que autoriza o funcionamento da Uneb, “considera-se campus da entidade mantenedora UNEB cada uma das bases físicas integradas em que se desenvolvam suas atividades permanentes de ensino, pesquisa e extensão.” (BRASIL, 1986). Para além das 24 unidades cidades, foram inaugurados nos últimos anos dois campi avançados nas cidades de Canudos e Lauro de Freitas, para oferta de programas especiais.

Em 2017, as matrículas em cursos de graduação de oferta contínua somavam 23.564 e o investimento financeiro aportado na universidade contabilizava R\$ 540.273.719,54, sendo 96% da receita oriunda do Tesouro do Estado da Bahia e 4% de outras fontes (UNEB, 2018a). No Exame Nacional de Desempenho do Estudante (Enade), o Índice Geral de Cursos (IGC) da universidade é regular, mantendo a nota 3 (satisfatória) entre 2008 e 2015 (UNEB, 2017a).

A oferta de cursos de pós-graduação *stricto sensu* teve início na universidade apenas em 1998, sendo o Mestrado em Educação, Pluralidade Cultural e Novas Tecnologias o primeiro a ser implementado, oportunamente em Senhor do Bonfim, o que pode indicar a importância desse campus para a universidade (UNEB, 2016). A instituição também oferece ações e programas de extensão em convênio com organizações públicas e privadas.

Alfabetização e capacitação de jovens e adultos em situação de risco social; educação em assentamentos da reforma agrária e em comunidades indígenas e quilombolas; projetos de inclusão e valorização voltados para pessoas deficientes, da terceira idade, GLBT, entre outros, são algumas das iniciativas que aproximam a universidade da sociedade. (UNEB, 2016, p. 8).

Prova desse compromisso social é a Resolução nº 196/2002, por meio da qual a Uneb tornou-se a segunda universidade brasileira a implementar o sistema de reserva mínima de 40% das vagas para candidatos autodeclarados pretos ou pardos. A instituição foi, ainda, pioneira⁴³ em dois aspectos: aprovação do sistema de cotas tanto para a graduação quanto para a pós-graduação e conjugação dos critérios racial e social para definir quem teria direito ao benefício, uma vez que além de se autodeclarar preto ou pardo, o candidato cotista deveria comprovar ter estudado em escolas públicas (UNEB, 2002). Reafirmando seu compromisso com a inclusão das minorias no ensino superior público, a Uneb expandiu em 2008 as cotas para atendimento das populações indígenas, por meio da reserva de 5% das vagas⁴⁴. Devido à medida, em 2017 os cotistas negros já representavam 40% do total de estudantes matriculados em cursos de graduação presencial, enquanto os indígenas representavam 0,9% (UNEB, 2018a).

Em 2019, entrou em vigor ainda a Resolução nº 1.339/2018, que prevê a inclusão de quatro novos grupos historicamente discriminados: quilombolas; ciganos; transexuais, travestis e transgêneros; pessoas com deficiência, com transtorno do espectro autista e/ou altas habilidades. O decreto não altera a quantidade de vagas já destinadas a negros, índios e

⁴³ A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), primeira a adotar o sistema de cotas em 2002, não previu inicialmente os dois aspectos citados (RIO DE JANEIRO, 2001).

⁴⁴ A medida foi aprovada por meio da Resolução nº 460/2007.

população geral, mas sim cria vagas adicionais para cada um dos grupos, limitadas a 5% do total das vagas já existentes (UNEB, 2018b).

3.2.2 O Campus VII da Uneb e sua relação com a cultura

O Campus VII, de Senhor do Bonfim, reúne os seguintes cursos de graduação com oferta contínua: Licenciatura em Matemática, desde 1986; Licenciatura em Pedagogia, desde 1992; Licenciatura em Biologia, desde 1997; Bacharelado em Ciências Contábeis, desde 2005; Bacharelado em Enfermagem, desde 2007; e Licenciatura em Teatro, recém-implementado no ano de 2018. Em 2018.2, foi implementado também um curso de oferta temporária, a Licenciatura em Música, que contemplará apenas uma turma. Atualmente também são oferecidos por meio do Pafor os cursos de Computação, Educação Física, Letras e Pedagogia, voltados para professores da rede pública de ensino (UNEB, 2016). O campus não conta com programas de pós-graduação ativos. Na área de extensão, desenvolve 66 atividades, entre programas, projetos, cursos e eventos, de acordo com dados de 2017 (UNEB, 2018a).

Entre 1991 e 2010, verifica-se um crescimento de 532% no número de matrículas do Campus VII, considerando os cursos de graduação presencial.

Figura 9 - Número de matrículas da Uneb Campus VII (1991-2010)

Matrículas nos Cursos de Graduação Presenciais da UNEB - Série histórica									
1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
158	202	255	291	330	344	373	431	455	775
2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
812	621	721	921	868	1 066	947	918	1 310	999

Fonte: elaborada pela autora com base no Censo da Educação Superior - Série Histórica por Município (INEP)

Em 2018, considerando apenas as matrículas da graduação regular, ou seja, ignorando os números dos programas especiais ou com oferta temporária, havia 789 matrículas ativas na Uneb de Senhor do Bonfim. Os alunos, em maioria, são jovens (75,9%) e do sexo feminino (66,5%). Os cotistas representam 40,6% do total de matriculados, percentual que se equivale ao índice global da universidade (40%).

Figura 10 - Número de matrículas ativas em cursos regulares da Uneb Campus VII (2018)

CURSO	MATRICULADOS/ATIVOS	GÊNERO		ENTRE 18 E 29 ANOS	COTISTAS
		M	F		
TEATRO	25	10	15	17	11
CIÊNCIAS CONTÁBEIS	184	92	92	142	80
MATEMÁTICA	155	81	74	112	58
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	117	27	90	101	47
PEDAGOGIA	204	28	176	143	76
ENFERMAGEM	104	26	78	84	48
TOTAL	789	264	525	599	320

Fonte: Departamento de Educação da Uneb Campus VII

Para este estudo, consideramos também o curso de Licenciatura em Música, que conta com 30 estudantes matriculados. Acreditamos que, apesar de ser um curso temporário e EAD, a avaliação do perfil dos seus alunos, aliada à análise dos estudantes de Teatro, pode nos ajudar a entender melhor o consumo cultural dos artistas em formação. Vale ressaltar que o curso de Música é resultado do convênio firmado entre a Uneb, a Secretaria de Educação do Estado da Bahia e o Instituto de Ação Social pela Música (IASPM) – responsável pela gestão do Núcleo Estadual de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia (Neojiba). Em 2018, foram ofertadas 180 vagas do curso distribuídas entre os campi de Caetitê, Irecê, Salvador, Senhor do Bonfim e Teixeira de Freitas (UNEB, 2017b).

Neste trabalho, merece destaque a apresentação da Licenciatura em Teatro, único curso de artes disponibilizado de modo contínuo⁴⁵ no campus e também o primeiro curso de graduação da área ofertado em toda a Uneb. Tanto o curso de Teatro quanto o de Música buscam atender a obrigatoriedade do Ensino de Arte na Educação Básica proposta pela Lei nº 9.394/96, intitulada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996). A norma foi atualizada pela Lei 13.278/2016, que indica os conteúdos obrigatórios a serem ministrados na disciplina Arte – Artes Visuais, Música, Dança e Teatro –, estabelecendo o prazo de cinco anos para adequação dos sistemas de ensino, inclusive em relação à formação de professores (BRASIL, 2016). Caminhando nessa direção, as metas do Plano de Desenvolvimento Institucional 2017-2022 da universidade preveem a consolidação da área de artes, com ofertas de cursos de graduação no interior do estado e o desenvolvimento de um programa de arte e cultura (UNEB, 2018c, p. 75-78), o que sugere que uma política para a área será desenvolvida e novos cursos serão criados nos próximos anos.

É válido ressaltar que a articulação em busca da aprovação do curso foi liderada por Reginaldo Carvalho da Silva, doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (Ufba) e até então professor do curso de Pedagogia do Campus VII. Hoje coordenador do Colegiado de Teatro, o professor à época presidiu a comissão de elaboração do projeto do curso e mobilizou a classe artística, estudantes e imprensa do território para discuti-lo, em encontros abertos que contaram inclusive com a presença do Reitor da Uneb, José Bites de Carvalho⁴⁶. Tal iniciativa – somada posteriormente à ampla divulgação do primeiro vestibular por meio de entrevistas, banner digital, cartaz e vídeo – tem como resultado positivo o

⁴⁵ Antes, já haviam sido ofertados cursos de artes por meio dos programas especiais. O Campus VII, por exemplo, ofereceu em parceria com o Programa de Formação de Professores do Estado (Proesp) a Licenciatura em Artes entre 2009 e 2012 (SILVA, 2018a).

⁴⁶ O registro de um dos encontros está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jXDzBpr-2BM>>.

reconhecimento da importância do curso pela comunidade local, o que pode fomentar a participação do público nas atividades desenvolvidas pelos estudantes.

Aprovado pelo Decreto Estadual nº 1.260/2017, o curso atende a anseios ainda mais antigos, relacionados à aproximação do território com as artes cênicas.

Pesquisas recentes nos levam a afirmar que desde meados do século XIX a cidade foi palco de várias representações de teatro e circo, levadas aos palcos e picadeiros por grupos locais e companhias visitantes que se apresentavam no Teatrinho do Municipal (1845), no Cine-Teatro Royal (1913), Cine-Teatro Confiança (1917), Cine-Teatro Bonfim (1992/1924) e Cine-Teatro Popular (1927). Muitas das ações realizadas nesses espaços estavam articuladas com professores e estudantes de escolas da localidade. (SILVA, 2018a, p. 62)

Para além do período mencionado na citação, estudos de Faria (2013), Oliveira (2012) e Silva (2008; 2018a; 2018b) demonstraram a potência do circo e do teatro na região de Senhor do Bonfim em toda extensão do Século XX, enquanto Santana (2013) apresentou a cena cultural local da primeira década do Século XXI. Ao observar a profusão de grupos, festivais e espaços culturais, Silva (2018a, p. 61) defende, inclusive, que “Senhor do Bonfim é uma cidade-palco”. Essa profusão é descrita no projeto do curso como indicativo da demanda que justificaria sua criação (UNEB, 2016, p. 44-47), uma vez que hoje há muitos profissionais das artes cênicas em atividade, que, no entanto, não dispõem de formação específica na área. Essa demanda escoou durante décadas no curso de Pedagogia, espaço onde os artistas tornaram-se artistas-educadores, alargando ainda mais a relação entre as duas áreas dentro do Campus VII.

A década de 1990 foi um marco para o Teatro na Educação de Senhor do Bonfim, pois a aprovação da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no ano de 1996, reaproximou os artistas de teatro das escolas, especialmente as particulares. Neste momento, diversos artistas de teatro estudavam ou passaram a estudar Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB)/Campus VII e outras licenciaturas em faculdades públicas e privadas e começaram a ser contratados para ministrar aulas do componente curricular Arte, unindo os conhecimentos adquiridos na prática teatral aos conhecimentos pedagógicos oriundos especialmente da licenciatura em Pedagogia. (SILVA, 2018a, p. 63)

A aproximação entre as duas áreas deu origem na Uneb, antes mesmo da criação do curso de Teatro, ao núcleo de arte Nuart 7 e ao Grupo de Pesquisa e Extensão em Artes Cênicas do Semiárido Brasileiro (GruPANO), certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ao longo dos anos, o Campus VII também organizou eventos artísticos diversos, a exemplo do Colóquio de Artes Cênicas do Piemonte Norte do Itapicuru, realizado por três edições, nos anos de 2010, 2015 e 2017 (SILVA, 2018a).

A Licenciatura em Teatro surge, portanto, para acolher a demanda já existente na universidade, atendendo a necessidade de

[...] formar professores de teatro; qualificar e dinamizar a cena artística da região concernente aos termos da atualização profissional; [...] contribuir para o desenvolvimento acadêmico, social e artístico-cultural da região e do país; propor linhas de pesquisa que aprofundem o conhecimento sobre o teatro brasileiro do ponto de vista local, corrigindo assimetrias no estudo do tema no país. (UNEB, 2016, p. 42-43)

A expectativa é que os licenciados finalizem a graduação aptos a atuarem em escolas do Ensino Fundamental e Médio, além de espaços não-formais de educação. Entre os objetivos do curso, também estão:

[...] Garantir um constante diálogo com os elementos e manifestações da cultura popular como possibilidades de garantir a diversidade e a acessibilidade nos processos de ensino, produção e fruição artística de maneira crítica, reflexiva, criativa e, sobretudo, ética; [...] Dinamizar espaços culturais do Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru; Aproximar os estudantes de Teatro das ações da FAEB – Federação de Arte Educadores do Brasil; da ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas e da Associação de Arte-Educadores da Bahia. (UNEB, 2016, p. 51-52)

Desde 2018, são oferecidas 30 vagas anuais para o curso, sendo 10% delas direcionadas exclusivamente para artistas e professores de teatro com reconhecida moradia e atuação no Território Piemonte Norte do Itapicuru. A iniciativa busca valorizar os profissionais locais e fortalecer a arte teatral feita no território e para o território (UNEB, 2016, p. 113). A preocupação com o desenvolvimento cultural da região pode ser observada nesta norma, mas também nos objetivos anteriormente citados. Ao mesmo tempo em que o curso pretende se vincular ao panorama do teatro nacional, está garantido o diálogo com a cena local.

Em 2019, inclusive, o curso impulsionou a formalização de parceria entre a Uneb e o Colégio Estadual Senhor do Bonfim (CESB) para a promoção de ações em conjunto (UNEB, 2019b). A primeira delas foi a criação da Quadrilha Junina “Unidxs da Tapera”⁴⁷, formado por estudantes das duas instituições⁴⁸. O grupo participou do 13º Concurso de Quadrilhas da

⁴⁷ A substituição de “o” por “x” indica a preocupação em utilizar linguagem neutra de gêneros gramaticais, postura política que ganhou evidência nos últimos anos. Ver mais em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/07/10/Todxs-contra-x-1%C3%ADngua-os-problemas-e-as-solu%C3%A7%C3%B5es-do-uso-dx-linguagem-neutrx>>. Acesso em 30 jun. 2019.

⁴⁸ A quadrilha abriu inscrições para todos os estudantes do CESB e Uneb interessados e contou com o seguinte tema: “História e aspectos culturais do município de Senhor do Bonfim”. Seu resultado foi apresentado em um espetáculo que integrou o teatro, o circo, a dança e a música instrumental ao vivo. Informações disponíveis em: <<https://bonfimnoticias.com/site/2019/02/26/inscricoes-abertas-para-participar-da-quadrilha-junina-realizada-pela-uneb-em-sr-do-bonfim/>> e <<https://bonfimnoticias.com/site/2019/06/19/quadrilha-da-uneb-sr-do-bonfim-mistura-manifestacoes-culturais-e-critica-social-e-encanta-o-publico/>>. Acesso em 30 jun. 2019.

Rádio Caraíba, competição tradicional de Senhor do Bonfim, e integrou a programação oficial do São João do município. Também está prevista para este ano a realização de sete projetos de extensão na área de circo, teatro, dança, música e dramaturgia, ofertados pela Uneb a alunos do CESB. A parceria fortalece a relação entre as instituições educativas, que desde o início de 2019 coabitam o mesmo espaço. Isso porque, devido à insuficiência de espaço físico na atual sede do Campus VII, a Licenciatura em Teatro passou a funcionar no Anexo Professor Marcos Fábio Oliveira Marques, ambiente criado no CESB para atender a essa finalidade. O anexo conta com três salas de aula, quatro laboratórios (Lab de Cena, Lab de Música e Corpo, Lab de Visualidades da Cena, Lab de Circo), Diretório Acadêmico, auditório, sala de professores, sala de colegiado, sala de grupo de pesquisa e sala de projetos de extensão, além de banheiros, cozinha e depósito de alimentos (UNEB, 2019c).

Considerando o exposto, é possível afirmar que a relação da Uneb com a cultura se expandiu desde a criação do seu primeiro curso de artes. O surgimento, entre 2018 e 2019, de novos grupos, projetos e eventos no município validam essa tese. Alguns deles são os grupos Ijelu - Artes de Bichas Pretas e Semibreves, coletivos artísticos criados por estudantes da Licenciatura em Teatro; Laboratório de Estudo, Pesquisa e Prática em Dança (Lepped) e Laboratório de Artes do Circo (L'circo), núcleos da Uneb que se somam ao já existente GruPANO; Terça Cênica⁴⁹ e Março Cênico⁵⁰, mostras realizadas por estudantes da Uneb; Festival Cena na Tapera - Festival Cênico Universitário de Senhor do Bonfim⁵¹, organizado pela Uneb em parceria com a Secretaria de Cultura do município e Academia de Letras e Arte de Senhor do Bonfim (Aclab). Pesquisas posteriores poderão apresentar os resultados da articulação da universidade com a cena local com mais destreza, visto que os processos ainda estão em fase de consolidação e, como lembra Feixa (2000), não é fácil conceituar tendências de mudanças em curso.

⁴⁹ Projeto de extensão que apresenta esquetes cênicas uma vez por semana no Cesb, sempre de modo gratuito.

⁵⁰ Evento realizado nas cidades de Senhor do Bonfim e Antônio Gonçalves, com o objetivo de reverenciar o Dia Mundial do Teatro.

⁵¹ O festival foi realizado como parte das comemorações do Dia da Cultura Bonfinense.

4 O CONSUMO CULTURAL DOS ESTUDANTES DA UNEB CAMPUS VII

Ainda hoje, se discute se há espaço para os métodos quantitativos na pesquisa social ou se os métodos qualitativos seriam os únicos adequados ao campo. O debate, porém, pode ser superado pela constatação de que escolher este ou aquele método depende preponderantemente das questões levantadas no projeto de pesquisa, não somente de uma iniciativa individual do pesquisador. Afinal, como lembra Marília Ramos (2003, p. 62), “o fazer científico se estrutura primariamente sobre o binômio problema/hipótese, o qual, por sua vez, determina dialeticamente [...] o binômio metodologia/resultados.”. Sendo assim, é responsabilidade do pesquisador auscultar a pergunta colocada e, após analisar as diversas opções metodológicas existentes, definir qual a mais adequada para ajudar a respondê-la.

[...] questões que envolvem relações causais, por meio das quais testamos hipóteses, pressupõem o uso dos métodos quantitativos de forma que possamos verificar se determinadas variáveis (independentes e dependentes) andam juntas e qual o sentido e a força da relação entre elas: se unidirecional ou recíproco e se é obra do acaso ou possui significância estatística [...]. Já questões que envolvem processos ou interrogações sobre representações sociais, por exemplo, não podem ser respondidas com uso de métodos quantitativos. (RAMOS, 2003, p. 59)

Esta dissertação sustenta-se em duas questões centrais, relacionadas à observação do mesmo público: jovens estudantes universitários da cidade de Senhor do Bonfim, Bahia, com idade entre 18 a 29 anos⁵². Para responder a primeira pergunta – quais são as atividades culturais consumidas pelo público investigado? – utilizamos o método quantitativo, tendo como instrumento o questionário estruturado. Essa escolha permitiu avaliar se variáveis como renda, gênero, raça, curso de graduação, entre outras, impulsionam ou desestimulam esse consumo. Por sua vez, para responder a segunda questão – que tipo de trajetória de vida estimula alguém a tornar-se “fraco” ou “forte”⁵³ consumidor? – foi necessário o uso de método qualitativo, por meio da entrevista semiestruturada.

4.1 A ETAPA QUANTITATIVA: UMA VISÃO GERAL

Começamos pela abordagem dos resultados da pesquisa quantitativa, etapa realizada por meio de questionário *online* aplicado entre novembro e dezembro de 2018, sob supervisão desta autora e suporte de oito estudantes da Uneb, os quais atuaram na mobilização de público no campus da universidade. Esses estudantes são vinculados ao GruPANO - Grupo de Pesquisa e Extensão em Artes Cênicas no Semiárido Brasileiro – e foram articulados pelo

⁵² Apesar de o conceito de juventude no Brasil abranger a faixa etária entre 15 e 29 anos, na universidade pesquisada os estudantes têm idade acima de 18 anos.

⁵³ É preciso ressaltar que “forte consumidor” não se restringe àquele que dedica mais tempo a atividades culturais, mas que também consegue se movimentar por diferentes categorias de atividades.

coordenador do colegiado do curso de Licenciatura em Teatro da instituição, professor Reginaldo Carvalho. O questionário, apresentado no Apêndice A, foi elaborado utilizando como modelo os instrumentos de outras pesquisas brasileiras realizadas sobre o tema – Panorama Setorial da Cultura Brasileira 2013/2014⁵⁴, Públicos da Cultura 2013/2014⁵⁵ e Cultura nas Capitais 2018⁵⁶.

Figura 11 - Card de divulgação da pesquisa

**PESQUISA SOBRE
O CONSUMO CULTURAL DOS
ESTUDANTES DA UNEB**

DESTINADA A:
| ALUNOS DE GRADUAÇÃO
| MATRICULADOS NO CAMPUS VII
| COM ATÉ 29 ANOS DE IDADE

ACESSE O LINK
NA DESCRIÇÃO
DE 30/11 A 10/12
E PARTICIPE!

A pesquisa é realizada pela mestrandia Adriana Santana, vinculada ao Pós-cultura/UFBA. Seu objetivo é entender quais são as atividades culturais mais consumidas pelo público e as motivações que influenciam esse consumo. Os dados podem contribuir futuramente para a formulação de políticas culturais voltadas à universidade e ao município.

APOIO INSTITUCIONAL

APOIO FINANCEIRO

UNEB

fapesb

Estado da Bahia

Cartaz utilizado para divulgar a pesquisa em formato impresso e digital

A metodologia utilizada na etapa quantitativa foi a amostragem não-probabilística proporcional por cotas (SCHIFFMAN; KANUK, 2000 apud OLIVEIRA, 2001), levando em consideração os cortes relacionados ao cursos dos estudantes. Tomando como base o número total de estudantes de cada curso – Biologia, Ciências Contábeis, Enfermagem, Matemática, Música, Pedagogia e Teatro –, foi realizada a seleção proporcional das cotas. Essa medida teve como objetivo evitar um desequilíbrio na análise, o que aconteceria se tivéssemos a

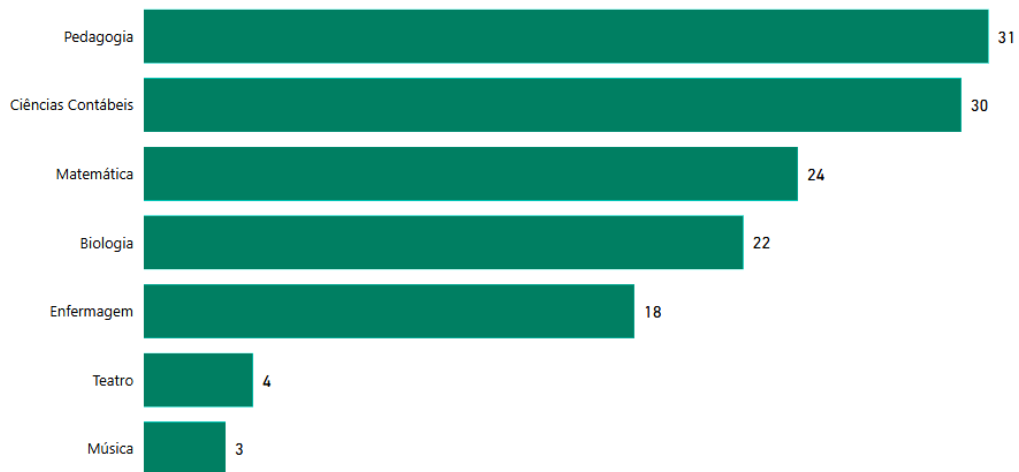
⁵⁴ A pesquisa entrevistou 1.620 pessoas de 74 municípios com mais de 100 mil habitantes, com idade entre 16 e 75 anos.

⁵⁵ Direcionada a moradores de 139 municípios, a pesquisa coletou respostas de 2.400 pessoas com idade acima de 16 anos.

⁵⁶ Realizada em 12 capitais brasileiras, a pesquisa contou com 10.630 respostas de pessoas maiores de 12 anos.

participação de algum dos cursos inflacionada ou sub-representada. Utilizamos a metodologia desenvolvida por Santos (2011) para definir o percentual de estudantes por curso necessário para validar a pesquisa estatisticamente, considerando margem de erro de 10% e nível de confiança de 99%. Assim, chegamos aos seguintes números:

Figura 12 - Distribuição dos entrevistados por curso



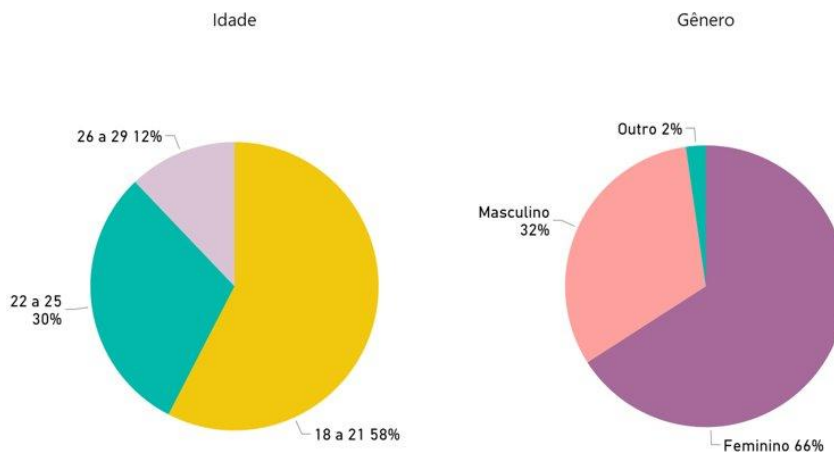
Fonte: elaborada pela autora

A delimitação das cotas exigiu que as respostas fossem acompanhadas diariamente, a fim de verificar se determinada cota já tinha sido preenchida ou se, pelo contrário, precisaria ser mais estimulada. Trabalhamos inicialmente com amostragem acidental, que prevê a qualquer interessado igual probabilidade de responder ao questionário, mas, quando notamos que determinada cota estava sub-representada, trabalhamos com a amostragem intencional, ou seja, reforçamos a divulgação entre os estudantes daquele curso. Ao longo de 11 dias, foram registradas 155 respostas, entre elas, 132 consideradas válidas. Desconsideramos os registros de pessoas que não compõem o público-alvo da pesquisa – estudantes de outras universidades ou pessoas acima de 29 anos –, e o excedente de respostas de cursos que já haviam atingido sua cota.

Notamos uma concentração da amostra na faixa etária de 18 a 21 anos (58%), seguida pela faixa de 22 a 25 anos (30%) e 26 a 29 anos (12%). No que se refere ao gênero, 66% das respostas válidas foram de estudantes do gênero feminino, 32% do masculino e 2% de outros. Esses percentuais estão de acordo com o indicador demográfico da própria universidade, uma vez que a Uneb de Senhor do Bonfim conta com 67% de estudantes do gênero feminino e 33% do gênero masculino. Em relação à raça, pretos e pardos compõem 82,5% da amostra, contra 13% de brancos e 4,5% de indígenas e/ou amarelos. Não por acaso, o percentual de estudantes cotistas entrevistados é alto (44%), número que se aproxima do quadro geral da

universidade (41%). Esse panorama expressa ainda a composição social do estado da Bahia, que, em 2017, contabilizava em sua população 80% de pretos e pardos (21% autodeclarados pertencentes ao primeiro grupo e 59% ao segundo) (IBGE, 2017). Mais que isso, a significativa presença de cotistas raciais na Uneb evidencia a eficácia da política de cotas adotada há 16 anos pela universidade, reconhecida pelo pioneirismo no Brasil.

Figura 13 - Distribuição dos entrevistados por idade e gênero



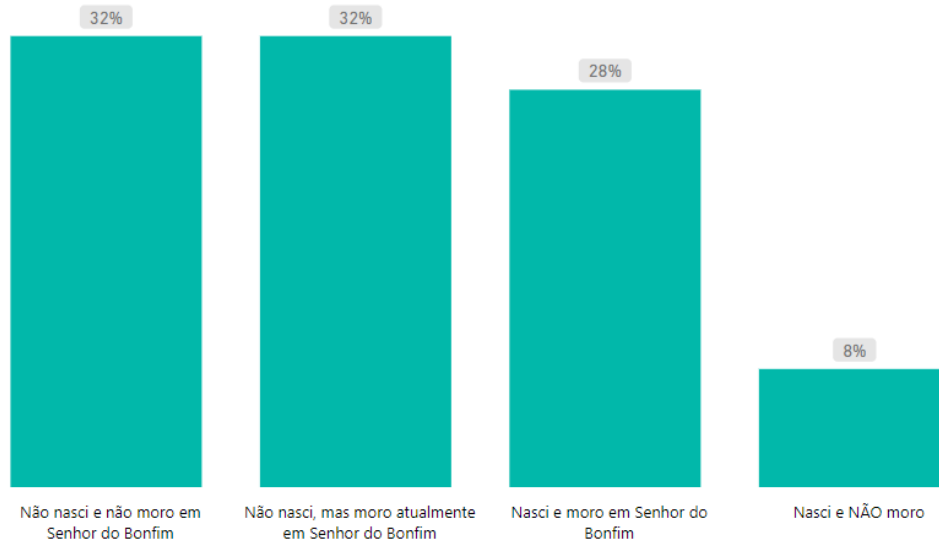
Fonte: elaborada pela autora

A maioria dos estudantes entrevistados pertence à Classe C, que se divide em C1 e C2, totalizando 50% da amostra. A Classe C2, com renda familiar mensal média de R\$ 2.965,00, representa 32% da amostra, enquanto a C1, com renda familiar de R\$ 1.691, representa 18% dos pesquisados. As Classes D e E, que agrupam aqueles cuja renda familiar média é de até R\$ 708,00, também se mostram representativas, com 35% das respostas. A classificação das classes tomou como base o Critério de Classificação Econômica Brasil, desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2018). Vale ressaltar ainda que o percentual de entrevistados que desenvolvem alguma atividade remunerada – seja estágio, trabalho, pesquisa etc. – supera o índice dos economicamente inativos (57% e 43%, respectivamente).

A população da zona urbana destaca-se na pesquisa (87%), em comparação aos moradores da zona rural (13%). Há também o predomínio de estudantes que moram em Senhor do Bonfim (60%), divididos entre os naturais do município (47%) ou pessoas nascidas em outras localidades (53%). Considerando apenas os que não nasceram na cidade, mas atualmente moram em Senhor do Bonfim, notamos que 76% mudaram-se em decorrência do ingresso na Uneb, o que indica a importância da universidade para os processos migratórios.

A faixa dos 40% que não moram em Senhor do Bonfim engloba os estudantes que residem em localidades próximas e dirigem-se diariamente à universidade para frequentar as aulas, praticando, portanto, a chamada migração pendular (RIBEIRO, 2019).

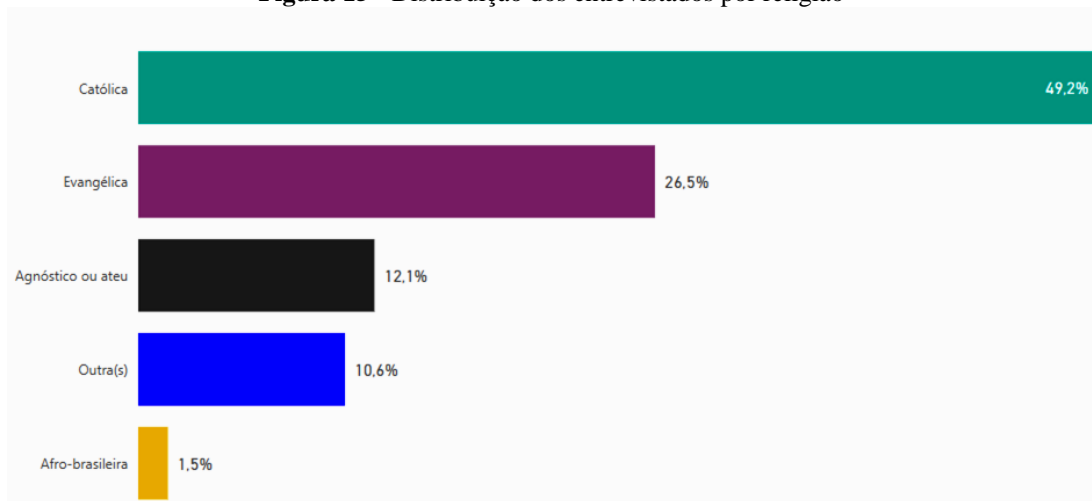
Figura 14 - Distribuição dos entrevistados por cidade



Fonte: elaborada pela autora

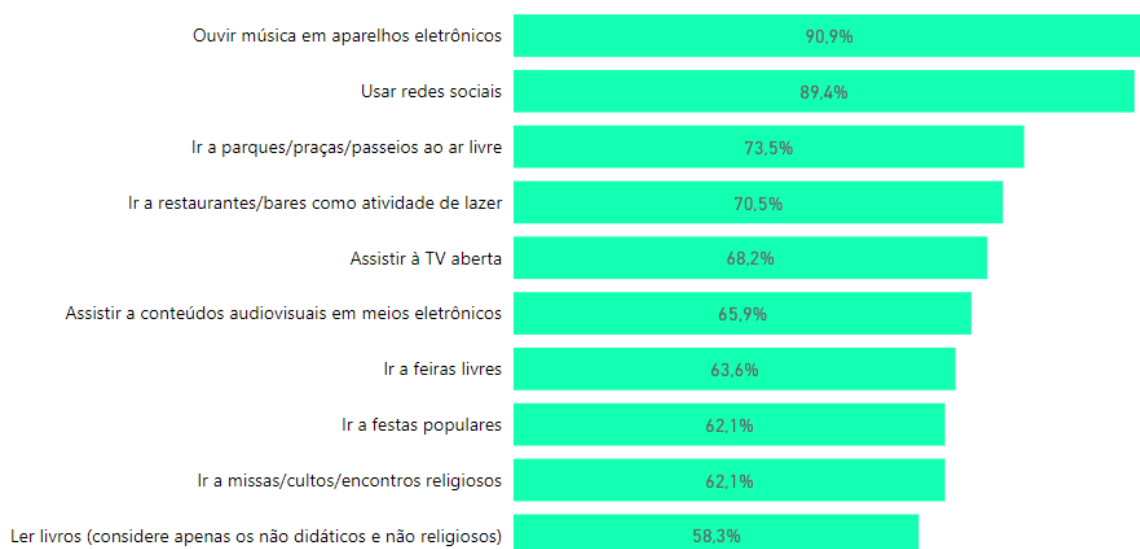
Os estudantes entrevistados são predominantemente religiosos: 88% seguem alguma religião, com destaque para os católicos (49%) e evangélicos (26,5%). Não por acaso, a ida a missas/cultos/encontros religiosos aparece em nono lugar na lista de atividades mais frequentadas no último ano. Consideramos que a importância atribuída à atividade religiosa deve-se ao posicionamento da igreja, em muitos casos, “como espaço de lazer em territórios marcados pela ausência de equipamentos culturais” (NOVAES, 2018, p. 88), lacuna que se perpetua nas pequenas cidades e periferias de grandes centros urbanos.

Os solteiros também são maioria entre a amostra investigada (55%), seguidos por aqueles que namoram (31%) ou são casados (14%). Apenas 8% dos entrevistados têm filhos, o que pode indicar que os jovens estão buscando qualificação antes de construir uma família. Tal evidência corrobora com os dados do IBGE que apontam que as mulheres brasileiras estão engravidando mais tarde: “entre 2007 e 2017, o número de filhos com mães que tinham até 19 anos de idade na ocasião do parto passou de 20,22% [...] para 15,95% [...]. Na mesma comparação, os filhos de mães do grupo de 20 a 29 anos de idade passaram de 54,1% para 48,98%”. (IBGE, 2018).

Figura 15 - Distribuição dos entrevistados por religião

Fonte: elaborada pela autora

A suposição de que, com o avanço das tecnologias, os jovens têm buscado um consumo mais individualizado não encontra validade na nossa pesquisa. Os resultados indicam que, entre as dez atividades mais consumidas no último ano, cinco são de natureza externa, ou seja, realizadas fora do domicílio, como pode ser visto na Figura 16. Esse dado evidencia que as práticas domiciliares e externas não atuam como concorrentes, considerando o que Botelho e Fiori (2005) nomeiam de “lei do acúmulo”: quem consome mais atividades em casa, também sai com frequência para participar de atividades fora (BOTELHO; FIORI, 2005). Ainda assim, as atividades de natureza externa despertam maior interesse do público investigado nesta pesquisa, como podemos visualizar na figura abaixo.

Figura 16 - 10 atividades mais realizadas no último ano

Fonte: elaborada pela autora

A lista de atividades mais populares evidencia também a conjugação entre práticas digitais e práticas *offline* – estas que exigem participação física nos espaços – no leque de

preferências dos jovens entrevistados. Tal constatação corrobora com uma das conclusões da pesquisa “Cultura e tecnologias no Brasil: um estudo sobre as práticas culturais da população e o uso das tecnologias e informação e comunicação”⁵⁷, desenvolvido pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), em parceria com o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap):

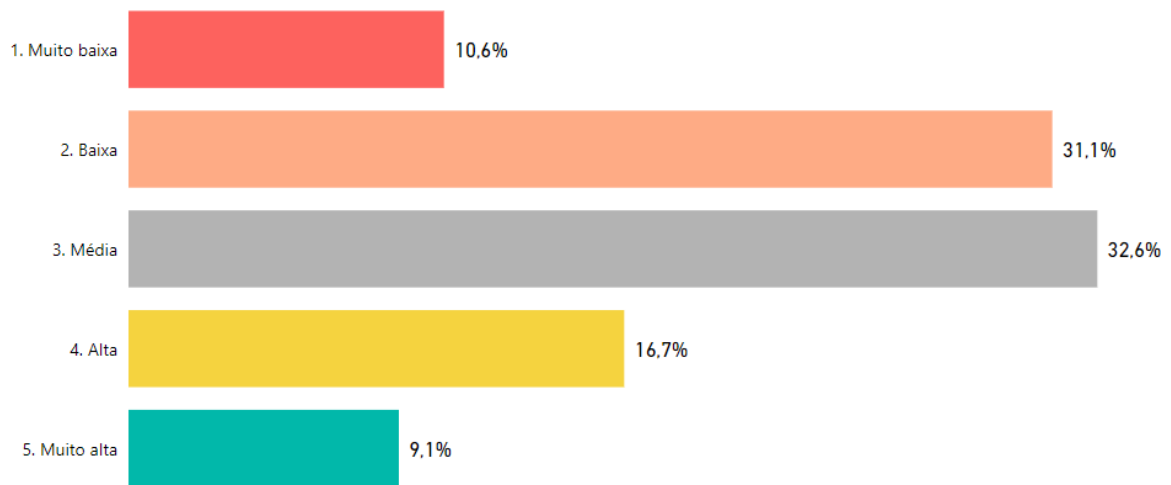
Ainda que a Internet se caracterize como um meio que propicia o acesso ao consumo cultural, é comum entre os entrevistados de várias idades o discurso de que a opção on-line por vezes não substitui a vivência in loco. Esta é tida como mais completa, tanto pelo envolvimento de todos os sentidos na fruição artística (em contraposição às limitações dos formatos digitais), quanto como forma de interação social. Nesse caso, as novas tecnologias seriam um braço que expande (e muitas vezes estimula) a vivência presencial, mas que é, de algum modo, mais limitado do que ela. (CETIC, 2017, p. 33)

Nos últimos 12 meses, o número de estudantes que teve baixa frequência cultural (realizou de 7 a 12 categorias de atividades, em uma lista de 30) ou muito baixa frequência (1 a 6 categorias) supera o percentual de estudantes que tiveram frequência considerada alta (18 a 22 categorias) ou muito alta (23 a 27 categorias)⁵⁸. A soma dos dois primeiros grupos representa 41,7% do total da amostra, enquanto os dois últimos somam 25,8% das citações – os outros 32,6% tiveram consumo médio, tendo frequentado de 13 a 17 atividades no último ano. Quando observamos as taxas de frequência cultural dos entrevistados ao longo da vida⁵⁹, nos deparamos com resultados mais satisfatórios: a soma do percentual de pessoas com integração parcial (aquelas que ao longo da vida consumiram 23 atividades em uma lista de 30 opções) ou integração total (tiveram acesso a praticamente todas as atividades sugeridas) representa 89%.

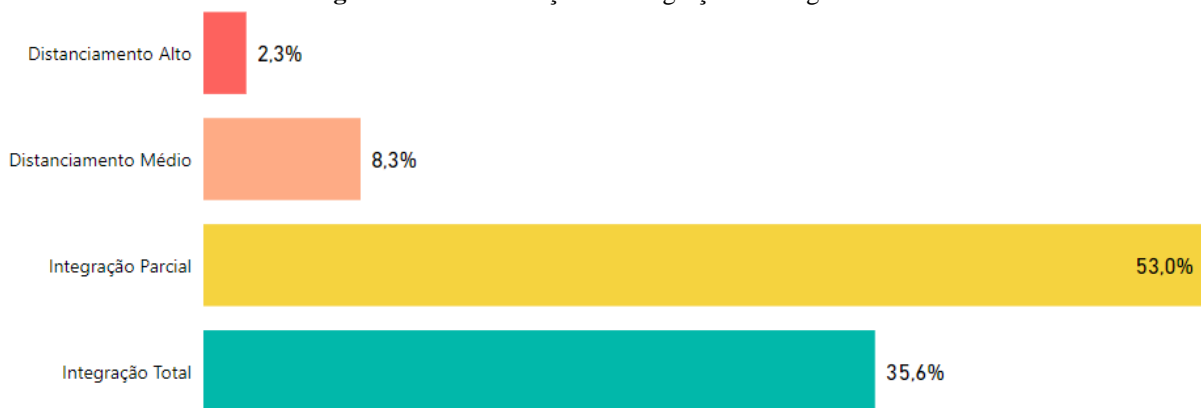
⁵⁷ A pesquisa, executada em 2016 e denominada TIC Cultura, investigou como o acesso às tecnologias influenciam as práticas culturais da população brasileira. Foram realizados 24 grupos focais em diferentes regiões do Brasil, cada grupo contendo de 7 a 9 integrantes, com idade entre 15 e 60 anos.

⁵⁸ Nenhum estudante realizou mais de 27 atividades no último ano.

⁵⁹ Esses resultados decorrem da pergunta “Quais atividades você nunca realizou?”. Ao invés de considerar as respostas como indicativos de um “grau de exclusão” dos estudantes, preferimos intitular esse índice como “grau de integração”. A depender das respostas, o consumo cultural efetuado ao longo da vida dos estudantes foi classificado como sinônimo de integração total, integração parcial, distanciamento médio ou distanciamento alto.

Figura 17 - Classificação da frequência no último ano

Fonte: elaborada pela autora

Figura 18 - Classificação da integração ao longo da vida

Fonte: elaborada pela autora

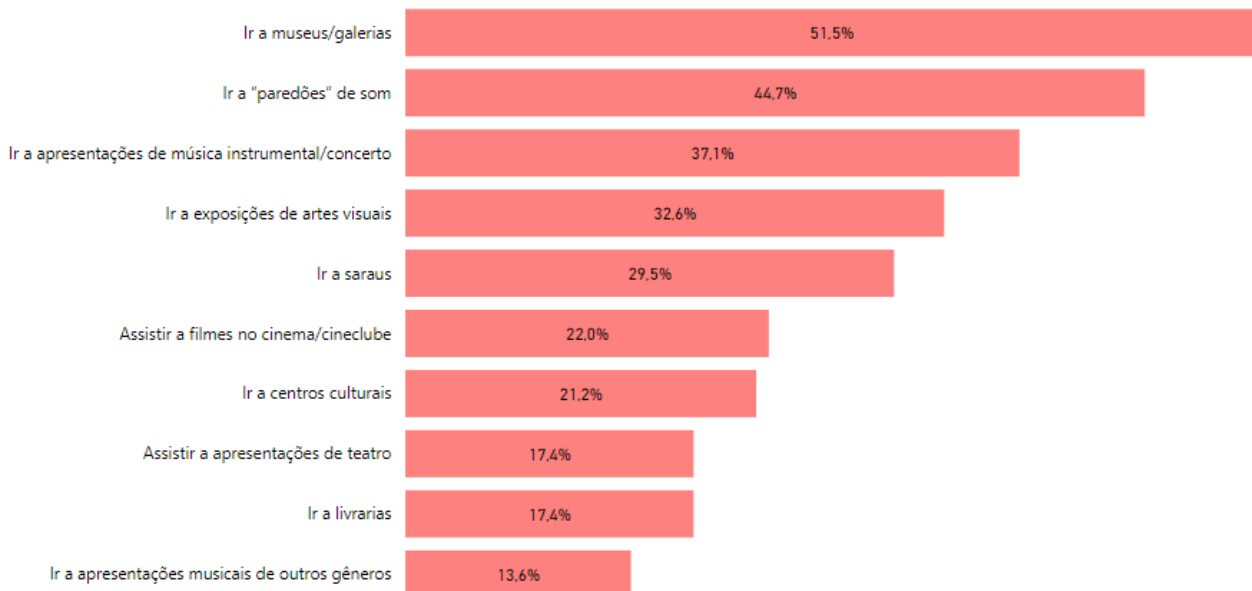
Os cursos que tiveram os melhores índices de consumo cultural nos últimos 12 meses e ao longo da vida foram o de Matemática e Enfermagem. Por outro lado, os estudantes de Pedagogia apresentaram a menor taxa de frequência. Essa avaliação desconsidera os cursos de Teatro e Música⁶⁰ que, devido ao reduzido número de entrevistados, não permite a observação comparativa.

Ao observar as atividades menos realizadas nos últimos 12 meses, notamos que elas estão, em sua maioria, vinculadas a segmentos artísticos e a espaços culturais mais tradicionais, sendo o pior índice atrelado à ida a museus (6%). Uma exceção, nesse sentido, é a frequência a atividades de dança e teatro, que atingiram percentuais de 46% e 42% no último ano, respectivamente. A análise sobre o consumo acumulado dos jovens – ou seja, o

⁶⁰ Vale a pena mencionar, no entanto, que todos os quatro estudantes de Teatro entrevistados tiveram frequência cultural alta nos últimos 12 meses. Já os estudantes de Música se dividiram em três faixas de classificação: frequência muito baixa, alta e muito alta.

conjunto de atividades que realizaram ao longo da sua trajetória pessoal –, demonstra o mesmo distanciamento dos entrevistados em relação às atividades artísticas e espaços formais. Atividades em locais como museus, cinemas, centros culturais, teatros e livrarias deixaram de ser realizadas por grande parte da amostra ao longo da vida. Tais dados não surpreendem, uma vez que outras pesquisas brasileiras já identificaram a distância do público em relação a essas práticas e espaços. A pesquisa Públicos da Cultura, por exemplo, já havia identificado essa tendência: 11 entre as 19⁶¹ atividades culturais sugeridas em seu questionário revelam-se ausentes no consumo cultural da maioria do público investigado, a exemplo da frequência a concertos de música clássica, exposições, espetáculos de dança, teatro ou circo (SESC, 2014).

Figura 19 - 10 principais atividades nunca realizadas pelos estudantes



Fonte: elaborada pela autora

Quando observamos os frequentadores de cada uma das dez atividades menos realizadas nos últimos 12 meses (museus, circos, “paredões”, livrarias, concertos, saraus, centros culturais, exposições, cinema, apresentações musicais de outros gêneros), notamos que eles tiveram acesso acima da média da amostra em praticamente todas as outras atividades culturais sugeridas pelo questionário. Isso significa que as pessoas que foram ao museu ou ao teatro no último ano, por exemplo, se integraram com mais facilidade às outras atividades.

⁶¹ São elas: assistir à ópera/concerto de música clássica em sala de espetáculo (89% da amostra nunca realizou a atividade); assistir à ópera/concerto em casa ou em outros espaços (84%); ir a espetáculo de dança no teatro (75%) ou em outros espaços (48%); ir à exposição de pintura, escultura ou outras artes em galeria/museu (71%) ou mesmo em outros espaços (72%); ir à exposição de fotografia em galeria/ museu (70%) ou em outros espaços (73%); ver uma peça de teatro no teatro (57%) ou na rua/espaços alternativos (62%); ver uma apresentação circense fora de um circo (61%) ou em um espaço de circo tradicional (28%); ir a show de música em sala de espetáculo (55%) ou em outros espaços (31%); ir a bibliotecas (42%); ler um livro por prazer (31%); ir ao cinema (22%); dançar em bailes e baladas (20%); assistir a um filme em casa ou outro lugar diferente do cinema (9%).

Um dado, no entanto, chama a atenção: esses mesmos frequentadores comparecem a encontros religiosos abaixo da média⁶². De todo modo, é possível afirmar que os consumidores de atividades menos acolhidas por grande parte da amostra estão mais abertos à diversidade de experiências, confirmando a suposição de que o público engajado em um gênero tende a se engajar em outros, tal como já havia sido evidenciado pela pesquisa Panorama Setorial da Cultura Brasileira (ALLUCCI; JORDÃO, 2014). Essa constatação corrobora ainda com o estudo de Peterson e Kern (1996), que identificou ao longo dos anos uma transição gradual dos perfis “esnobes” (caracterizados pelo consumo exclusivo de atividades eruditas) para um perfil onívoro (identificado pela mobilidade entre práticas dissonantes, assumindo um ecletismo entre os gostos).

Pesquisas nacionais (BOTELHO; FIORI, 2005, ALLUCCI; JORDÃO, 2014, LEIVA; MEIRELLES, 2018) indicam que a idade e o grau de escolaridade são características que costumam alavancar o consumo cultural: quanto mais jovem e maior a formação adquirida ao longo da vida, mais proximidade com a cultura o indivíduo possivelmente terá. A pesquisa Cultura nas Capitais (LEIVA; MEIRELLES, 2018) corrobora essa constatação ao identificar que a população acima de 60 anos e que cursou apenas o Ensino Fundamental teve índices de consumo cultural mais baixos, considerando a amostra investigada. Na mesma pesquisa, ainda foi verificado que, enquanto 8% dos jovens do ensino superior nunca foram a um museu ou exposição, o índice da população global que deixou de acessar esse espaço chegou a 30%. Ao se voltar exclusivamente para o público jovem e universitário, congelando esses dois critérios demográficos, a pesquisa realizada em Senhor do Bonfim não poderá verificar a variação do consumo a partir da idade e escolaridade. Sendo assim, outras variáveis tornam-se ainda mais relevantes para a observação das flutuações na frequência cultural, tais como o gênero, raça, religião, renda, estado civil, condição profissional, local de moradia e escolaridade dos pais.

Quando relacionamos o gênero com a frequência efetivada nos últimos 12 meses e o consumo realizado ao longo da vida, observamos diferenças substanciais entre homens e mulheres⁶³. Enquanto 17% dos homens tiveram frequência cultural muito alta no último ano e 7% muito baixa, entre as mulheres a balança se inverte: apenas 6% tiveram frequência muito alta, enquanto 13% tiveram frequência muito baixa. Ao observar o total de respondentes, notamos que apenas três estudantes (2,3%) tiveram distanciamento alto da cultura ao longo da vida, todas elas do sexo feminino. Observamos ainda que estudantes solteiros, sem filhos e

⁶² Apenas os jovens que frequentaram “paredões” e cinemas tiveram consumo religioso acima da média.

⁶³ Não foi possível identificar um padrão no consumo dos estudantes pertencentes a outros gêneros, por isso não entramos em detalhes sobre esse grupo.

ativos profissionalmente apresentaram um consumo maior do que os demais. Entre esses aspectos, a presença de filhos mostra-se a mais significativa na redução do consumo cultural: ao avaliar o perfil dos 11 estudantes que são pais e/ou mães, notamos que nenhum deles teve frequência muito alta.

No aspecto racial, observamos uma tendência de maior consumo cultural por parte dos estudantes pretos e pardos, seja ele efetuado nos últimos 12 meses ou ao longo da vida. A pesquisa Cultura nas Capitais identifica tendência semelhante: “os cálculos com modelos de regressão apontam que, isolando a influência de fatores como educação e renda, pretos, pardos e indígenas vão a uma maior variedade de eventos culturais do que brancos” (VEGA, 2018, p. 95). Os números isolados daquela pesquisa – sem o cruzamento das variáveis citadas – indicam, no entanto, uma flutuação a depender da linguagem cultural: o acesso ao cinema, museus, teatros e concertos é maior entre brancos, enquanto a participação em shows de música, espetáculos de dança e feiras de artesanato é maior entre pretos.

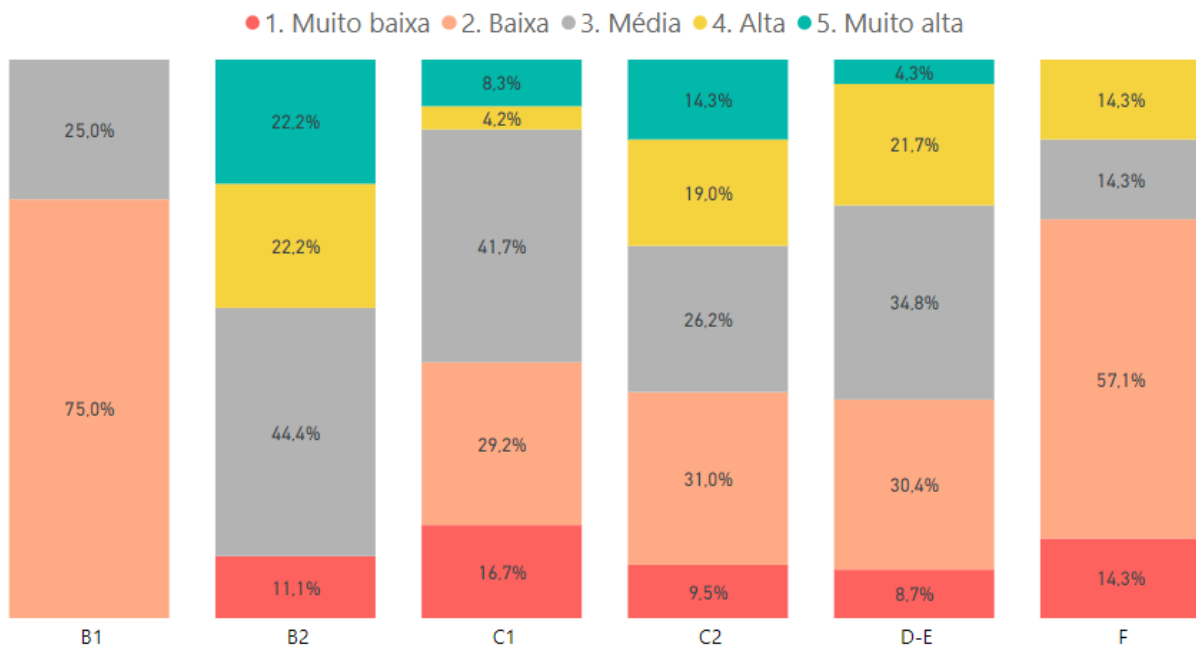
No quesito religião, agnósticos e ateus apresentam os melhores índices de frequência e integração, opondo-se em especial aos evangélicos, religião a qual se associam todas as pessoas que apresentam as menores taxas de frequência cultural ao longo da vida⁶⁴. Observamos ainda que o público frequentador de missas, cultos ou encontros religiosos tende a não diversificar os gêneros culturais em seu consumo. Aqueles que frequentaram alguma atividade religiosa nos últimos 12 meses, que representam 17% da amostra, tiveram consumo abaixo da média em 11⁶⁵ das 30 atividades culturais consideradas nesta pesquisa. Esse distanciamento se acentua mais entre os evangélicos do que entre os católicos, as duas principais religiões às quais a amostra se vincula. No último ano, os evangélicos tiveram consumo abaixo da média em 20 das 30 atividades consideradas neste estudo. Para além da participação em cultos, as únicas atividades em que registraram percentuais acima da média foram a TV paga, viagens, TV aberta, parques/praças/passeios, cinema/cineclube, conteúdos audiovisuais em meio digital, jogos eletrônicos e livrarias.

⁶⁴ Deve-se ressaltar que o número de evangélicos entrevistados (35) representa mais que o dobro de agnósticos/ateus (16), logo, a comparação não é exatamente equilibrada. Consideramos, no entanto, que a diferença numérica não impossibilita a leitura comparativa, apenas exige uma observação cautelosa.

⁶⁵ São elas: ler livros não didáticos e não religiosos (54% dos religiosos realizaram a atividade, enquanto no total da amostra esse percentual chegou a 58%); assistir a espetáculos de dança (43% x 46%); teatro (37% x 42%); apresentações musicais de outros gêneros (30% x 33%); exposições (17% x 27%); centros culturais (24% x 26%); saraus (22% x 26%); concertos (18% x 20%); livrarias (18% x 20%); circo (13% x 16%); museus (2% x 6%). É válido ressaltar que entre as 11 atividades citadas, oito integram a lista de atividades menos acessadas ao longo da vida pelos estudantes (Figura 19).

A renda também foi observada, a fim de testar a hipótese de que pessoas com situação financeira mais favorável tendem a consumir mais atividades culturais do que as demais, conforme indica a literatura sobre o tema (BOURDIEU, 2007a, LAHIRE, 2006). O reduzido número de estudantes vinculados às faixas de renda mais alta e mais baixa⁶⁶ dificulta a análise, uma vez que a confirmação de padrões e desvios não pode ser feita com segurança, no entanto, a análise se faz pertinente. Apenas as classes que melhor representam a amostra serão comparadas para fins de análise, uma vez que contam com representativo número de integrantes. São elas: a C1, com 24 respondentes; a C2, com 42; D-E, com 46. Considerando o consumo recente, vemos que os estudantes da C2 apresentam os maiores índices de frequência a atividades culturais (33% dos estudantes tiveram consumo alto ou muito alto), seguidos pelos integrantes das classes D-E (26%) e C1 (12%). No que tange ao consumo acumulado ao longo da vida, identificamos que os estudantes da classe D-E apresentaram maiores taxas de integração parcial e total (94%) que a C2 (91%) e C1 (83%). A flutuação dos números expostos evidencia que, nesta pesquisa, a relação entre frequência cultural e renda não encontra um padrão, ou seja, ter determinada renda não é fator relevante para o estímulo ou inibição do consumo.

Figura 20 - Cruzamento entre renda e classificação da frequência dos estudantes



Fonte: elaborada pela autora

Outro aspecto observado foi o grau de formação dos pais dos respondentes, a fim de testar se havia uma correlação entre a escolaridade dos pais e o consumo cultural dos filhos.

⁶⁶ Apenas quatro estudantes informaram pertencer à Classe B1, nove à Classe B2 e sete à Classe F.

Ao avaliar os 11 estudantes que têm ao menos um dos pais com pós-graduação concluída, notamos que quatro deles tiveram frequência muito baixa ou baixa nos 12 meses anteriores à pesquisa, quatro tiveram frequência média e apenas um teve frequência alta. Entre os filhos de pais graduados no ensino superior, os quais somam 16 estudantes, esse quadro se altera pouco: sete tiveram frequência baixa no último ano, sete frequência média e apenas dois frequência alta. Já o grupo dos estudantes cujos pais não possuem instrução formal totaliza seis respondentes: dois tiveram frequência alta, enquanto os demais se distribuem entre frequência muito baixa (2), baixa (1) e média (1). Em termos proporcionais, seria possível afirmar, portanto, que os filhos de pais com escolaridade baixa têm consumo cultural mais elevado que os herdeiros de pais escolarizados. No entanto, é preciso ter cautela ao lançar afirmações como essa, uma vez que, além do tamanho reduzido dos grupos citados, há outras variáveis que incidem no consumo – gênero, curso, religião etc.

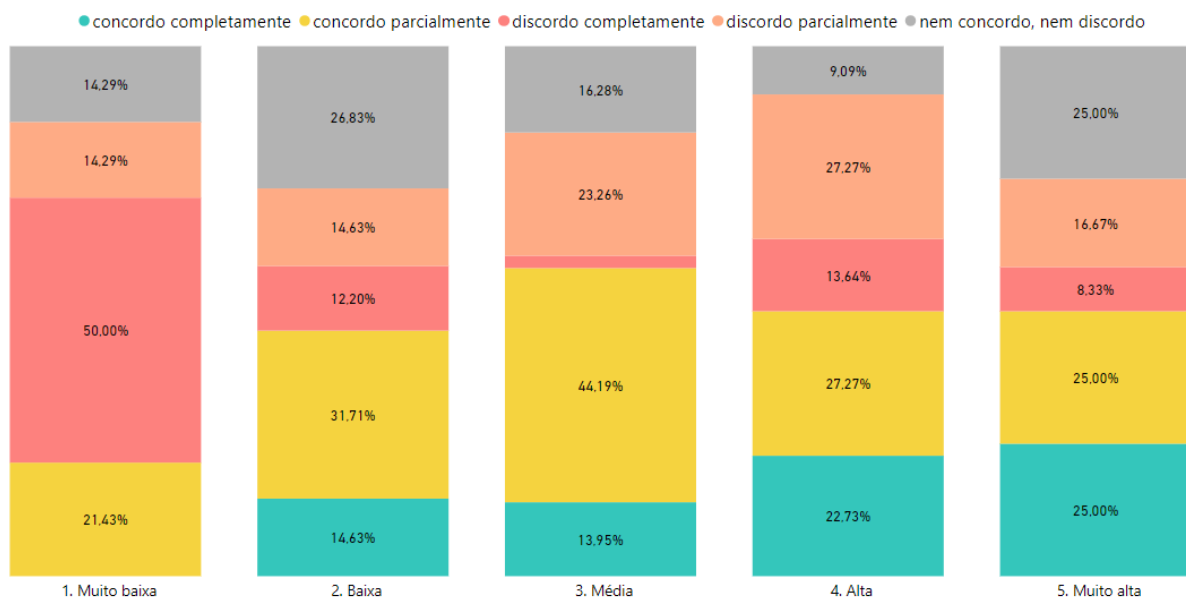
A pesquisa também sondou a percepção dos entrevistados a respeito da oferta cultural de Senhor do Bonfim e do estímulo exercido em sua trajetória pelas escolas por onde passou e pela universidade onde estuda – a Uneb⁶⁷. Em relação à quantidade de atividades culturais ofertadas na cidade, 20% dos entrevistados discordam completamente que a programação ofertada seja suficiente, 22% discordam parcialmente e 37% não souberam opinar, enquanto 21% concordam parcialmente ou completamente. Em relação à qualidade da oferta cultural disponível, os respondentes são igualmente críticos; o nível de concordância, no entanto, é maior: 16% dos entrevistados discordam completamente que a programação ofertada seja atraente/interessante, 21% discordam parcialmente e 31% não souberam opinar, enquanto o percentual de quem concorda parcialmente ou completamente soma 32%. Já a universidade recebe uma boa avaliação dos estudantes no quesito estímulo cultural: 36% concordam completamente que a Uneb é um espaço de estímulo à cultura, ao passo que 30% concordam parcialmente. O maior índice de concordância foi verificado entre os estudantes de Pedagogia: 94% concordam, seja completamente ou parcialmente, que a universidade é estimulante culturalmente. No sentido inverso, os estudantes de Ciências Contábeis emitem o juízo mais crítico – apenas 37% concordam com a afirmação. O fato de o curso de Pedagogia ter acolhido, historicamente, a demanda por formação dos artistas locais, tornando-se um espaço

⁶⁷ Para testar a opinião dos estudantes a respeito desses temas, utilizamos a Escala Likert - método que permite avaliar o grau de concordância dos entrevistados a respeito de um conjunto de perguntas (CUNHA, 2007). Nesta pesquisa, apresentamos cinco níveis de opções - discordo completamente, discordo parcialmente, nem concordo nem discordo, concordo parcialmente, concordo completamente.

de produção cultural contínua – como visto no capítulo 3 desta dissertação – pode justificar a percepção majoritariamente positiva dos atuais estudantes do curso a respeito da universidade.

Quando observamos a percepção dos estudantes a respeito das escolas, notamos que 1/3 dos entrevistados (33%) concordam parcialmente que as instituições onde estudaram foram espaços de estímulo cultural, enquanto 15% concordam completamente. O percentual de discordância é menor – 20% discordam parcialmente e 13% discordam completamente. A opinião dos estudantes de Biologia e Matemática são as que mais se destacam positivamente: 73% dos graduandos em Biologia e 67% dos estudantes de Matemática concordam, seja parcialmente ou completamente, que as escolas por onde passaram foram estimulantes. Por outro lado, a maior taxa de discordância se verifica entre os estudantes de Pedagogia – 45% discordam que as escolas foram ambientes de estímulo cultural. Considerando que Matemática e Pedagogia foram os cursos que apresentaram as mais altas e as mais baixas taxas de frequência cultural, respectivamente – seja nos últimos 12 meses, seja ao longo da vida –, é possível inferir que a relação estabelecida com a cultura na infância e adolescência mediada pela escola pode interferir no consumo cultural dos jovens. A fim de validar essa hipótese, cruzamos a opinião sobre as escolas com os dados a respeito do consumo cultural recente dos entrevistados. Observamos, assim, que jovens com frequência cultural muito baixa discordam que as escolas foram estimulantes de maneira mais acentuada que os demais entrevistados. Em paralelo a isso, os estudantes que tiveram consumo alto ou muito alto nos últimos 12 meses apresentam percentual mais elevado de concordância nesta questão.

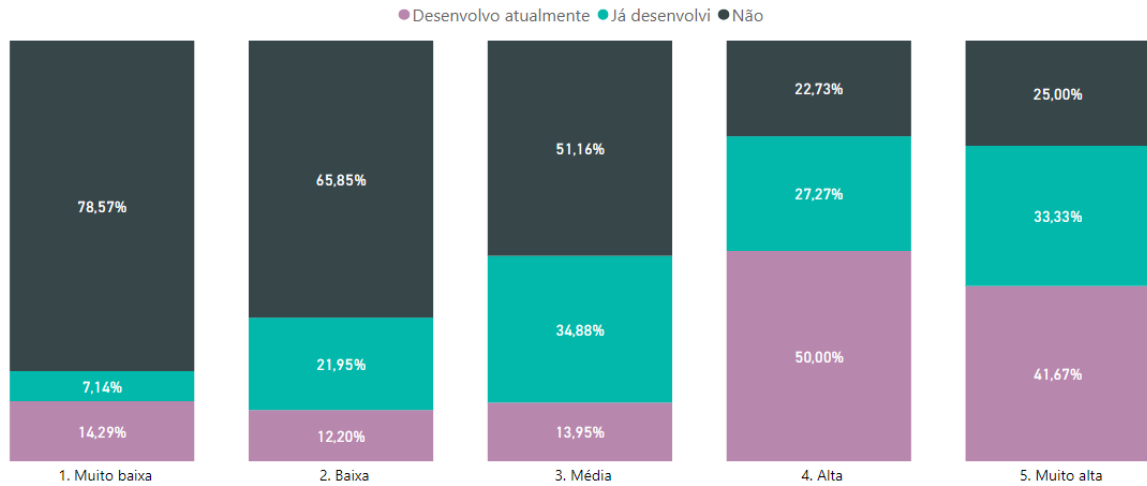
Figura 21 - Cruzamento entre classificação da frequência e percepção sobre as escolas



Fonte: elaborada pela autora

Outra constatação da pesquisa refere-se à relação que os estudantes e seus familiares estabelecem com as artes do ponto de vista da produção. Verificamos que 51,5% dos entrevistados nunca desenvolveram atividades artísticas, 26,5% já desenvolveram no passado e 22% desenvolvem atualmente. É importante salientar que os estudantes que nunca desenvolveram produções artísticas têm índices de consumo menores que os demais.

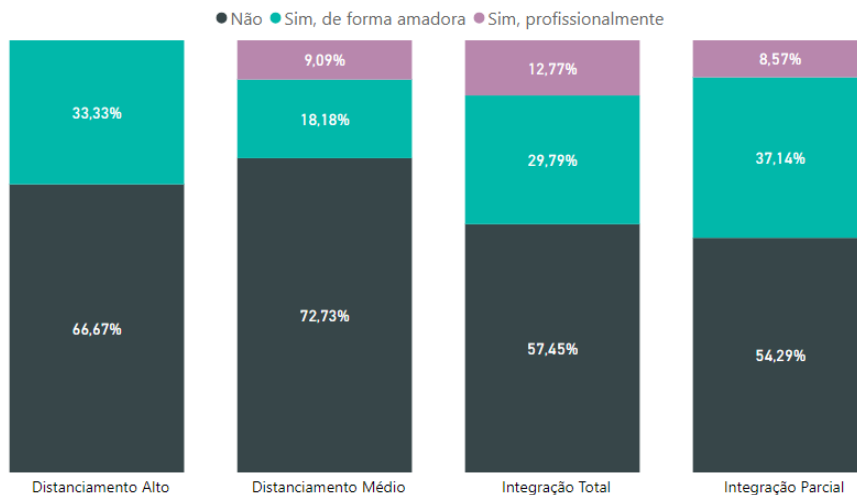
Figura 22 - Respostas à questão “você desenvolve atividades artísticas?” x classificação da frequência



Fonte: elaborada pela autora

A respeito da família, os dados indicam que 57% dos estudantes não têm familiares que desenvolvem atividades artísticas, enquanto 43% possuem artistas na família, sejam eles amadores (33%) ou profissionais (10%). O percentual de estudantes que não possuem artistas na família é maior entre aqueles que, ao longo da vida, deixaram de realizar um grande volume de categorias culturais – ou seja, apresentam distanciamento alto ou médio em relação à cultura.

Figura 23 - Respostas à questão “você tem familiar que desenvolve atividade artística?” x classificação da integração



Fonte: elaborada pela autora

Os amigos (60%) e parceiro/cônjuge (23%) são as companhias priorizadas pelos entrevistados para realizar atividades culturais, seguidos pela família (12%). Há também um pequeno percentual de respondentes que prefere consumir cultura de maneira solitária (5%). No que se refere aos benefícios esperados⁶⁸ ao consumir atividades culturais, o crescimento cultural/intelectual (71%) e a diversão (67%) lideram na opinião dos entrevistados. As outras opções sugeridas foram sociabilidade (27%), relaxamento (18%), interação familiar (6%) e status/prestígio (2%).

Em relação ao custo, 64% dos estudantes informam que costumam realizar mais produções gratuitas que pagas, 19% consomem somente atividades gratuitas, 14% mais pagas que gratuitas e 2% somente pagas. O fator preço, no entanto, aparece apenas em terceiro lugar quando questionamos o público sobre os aspectos considerados no momento de escolher qual atividade cultural consumir. O ranking de fatores considerados fica assim distribuído por ordem de importância⁶⁹: localização/facilidade de acesso (61% dos entrevistados selecionaram essa opção); tipo/gênero da atividade (43%); preço (40%); relevância do artista envolvido (16%); opinião de pessoas influentes – jornalistas, críticos, artistas, professores etc. – (14%); opinião dos amigos (9%); e opinião de familiares (3%). É possível interpretar que, apesar da preferência por atividades gratuitas, quando outros critérios estão em jogo, o custo não atua como impeditivo para que os jovens realizem as atividades preferidas. A Pesquisa Nacional sobre Hábitos Culturais⁷⁰, em 2015, já havia apontado essa conclusão ao observar que uma atividade popular como os shows musicais – uma das mais realizadas pela amostra naquele ano –, desperta no público o interesse em pagar em média R\$ 41 em ingressos, conduta não assumida no caso de atividades que os entrevistados não têm interesse em consumir.

4.2 A ETAPA QUALITATIVA: OS PERFIS CULTURAIS

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com o objetivo de compreender as nuances do consumo cultural de parte da amostra. Buscamos entender as trajetórias individuais dos entrevistados, investigando seus hábitos familiares atuais e da infância, sua proximidade com artistas, relação com o fazer artístico, rotina doméstica e de trabalho, tempo disponível para o consumo cultural, avaliação sobre a oferta cultural disponível em sua cidade

⁶⁸ Nesta questão, o entrevistado poderia selecionar até duas opções listadas. Por conta disso, a soma dos percentuais das respostas supera 100%.

⁶⁹ Nesta questão, o entrevistado poderia selecionar até duas opções listadas. Por conta disso, a soma dos percentuais das respostas supera 100%.

⁷⁰ Pesquisa realizada de modo contínuo, de 2007 a 2016, pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Rio de Janeiro (Fecomércio-RJ), em parceria com o Instituto Ipsos.

de moradia, entre outros fatores. Procuramos entrevistar estudantes de gêneros, cursos e graus de classificação da frequência diferentes. Devido à recusa de alguns estudantes em participar desta etapa, bem como a falta de tempo para estender a sua execução, o equilíbrio almejado no que se refere ao gênero não foi alcançado – um homem e quatro mulheres responderam à entrevista. Os perfis foram mais bem distribuídos no que se refere aos outros fatores: os entrevistados foram classificados pela frequência cultural muito alta (2 estudantes), alta (1), baixa (1) e muito baixa (1); e estão vinculados aos cursos de Biologia (1), Enfermagem (1), Matemática (2) e Teatro (1). O quadro abaixo identifica as principais características dos entrevistados:

Figura 24 - Resumo dos perfis dos entrevistados

PERFIL	Entrevistados				
	Caroline Oliveira	Abel Moreira	Dailane Silva	Paula Freire	Jeniffer Silva
Gênero	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino
Idade	22 anos	25 anos	20 anos	22 anos	20 anos
Curso	Enfermagem	Matemática	Biologia	Matemática	Teatro
Classe social	C1	D-E	C1	C1	C2
Cidade de nascimento	Jacobina/ BA	Conceição do Coité / BA	Jacobina/ BA	Ourolândia/ BA	Senhor do Bonfim/ BA
Cidade de moradia	Senhor do Bonfim/ BA	Senhor do Bonfim/ BA	Senhor do Bonfim/ BA	Senhor do Bonfim/ BA	Senhor do Bonfim/ BA
Relacionamento	Solteira	Namorando	Namorando	Namorando	Namorando
Religião	Agnóstica	Agnóstica	Evangélica	Católica	Agnóstica
Frequência no último ano	Muito alta (25/30)	Muito alta (26/30)	Muito baixa (6/30)	Senhor do Bonfim/ BA	Alta (20/30)
Consumo ao longo da vida	Integração total (29/30)	Integração total (28/30)	Integração parcial (24/30)	Integração parcial (26/30)	Integração total (28/30)

Fonte: elaborada pela autora

O roteiro das entrevistas seguiu um modelo de base (Apêndice B) que foi modificado caso a caso, a fim de atender à individualidade de cada estudante. Os encontros foram realizados presencialmente no período entre 20 de junho a 8 de julho de 2019 e tiveram duração média de 30 minutos, resultando nos perfis destacados a seguir. As conversas foram gravadas e, na fase de transcrição, mantivemos as falas no formato original – com seus vícios

de linguagem, gírias e corruptelas –, editando apenas nos casos em que a manutenção do léxico original poderia prejudicar a compreensão do leitor.

4.2.1 Perfil de Caroline Oliveira⁷¹

Caroline Oliveira é estudante de Enfermagem, tem 22 anos, é agnóstica, solteira, pertence à Classe C1 e, atualmente, não desenvolve atividade remunerada. A estudante é autodeclarada preta, mas não ingressou na Uneb por meio de cotas, pois seu percurso escolar foi feito em colégios da rede privada. Natural de Jacobina, mudou-se para Senhor do Bonfim há dois anos e meio, após ingressar na Uneb. As duas cidades ficam a 110 km de distância, o que permite que Caroline volte para seu local de origem aos finais de semana, período em que realiza atividades culturais com os amigos. Durante a semana, ela afirma não ter tempo para esse consumo, já que as atividades acadêmicas preenchem todos os dias úteis – quando não está assistindo às aulas, está no estágio ou estudando em casa. Por conta da rotina intensa de segunda a sexta-feira e da mobilidade para Jacobina nos dias reservados para o lazer, ela conhece pouco a cena cultural de Senhor do Bonfim. Isso não impede que ela faça críticas à oferta disponível na cidade e na universidade, por julgá-las insuficiente e mal divulgada. Apesar de reconhecer que ainda não está familiarizada com a cena cultural local, busca se integrar quando é possível e se mostra aberta à diversidade de produções.

Na Praça Nova, às vezes ocorrem eventos culturais como um que participei do Candomblé, que tem aqui todo ano, eu acho. Eu soube em cima da hora, saí da faculdade, passei e aproveitei. Foi um evento muito rico, porque como o Candomblé é uma religião que sofre muito preconceito, é interessante você colocar um evento numa praça pública, onde qualquer pessoa passa e pode ter a curiosidade de conhecer.

Segundo ela, essa abertura à diversidade cultural é resultado da passagem por uma escola em Jacobina que fomentava a valorização de outras culturas. No Colégio Ideal, onde cursou o Ensino Fundamental, os professores indicavam como atividade obrigatória a pesquisa sobre a cultura de outros países. Os resultados dos trabalhos eram apresentados em uma feira cultural e musical.

Todo ano nós trabalhávamos um país diferente e estudávamos a cultura daquele local, então isso é muito marcante. Nós passávamos todo o primeiro semestre do colégio estudando a cultura de um determinado país, era muito enriquecedor. Eu considero isso muito importante para a minha formação cultural, em questão de não ter preconceito com as diversas culturas.

⁷¹ Entrevista realizada no dia 20 de junho de 2019, em Senhor do Bonfim/Ba.

Ela afirma que eventos artísticos eram mais raros na escola e se restringiam à disciplina de Português, na qual os professores estimulavam os alunos a representarem os conteúdos de literatura por meio do teatro e da dança. Caroline avalia que esta escola ofereceu mais estímulo cultural durante sua infância e adolescência do que a família. Na entrevista, começa dizendo que o estímulo familiar se restringiu ao convívio com idosos, com quem aprendeu histórias sobre o passado, e à participação em festejos juninos, período que sempre despertou o engajamento da família. Com o andamento da conversa, no entanto, ela lembra de outras ocasiões em que os pais promoveram sua aproximação com diferentes manifestações culturais. Avalia ainda que a participação cultural não se expandiu por conta da trajetória de vida dos dois, de baixa escolaridade e relação intensa com o trabalho.

Meus pais não tinham uma relação tão próxima da cultura por conta da história de vida deles: minha mãe não concluiu o Ensino Médio, os dois tiveram que trabalhar muito novos, meu pai teve que ralar a vida toda para construir o que ele tem hoje... Mas eles sempre me proporcionaram levar algo diferente. Eles me levavam para atrações culturais de rua que tinham na minha cidade e acho que por isso eu acabei desenvolvendo o gosto. Eles me levavam a apresentações artísticas, eu fui bastante a apresentações teatrais, por exemplo. Eu tava lembrando agora. Lá [em Jacobina] tem uma Concha Acústica onde na época aconteciam, eventualmente, apresentações artísticas, tanto relacionadas à música quanto ao teatro, dança. A comunidade era sempre presente, sempre lotava.

A entrevistada não tem familiares artistas, sejam amadores ou profissionais, mas sentiu-se estimulada em duas ocasiões a desenvolver atividades artísticas, experiências que foram breves, porém marcantes. Foi o pai quem a estimulou a desenvolver sua primeira atividade artística:

Meu pai gosta de música, então ele queria que eu tocasse instrumentos, eu tive essa influência também. Ele não toca nada, mas ele acha bonito os outros tocarem, então queria que eu aprendesse. Eu cheguei a fazer aula de teclado por alguns meses, eu tinha aula particular, ele pagava pra mim.

No entanto, ela se interessava mais pela dança. Aos dez anos, movida pela curiosidade despertada pelos Jogos Olímpicos acompanhados pela televisão, pediu aos pais para ter aulas de ginástica rítmica. A atividade foi realizada durante oito meses, sendo interrompida pela mudança da professora de cidade.

Segundo a entrevistada, a trajetória apresentada – incentivo oferecido pelos pais e professores, aliado à possibilidade de produzir atividades artísticas na infância – justifica seu apreço pela cultura. No último ano, Caroline teve frequência cultural considerada muito alta, tendo praticado 25 entre 30 atividades culturais sugeridas na etapa quantitativa desta pesquisa.

As únicas atividades não realizadas são também as menos acessadas pela amostra geral: ir a centros culturais, livrarias, museus/galerias, saraus e exposições de artes visuais. No que se refere ao consumo acumulado, observa-se uma integração total com a cultura, uma vez que a participação em saraus é a única atividade listada que ela deixou de realizar ao longo da vida. Ao considerar tais dados somados ao reconhecimento da cena cultural das cidades de origem e de moradia da entrevistada, é possível defini-la com eclética e supor que a não realização de determinadas atividades no último ano deve-se, em grande medida, à oferta reduzida destas atividades no território por onde a entrevistada circula. Ela confirma que, caso a oferta de Senhor do Bonfim fosse mais ampla, ela teria uma vida cultural mais intensa na cidade.

A estudante desvia da limitação de sua cidade de moradia viajando para outros locais em busca de atividades culturais que lhe interessam, em especial shows, festas e cinema. Na etapa quantitativa, citou Petrolina, Salvador e Feira de Santana como cidades para onde já viajou a fim de consumir tais atividades, indicando na entrevista que essa mobilidade é facilitada por conta da residência de amigos nestas localidades. Os amigos, por sinal, são identificados como suas companhias preferidas para o consumo cultural, qualquer que seja a cidade onde ele ocorra. No entanto, o engajamento cultural do seu grupo de amigos não é semelhante ao da entrevistada, que acaba por estimular a participação deles. “Eu sou a pessoa que chama, que obriga às vezes”, conta ela sorrindo.

No geral, meus amigos participam muito pouco de atividades culturais. Eles poderiam ir mais, a maioria das atividades que eles participam são festas, essas coisas. A maioria fica muito presa dentro de casa, sai apenas para festas. Eu sei que as festas em casas de shows são uma atividade cultural, mas têm mais coisas que podem proporcionar esse prazer, mas eles vão muito pouco.

Essa fala reforça que o ecletismo é um valor importante para a estudante não como meio para alcançar um suposto crescimento intelectual, mas sim prazer. Não à toa, indica que os benefícios que ela busca com a participação cultural são a diversão e sociabilidade. As três atividades mais realizadas no último ano – usar redes sociais, ir a bares e viajar – também evidenciam seu desejo por interação. Essa escolha acaba por direcioná-la ao consumo de mais atividades culturais pagas, pois, segundo ela, “as coisas que me interessam na maioria das vezes não são gratuitas”.

4.2.2 Perfil de Abel Moreira⁷²

Abel Moreira é estudante de Matemática, declara-se do gênero masculino, tem 25 anos, pais com o Ensino Fundamental incompleto e considera-se “católico de formação”. Isso significa que cresceu em um ambiente católico, seguiu tais preceitos durante muitos anos, mas hoje não mantém vínculos com a religião, resumindo sua frequência à igreja a uma atividade de acompanhamento, para "deixar sua mãe feliz”, segundo suas próprias palavras. Abel é natural de Conceição do Coité, cidade distante 238 km de Senhor do Bonfim, e reside na cidade investigada há dois anos e meio, movido pelo ingresso na Uneb. Autodeclarado pardo e egresso de escolas públicas, não ingressou por meio de cotas na universidade devido a uma escolha pessoal. Em Coité, como é conhecida a cidade onde nasceu, ele viveu entre o distrito de Salgadália, localidade com 15 mil habitantes onde moram os pais, e a sede do município, onde mora sua avó.

Atualmente o estudante desenvolve estágio remunerado através do Programa Mais Educação em uma escola da zona rural de Senhor do Bonfim, a Escola Municipal da Estiva. Sua renda mensal é de R\$ 708,00, o que segundo o Critério Brasil o fixaria na Classe D-E. No entanto, ao observar o seu perfil em detalhes, identificamos que, além de morar sozinho, possuir residência e veículo próprios, Abel costuma viajar com frequência, seja para reencontrar a família em Conceição do Coité, seja para consumir atividades culturais em outras localidades.

Na etapa quantitativa desta pesquisa, Abel declarou não ter familiares artistas, sejam amadores ou profissionais. Porém, quando questionado sobre as recordações de infância e adolescência relacionadas à cultura, ele se transporta para um cenário na zona rural onde os familiares comemoravam o São João e festas de reisado de casa em casa, tocando instrumentos, cantando e confraternizando com comidas e bebidas.

A gente fazia o circuito: saía da casa do irmão mais novo [do seu pai], ia para a casa do irmão mais velho e fechava na casa da minha vó. O pessoal ia pelas roças com a sanfona, com o triângulo, gente cantando... O pessoal de lá gosta muito daquele samba de roda, sabe? Na época de reisado, inclusive, eles vão pela madrugada. O meu padrinho mesmo, que é irmão do meu pai, não guenta ver o batuque, se ele não tiver com um pandeiro, ele pega um prato... [...] Alguns dos meus parentes tocavam instrumentos. A maioria tocava pandeiro e alguns tocavam triângulo. Alguns também tocavam um instrumento muito semelhante à sanfona, mas agora não me lembro o nome. [...] Todos tocavam para a família, em casa, nunca em festas.

⁷² Entrevista realizada no dia 20 de junho de 2019, em Senhor do Bonfim/Ba.

Notamos que, apesar de não estabelecer uma relação mais formal com a cultura, seu núcleo familiar desenvolvia uma relação afetiva com determinados ritos e linguagens, em geral ligados à religiosidade. Para além das festas familiares, ele costuma frequentar com os pais as festas da padroeira de Coité, Nossa Senhora da Conceição e do padroeiro de Salgadália, São José Operário. “Minha mãe, meu pai, minha avó, minha bisavó e eu íamos praticamente todas as noites”, lembra. Seus pais também costumavam levá-lo para assistir às apresentações da Via Sacra e da Paixão de Cristo no teatro da igreja, e para acompanhar a procissão de Corpus Christi, momento em que entrou em contato com os tapetes coloridos montados por fieis nas ruas, tradição católica comum no Brasil⁷³. Foi também na igreja que desenvolveu sua primeira atividade artística: por “pressão da família”, como diz, representou Adão em uma cena teatral. A maior contribuição da religião para sua trajetória cultural, no entanto, foi relacionada à leitura. O contato com contos bíblicos o estimulou a ler mais, prática com a qual não tinha afinidade até então.

Na contramão da influência religiosa, outros familiares – seus irmãos – o aproximaram do rock na pré-adolescência. Sendo ele o último de três filhos, costumava acompanhar o consumo musical do seu irmão e irmã mais velhos, dessa maneira tomou gosto pelo gênero. Imerso nesse despertar para novas práticas culturais e interessado em superar a timidez, aos 14 anos Abel ingressou em um curso de teatro na escola, atividade que realizou por cerca de oito meses. A escola, por sinal, é reconhecida por ele como outro espaço que o estimulou culturalmente. No Ensino Médio, a produção de eventos era comum no Colégio Polivalente de Conceição do Coité, onde ele estudava, organizados pela própria instituição ou pelos estudantes.

Na minha escola, havia pelo menos uma vez por semana um intervalo diferente. A galera das salas levava falas poéticas de quem escrevia. Havia também apresentações artísticas: peças teatrais, música e dança. E todo o mês tinha um mini concurso de calouros, em todas as áreas. Nesses dias o intervalo durava um pouco mais, 30 ou 40 minutos, ao invés de 15 minutos. Isso sem falar na festa de São João, festa de Natal...

Para além da relação com a cultura, a trajetória de Abel a partir da adolescência é marcada pelo ecletismo. Ele já praticou boxe, MMA e jiu-jitsu, tendo participado do Campeonato Baiano e Copa do Nordeste da última modalidade. Fã de videogame, participou também do Campeonato Baiano de Playstation, ficando em 3º lugar. Fora do lazer, cursou

⁷³ Geralmente os tapetes trazem representações de cenas bíblicas. Imagens disponíveis em: < <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/06/20/tapetes-de-corpus-christi-pelo-brasil-fotos.ghtml>>. Acesso em 30 jun. 2019.

através do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) Engenharia Têxtil - Especialização em Sisal, formação que o integrou ao mercado de trabalho desde cedo, aos 16 anos. Hoje, o acúmulo de tarefas continua sendo regra. Além de assistir às aulas na universidade e ministrar aulas no distrito de Estiva, Abel integra o movimento estudantil da Uneb e faz voluntariado no distrito de Missão do Sahy. O voluntariado consiste em oferecer treinamento funcional, aulas de alongamento e jogos de memória às idosas do Grupo da Amizade, voltado à integração e lazer de mulheres da terceira idade. Essa não é a primeira atividade voluntária que ele realiza em Senhor do Bonfim: antes, já havia ofertado aulas de matemática financeira a integrantes da Associação Ebenézer, comunidade terapêutica voltada ao tratamento de dependentes químicos.

O interesse que o levou ao voluntariado atual foi despertado a partir da relação com Elisa, sua namorada e colega de curso. Elisa é moradora de Missão do Sahy e desde cedo se envolveu nas atividades do Grupo da Amizade por influência materna. Hoje, além de se engajar nos eventos promovidos pelo grupo em datas comemorativas, ela atua como orientadora social de crianças e adolescentes na comunidade. Na etapa quantitativa, Abel já havia afirmado que a namorada é a sua companhia preferida para a realização de atividades culturais. Na entrevista, fica evidente que ambos estiveram expostos ao longo da vida a um estimulante ambiente cultural e, quando se conheceram, passaram a retroalimentar o consumo cultural um do outro. Os dois costumam viajar para realizar atividades, sejam elas festivais de música, cinema ou acampamento, em cidades como Coité, Serrinha, Juazeiro e Jacobina – curiosamente, todas localizadas no interior do estado.

Chama a atenção no questionário de Abel, inclusive, a informação de que viajou ao longo da vida a 13 cidades com o objetivo de realizar alguma atividade cultural. Viajar para outros locais pode ser entendido com um ato de fuga de um ambiente cuja oferta cultural considera insuficiente.

Aqui acontece como em outras cidades do interior, ou seja, a programação acontece em períodos. Tem períodos em que acontece muita coisa, como no São João, mas tem outros momentos que são vazios, você procura e só tem “barzinho”. O centro cultural daqui é gigante, mas faltam atividades lá. O Estadual [Colégio Estadual Senhor do Bonfim - CESB] também tem um espaço bacana, mas não é utilizado. Eu acho que faltam atividades. [...] Aqui é mais centrado na música, sobretudo nos “barzinhos” e nas festas. Falta um pouco mais de teatro. Mesmo sendo aqui um lugar das artes cênicas, tendo muitos grupos teatrais, eles são apagados.

Mesmo a universidade não é entendida por ele como um espaço de estímulo cultural. Ele reconhece que os alunos de Teatro movimentavam o campus quando ainda estudavam na sede da Uneb – antes da mudança do curso para o Anexo localizado no CESB –, bem como os estudantes de Pedagogia, que realizam eventos esporádicos. No entanto, de modo geral, as atividades culturais são raras, segundo ele.

Por conta da oferta limitada, a atividade externa que mais costuma realizar em Bonfim é sair sexta-feira à noite com os colegas da universidade para a Praça Nova do Congresso, praça central do município. Lá, os jovens escutam música, tocam instrumentos, bebem e confraternizam. A propósito, ouvir música – seja em casa, na rua, no carro, nos intervalos entre as atividades, antes de dormir etc. – é a atividade cultural mais realizada por Abel. Essa foi uma das 26 atividades que ele indicou ter realizado no último ano, em uma lista de 30 opções, o que classifica sua frequência como muito alta. Ficam de fora do consumo recente apenas a leitura de livros não-didáticos e não-religiosos, a frequência a saraus, museus/galerias e “paredões” de som. Quando questionado sobre o tempo que as atividades culturais ocupam em sua rotina, ele avalia que esse volume chega a 24 horas por semana. Ainda que disponha de veículo próprio, considera a localização/facilidade de acesso um aspecto que interfere nas suas escolhas culturais, somado ao tipo/gênero da atividade. Seu consumo é movido, em especial, pela busca de diversão e crescimento intelectual – uma dupla aparentemente destoante, mas que, na verdade, é recorrente na opinião da amostra investigada.

Ao avaliar o consumo acumulado de Abel, observa-se sua integração total em relação à cultura. Ao longo da vida, deixou de acessar apenas duas atividades da lista apresentada – ir a museus e a “paredões”, uma atividade de natureza erudita e outra popular. Considerando que estamos diante de alguém que tem por hábito viajar para consumir cultura, a ausência de determinadas atividades em sua trajetória pessoal não pode ser atribuída simplesmente à insuficiência de oferta na localidade onde reside. É possível interpretar, no entanto, que a falta de contato com determinados gêneros ao longo da infância e adolescência – como, por exemplo, os museus – moldou suas preferências de modo a afastá-lo até mesmo do seu campo de possibilidades.

4.2.3 Perfil de Dailane Silva⁷⁴

Dailane Silva tem 20 anos, é estudante de Biologia e evangélica, vinculada à Igreja Renovo Pentecostal. Autodeclarada preta e egressa de escolas públicas, ingressou na Uneb por meio de cotas raciais. A estudante mora na zona urbana, está namorando e integra a Classe C1. Seus pais estudaram até a antiga quarta série do Ensino Fundamental, hoje denominado quinto ano. Natural de Jacobina/BA, se mudou com a família para São Paulo/SP com dois anos de idade e, com aproximadamente dez anos, voltou para a Bahia, firmando residência em Senhor do Bonfim. A família mudou-se para São Paulo por conta do trabalho do pai, reproduzindo uma lógica ainda comum no Brasil – a migração nordestina para o Sudeste. Quando morava lá, não costumava viajar de férias para a Bahia, sendo Santos/SP a única cidade para onde se deslocava, a fim de visitar a praia. A imersão no território paulista em uma fase da vida que condensa as primeiras etapas de socialização e aprendizado lhe garantiu um sotaque ainda evidente, mesmo que esteja afastada daquela localidade há uma década.

Suas recordações da infância em São Paulo remontam à participação em quermeses organizadas pela Igreja Católica – eventos que os pais frequentavam em busca de lazer, não com fins religiosos – e brincadeiras no parque de diversões. Predominava, no entanto, o consumo cultural doméstico: seus pais sempre foram “caseiros” e preferiam ouvir discos de artistas nacionais em uma vitrola ou acompanhar a programação televisiva. A televisão ainda predomina na rotina dos pais, fator que justifica a presença da TV por assinatura SKY entre as despesas familiares. Enquanto o núcleo familiar mais próximo da entrevistada assume certo distanciamento do convívio cultural externo, ela lembra de um familiar que demonstra o inverso. Seu primo, que pertence à mesma faixa etária de Dailane, participou de um grupo de hip hop em São Paulo, atividade que desenvolvia como hobby, mas que lhe rendeu apresentações em teatros. Como Dailane já morava em Senhor do Bonfim nesse período, acompanhou o trabalho do primo à distância, por meio das redes sociais, o que não a impede de falar sobre a prática com afetuosidade. Hoje o primo não desempenha mais a atividade por conta da falta de tempo, devido a compromissos profissionais e universitários.

Na etapa quantitativa desta pesquisa, Dailane indicou que suas escolas foram parcialmente estimulantes no que se refere às práticas culturais. Na entrevista, ela lembra que a primeira escola onde estudou costumava comemorar datas festivas como o São João,

⁷⁴ Entrevista realizada no dia 06 de julho de 2019, em Senhor do Bonfim/Ba.

Carnaval, Dia das Crianças e Natal. Na segunda escola, os alunos participavam de grupos de hip hop, música, pintura, teatro e ballet, tendo ela participado da última atividade. No Ensino Fundamental, já em Senhor do Bonfim, ela estudou em escolas municipais que caracteriza como “péssimas”, em todos os aspectos. No Ensino Médio, ingressou em uma instituição da rede estadual de ensino, o Colégio Modelo de Senhor do Bonfim. De lá, ela guarda boas memórias:

No Modelo tinha várias coisas, tinha vôlei, futebol, basquete... Tinha um projeto, o Estrelas, em que participamos de um curso de astronomia na Univasf [Universidade Federal do Vale do São Francisco] e, no final do curso, os professores levaram os alunos a Recife para participar de um congresso com a temática das aulas. Foi bem legal!

Dailane ingressou na Uneb há um ano, por isso a relação com a instituição ainda está em construção. Apesar do curto convívio, desde já ela faz uma avaliação positiva da universidade do ponto de vista cultural. Em tom elogioso, ela lembra da quadrilha “Unidxs da Tapera”, organizada pela Uneb em parceria com o Cesb, e de eventos a respeito de temas como o feminismo e ecologia. Porém, a verdade é que ela preferiria ter feito graduação na Argentina, plano que começou a ser projetado, mas foi impedido pela mãe. O interesse pelas diversas culturas e por viagens fica evidente em sua entrevista, como na passagem em que afirma: “eu amo a cultura mexicana. Aprendo vendo vídeos, estudando, fazendo tudo. Não foi algo estimulado por ninguém, é uma coisa minha”. Em outro momento, ela reafirma seu interesse em conhecer novos lugares, ou melhor, “sumir no mundo”, desejo que é limitado pela falta de dinheiro.

Saindo do campo do desejo para o dia a dia concreto, Dailane narra como tem vivenciado a rotina. Sua semana é dividida entre as aulas na Uneb – que ocupam um, dois ou mesmo três turnos diários, a depender do dia –, o estágio remunerado no IF Baiano – atividade que integra um projeto de iniciação à docência e ocupa um turno semanal – e as atividades religiosas – que ocupam dois ou três turnos semanais, divididos entre cultos e responsabilidades com o grupo de jovens, o qual lidera. Embora a igreja seja responsável por grande parte do seu consumo cultural, a estudante não reconhece isso de imediato, possivelmente porque a compreensão de cultura que ela adota se restringe às artes. Foi na igreja, inclusive, onde aprendeu a tocar teclado. A experiência foi breve, a ponto de quase ser esquecida – na etapa quantitativa desta pesquisa, afirmou nunca ter desenvolvido atividade artística.

A gente faz viagens para outras cidades e estados, tardes de lazer, aluga chácaras, clubes, a gente faz um monte de coisas com eles... Porque aqui já

não tem nada, né? A gente faz mais passeios, porque aqui não tem nada em Bonfim. Nesse mês a gente tem um passeio programado para Goiás, ano passado a gente foi pra São Paulo, pra Pau-a-Pique... Você já foi a Pau-a-Pique⁷⁵? É muito lindo! A gente faz retiro, a gente acampa, é legal! Neste ano, já fizemos dois ou três passeios. [...] A gente [também] faz encontros de louvor, sempre há música nesses encontros. Mas tem tempo que a gente não faz. No ano retrasado, vieram alguns jovens de São Paulo e a gente fez.

Fora da igreja, seu consumo cultural se resume a encontrar os amigos, ouvir música e assistir a séries. As práticas são descritas como atividades de relaxamento, pois, conforme ela desabafa sorrindo, “já basta o dia todo naquela universidade”. No sábado, dia dedicado ao lazer, pela manhã e à tarde ela frequenta a Praça Nova do Congresso – principal praça do município – com os amigos, visita algum deles ou “fica em casa assistindo”, enquanto à noite costuma sair para lanchar. Seu tempo médio semanal gasto com atividades culturais é de cinco horas, concentradas no final de semana. As pessoas com quem convive de maneira próxima também aparentam ter uma participação cultural tímida: seu namorado não costuma frequentar atividades culturais e os amigos se restringem, de modo geral, ao consumo de festas.

Sua entrevista corrobora o que havia sido exposto no questionário: no último ano, a estudante realizou apenas seis entre as 30 atividades culturais listadas, o que segundo nossos critérios categoriza seu consumo como muito baixo. Entre as atividades realizadas – frequência a missas/cultos; leitura de livros não didáticos e não religiosos; leitura de jornais, revistas e/ou blogs; uso de redes sociais; viagens a lazer; ida a restaurantes/bares e parques/praças/passeios ao ar livre –, a participação em encontros religiosos foi a mais recorrente.

Ainda que o consumo recente de Dailane seja baixo, ela faz parte de um grupo que representa 1/3 da amostra, caracterizado por uma suposta dissonância: a baixa frequência cultural no último ano associada a uma participação cultural ativa ao longo da vida⁷⁶. Perguntada sobre quais atividades nunca realizou, a estudante indicou seis entre 30 opções, a maior parte delas associadas às artes – ouvir rádio AM/FM, ir a apresentações musicais de outros gêneros, ir a festas populares, assistir a apresentações de teatro, dança e circo. Em sua entrevista, o distanciamento das atividades de natureza estritamente artística se evidencia. A literatura, no entanto, aparece como exceção. Ela afirma que gostava de ler na adolescência,

⁷⁵ Distrito de Casa Nova/BA reconhecido pelas dunas e praias de água doce, localizada a 200 km de distância de Senhor do Bonfim.

⁷⁶ Aqui, consideramos as pessoas que tiveram frequência cultural “muito baixa” ou “baixa” no último ano e, ao mesmo tempo, são caracterizados pela “integração parcial” ou “integração total” com a cultura ao longo da vida. Esse grupo corresponde a 44 pessoas – ou 33,3% da amostra.

consumindo principalmente livros que fazia *download* através da internet. Ao observar o interesse da aluna, uma professora de Português do Ensino Médio incentivou a prática, contribuindo com indicações de títulos. Nessa época, quando estudava no Colégio Modelo, chegou a participar do Projeto Tempos de Arte Literária (TAL), iniciativa do Governo da Bahia que busca, entre outros objetivos, “estimular a produção literária nos ambientes escolares e a valorização das manifestações culturais regionais” (BAHIA, 2019b). “Eu escrevia poesias e cordéis. Foi uma coisa que eu me identifiquei bastante”, lembra. Hoje, a prática da leitura ainda permanece na sua rotina, ainda que com frequência reduzida, devido à falta de tempo.

A reduzida participação cultural no último ano, apesar do interesse declarado, pode se justificar pela pouca disponibilidade de tempo – ocupado hoje principalmente pelas atividades acadêmicas e religiosas –, somada a uma oferta local considerada insuficiente e pouco atraente. Ela reforça uma opinião recorrente entre os moradores da cidade, a qual apareceu também em outras entrevistas: “Eu acho que Bonfim... é mais no São João. Quando é São João, tem mais festas, mais apresentações, enquanto nas outras datas eu acho muito fraco.”. Questionada sobre o tipo de atividade que gostaria de ver na cidade, ela avança na crítica:

Acho que Bonfim deveria ter mais atividades de Literatura – porque o povo aqui é muito mente fechada, precisa ler – e também de Música, porque eu acho muito legal. Deveria haver mais atividades voltadas para os jovens, porque Bonfim reúne muitos jovens que saem de outro município e vem morar aqui por causa da faculdade. Hoje a única diversão dos jovens é essa praça aqui [a Praça Nova do Congresso].

Ao afirmar que a praça é o único espaço de lazer disponível na cidade, ela informa de maneira implícita que, caso a oferta disponível fosse mais intensa, ela mesma diversificaria seu leque de práticas culturais. A opinião, recorrente entre os entrevistados, reforça a insatisfação com a oferta local que já havia sido apresentada na etapa quantitativa desta pesquisa.

4.2.4 Perfil de Paula Freire⁷⁷

Paula tem 22 anos, estuda Matemática, é católica, pertence à classe C1 e autodeclara-se parda. Natural de Orolândia, mudou-se para Senhor do Bonfim há quatro anos, após ingressar na Uneb. É possível dizer, no entanto, que ela tem duas residências, separadas por 181 km: nos dias úteis, se fixa em Bonfim, ao passo que, nos finais de semana e feriados, a

⁷⁷ Entrevista realizada no dia 06 de julho de 2019, em Senhor do Bonfim/Ba.

estudante retorna para a cidade natal. Paula ainda divide seu tempo com uma terceira cidade, Mirangaba, distante 79 km de Ourolândia, onde reside seu namorado.

Seus pais estudaram até o Ensino Médio e tiveram quatro filhos – na primeira gravidez, um filho, e, na segunda gravidez, trigêmeas: Paula e as irmãs. A entrevistada define os pais como “caseiros” e tem poucas memórias da infância relacionadas à cultura.

A gente lá em casa não é muito de sair. Na minha infância, o momento de lazer se restringia a assistir televisão e filmes. Saíamos um final de semana ou outro com a família, mas era coisa rara. Era mais dentro de casa. As festas familiares também eram em casa, como aniversários, aniversários de casamento de minha mãe, festas de formatura das minhas irmãs... Do meu irmão eu peguei o gosto por assistir muitos filmes. Todo tipo de filme a gente assistia.

Quando pergunto se a família costumava participar de festejos religiosos – hábito comum na região de Senhor do Bonfim e no interior da Bahia, de modo geral – ela resgata outras lembranças da infância.

Sim! Tem uma festa lá na cidade em julho em homenagem a Nossa Senhora do Carmo, e a gente sempre vai. Vai primeiro à igreja e, depois, tem a procissão e a festa. É algo tradicional, e a gente sempre costuma ir. Agora que eu estou aqui [em Bonfim], fica mais difícil, mas na infância eu sempre ia. Nas festas de São João da cidade, eu também já participei de quadrilha, danças, já fiz apresentação na igreja. Eu cantava na igreja. Já fiz muita coisa nessas festas.

A fala evidencia a fusão entre as práticas culturais e religiosas em sua trajetória. Hoje ela vê sua participação em missas e encontros religiosos reduzida, devido à falta de tempo, mas, antes de se mudar para Senhor do Bonfim, costumava frequentar a igreja com assiduidade, bem como sua família. Paula chegou a ministrar, inclusive, aulas de catequese para crianças. Com as artes, no entanto, ela não estabeleceu tantos vínculos – dentro ou fora da igreja. A estudante nunca desenvolveu atividade artística, mas tem uma prima da mesma idade que tem grande ligação com a área, atuando hoje profissionalmente com a música. “Eu tenho uma prima que é cantora, ela faz trabalho profissional, canta sertanejo. Ela sempre teve gosto pela música. Nós temos quase a mesma idade e ela sempre se destacou, gostava de se apresentar, fazer desfile...”, conta.

Diferentemente da igreja, as escolas⁷⁸ por onde passou não foram ambientes de estímulo cultural em sua vida. Ela lembra que, na escola onde estudou durante a infância, eram

⁷⁸ Paula estudou em duas escolas, uma de natureza privada – onde permaneceu até a quarta série, hoje denominado quinto ano – e outra de natureza pública estadual – o Colégio Estadual de Ourolândia, onde cursou o Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

realizadas ações em datas comemorativas, como o São João e Dia das Mães, enquanto na instituição onde cursou o Ensino Fundamental e Médio não eram ofertadas atividades culturais. A Uneb, pelo contrário, costuma estimular o consumo cultural dos alunos, segundo sua avaliação.

Eu mesma já fui para três eventos pela universidade e foi muito gratificante, foi muito bom para mim como profissional. Já fui para feiras de Matemática em Alagoinhas, Salvador e o outro eu não lembro onde foi. Foi muito bom! Nas duas últimas atividades, a Uneb disponibilizou ônibus, passagem, moradia, tudo. Mas, da última vez, foi só o ônibus mesmo.

Questionada sobre a produção cultural dentro do Campus VII, ela indica que os estudantes de outros cursos realizam eventos, mas ela não costuma se integrar. Ela informa que o distanciamento das atividades universitárias é uma característica dos alunos de Matemática.

Acho que a gente não tem muita aproximação com outras atividades do campus. Eu vejo o tanto de coisas que as turmas de Teatro fazem, mas a gente, não, é só na sala, conteúdo por conteúdo. Esse ano não teve mais o SEMAT (Semana da Matemática), que realizava oficinas, exposições e várias coisas. O evento acabou porque poucas pessoas participavam.

A Uneb, a propósito, ocupa parte da rotina de Paula. De segunda a sexta-feira, ela assiste às aulas na universidade pela manhã, enquanto à tarde realiza estágio em uma escola. À noite, ela costuma ficar em casa ou sair com alguma amiga para passear ou lanchar. No final de semana, já em Ouro-lândia, ela frequenta shows, festas e “barzinhos”. O namorado assume as mesmas preferências e tem frequência cultural reduzida. “Bruno é muito sossegado (risos), ele é mais caseiro. O negócio dele é ir de casa pra um barzinho, um showzinho ali e pronto”, comenta. Para além das atividades citadas, Paula prioriza o consumo de mídias, sejam elas digitais – como as redes sociais – ou analógicas – a televisão.

Redes sociais é cultura? É lazer, né? Assistir televisão, rede social é o que eu mais faço. Quando eu não estou estudando, estou fazendo essas coisas. Faço diariamente. Na televisão eu costumo ver de tudo: novela, filme, jornal... É tanto que eu chego em casa e ligo logo a televisão. Tudo o que estiver passando eu assisto. Gosto muito da TV.

Paula assume que não é capaz de avaliar a oferta cultural de Senhor do Bonfim em detalhes, devido à ausência dela no município aos finais de semana. Segundo ela, em Bonfim “tudo é mais desenvolvido” do que em Ouro-lândia, no entanto, quando pergunto sobre a cena cultural bonfinense, ela só lembra de ter participado de uma exibição de cinema, que acredita ter ocorrido no Centro Cultural Ceciliano de Carvalho. Ela também não costuma viajar para

outros municípios a fim de participar de atividades culturais. “Fui para Alagoinhas e Salvador para me apresentar em eventos acadêmicos. Outras viagens, geralmente, só no São João.”.

A etapa quantitativa desta pesquisa já havia categorizado o consumo cultural recente de Paula como muito baixo. Nos últimos 12 meses, ela realizou apenas seis entre as 30 atividades listadas: assistir à TV aberta, ouvir música em aparelhos eletrônicos, ir a festas populares, ler livros não didáticos e não religiosos, usar redes sociais, ir a restaurantes/bares como atividade de lazer. No que se refere ao consumo acumulado, no entanto, observa-se uma integração parcial com a cultura – ao longo da vida, nunca foi a museus/galerias, exposições de artes visuais, apresentações de música instrumental/concerto e livrarias.

É notável uma divisão entre o consumo cultural realizado por ela em Ourolândia e Senhor do Bonfim: na cidade natal, as atividades externas são priorizadas, já na cidade de moradia é mais frequente o consumo doméstico. Isso porque, em Bonfim, lhe falta a presença do namorado, sua principal companhia nos eventos. “Eu gosto de festa. Se tivesse mais festas em Bonfim e meu namorado fosse daqui, eu iria muito”, afirma. Sua rede de amigos em Bonfim se restringe às colegas com quem mora, suas principais companhias para o consumo doméstico. “Os meus amigos em Bonfim são as colegas com quem divido apartamento, que estudam comigo na Uneb. A gente assiste a mais filmes dentro de casa, porque, assim como eu, elas vão para casa, elas são casadas, então, todo final de semana elas vão para Jacobina⁷⁹”, relata.

4.2.5 Perfil de Jeniffer Oliveira⁸⁰

Jeniffer tem 20 anos e estuda Teatro, tendo ingressado na primeira turma do curso, em 2018. É autodeclarada parda, agnóstica, pertence à Classe C2 e trabalha como professora de inglês. A estudante nasceu em Senhor do Bonfim, morou em São Paulo por um período – entre 2010 e 2014, quando tinha entre 11 e 15 anos –, mas voltou ao município baiano para residir no mesmo bairro da infância, Umburana, localizado na região central. Jeniffer foi criada pela mãe e pelo padrasto, que ela chama de pai. Os dois concluíram o ensino médio e hoje trabalham como mototaxista e cabeleireira, respectivamente. Para além da entrevistada, não há outro artista na família, apesar de seu pai ter desenvolvido atividade musical como hobby por um período. “Quando eu era criança, o meu pai fazia parte de um grupo de samba, então estava o tempo todo se movimentando pela cidade. A parte artística é mais forte do lado

⁷⁹ Cidade localizada a 110 km de distância de Senhor do Bonfim onde residem as colegas de apartamento de Paula.

⁸⁰ Entrevista realizada no dia 08 de julho de 2019, em Senhor do Bonfim/Ba.

dele, a minha mãe consumia o que ele fazia. Além de ele tocar tambor, escutava muito, cantava...”, lembra.

Jeniffer acompanhou poucas apresentações do pai, pois ainda era criança e os shows aconteciam tarde da noite. Ela mantém, no entanto, outras recordações da infância relacionadas à cultura, ligadas às tradições juninas e ao circo.

A coisa mais forte que eu lembro é da época de São João. Quando eu era criança, geralmente a gente enfeitava a rua com bandeirolas e os moradores costumavam fazer brincadeiras com as crianças. No final de cada uma delas, tinha uma premiação com brinquedos que o pessoal do bairro comprava na loja de um real. Isso era muito significativo, foi bem marcante para mim. O pessoal da rua se organizava para fazer, e os meus pais participavam bastante. [...] Meus pais também me levavam muito ao circo. Para o teatro eu quase não ia, porque não aconteciam muitos espetáculos aqui em Bonfim quando eu era criança, agora que está começando essa movimentação. Mas eu ia para todo circo que vinha pra cá, eu adorava. Eles [os pais] também gostavam muito.

Durante a infância e pré-adolescência, ainda não havia despertado interesse pelo fazer artístico. Suas atenções se voltavam, naquela época, para o estudo de uma língua estrangeira, o inglês.

Cheguei a estudar inglês em São Paulo e tive que parar quando voltei para Bonfim. Nessa volta, eu pedi a minha mãe [para continuar estudando] e, apesar das dificuldades, ela conseguiu pagar. Ela teve que correr atrás do meu pai biológico⁸¹ para pagar as aulas. Eu fiz o curso aos trancos e barrancos, mas consegui. Chegou um determinado momento em que eu comecei a dar aula lá [na Fisk, escola de inglês de Senhor do Bonfim] e nisso foi dividido: eu ganhava uma parte do que eu ganharia no total, sendo a outra parte designada a custear meu curso mesmo. Hoje eu terminei o curso e só dou aula.

Foi só no Ensino Médio, quando estudava no Colégio Estadual Senhor do Bonfim (Cesb), que Jeniffer teve as primeiras experiências com a produção artística. Ela cursava o segundo ano quando foi implementado pelo Governo da Bahia o ProEMI - Programa Ensino Médio Inovador, do qual participou sem saber o que a esperava. O ProEMI busca reestruturar os currículos do Ensino Médio, “ampliando o tempo dos estudantes na escola e a diversidade de práticas pedagógicas, atendendo às necessidades e expectativas em prol da equidade social e racial na educação.” (BAHIA, 2019)

Eu entrei mal sabendo o que ia acontecer, só entrei porque disseram que a gente ia ganhar pontos e tinha que fazer as atividades. Aí eu fui fazer esse projeto e, quando cheguei lá, era teatro. No início, tive aula com Nauvinha

⁸¹ Jeniffer foi criada com o padrasto desde os dois anos de idade. Enquanto isso, o pai biológico não é presente em sua vida.

Aguiar⁸² e depois passou para Nando Lemos⁸³, depois para a irmã dele e, no final, para Maicon Dias⁸⁴, que é a pessoa com quem continuo fazendo atividades artísticas até hoje.

Esta experiência fez nascer, em 2014, o grupo Atuantes, concebido por Jeniffer e outros oito colegas – incluindo o namorado, descrito por ela como sua principal companhia para a realização de atividades culturais. O Atuantes ganhou reconhecimento dentro da escola e passou a ser demandado para realizar atividades no local. Seis membros do coletivo, incluindo a entrevistada, ingressaram posteriormente no curso de Licenciatura em Teatro. “Só dois não foram ainda, mas pretendem ir”, ela afirma. No intervalo entre 2015, quando finalizou o Ensino Médio, e 2018, quando ingressou na Uneb, Jeniffer chegou a estudar Letras Vernáculas na Faculdade Ages – curso que ela abandonou em sequência.

O Atuantes conta, desde a criação, com a parceria do Circo-Teatro Alvinho do Riacho (Citear), coletivo artístico experiente de Senhor do Bonfim, que possui, inclusive, sede própria. Os dois grupos produzem espetáculos em conjunto e ocupam a mesma sede para ensaios. Essa associação foi uma forma de manter o Atuantes ativo depois que os estudantes concluíram o Ensino Médio, já que o Cesb era, até então, o espaço utilizado para as atividades do grupo. As duas companhias estão produzindo neste momento o espetáculo “O Julgamento do Palhaço Roque”, com estreia prevista para julho. O Atuantes também está conduzindo a montagem de outro espetáculo independente, o “Somos Sofia”.

Ela relata que, até o momento, a aproximação com a teoria foi a principal contribuição da Uneb para a sua trajetória artística. “Até então, eu só praticava, eu não buscava muito saber do que se tratava. Daí, quando entrei na Uneb, eu comecei a entender mais o que eu fazia, qual era a importância, principalmente, para a minha cidade, algo que Reginaldo⁸⁵ costuma afirmar bastante”. No âmbito da produção, ela aponta que o seu trabalho também foi potencializado.

Há projetos na Uneb, como as peças no final de cada semestre e o Terça Cênica⁸⁶, que contribuem muito para que a gente experimente o tempo inteiro. Então eu me senti muita aberta, muito livre para fazer. Fora isso, tem as oficinas, às vezes ofertadas pela própria Uneb, às vezes pelos meus colegas; e as monitorias de extensão, das quais eu participei bastante.

⁸² Atriz bonfinense e atual Secretária Municipal de Cultura de Senhor do Bonfim.

⁸³ Ator bonfinense e líder da Cia Cênica Omin Odara.

⁸⁴ Ator, palhaço e músico vinculado ao grupo Citear - Circo-Teatro Alvinho do Riacho.

⁸⁵ Reginaldo Carvalho da Silva, professor, pesquisador e coordenador do Colegiado de Teatro da Uneb - Campus VII.

⁸⁶ Projeto que oferta apresentações teatrais uma vez por semana no Cesb, abertas ao público.

Pelos aspectos citados, ela considera a Uneb um espaço de estímulo cultural, não somente para os alunos de Teatro, mas também para os demais estudantes. Já a oferta cultural da cidade, de modo ampliado, merece ressalvas:

Em determinada época do ano, acontecem várias atividades artísticas, como, por exemplo, em junho, durante o São João. Já no restante do ano, a gente não vê muitas atividades. Em maio ou agosto, por exemplo, é mais difícil ver coisas aqui em Bonfim, apesar de a gente ter bastante capacidade e de haver muita coisa que pode ser explorada. Há pouca coisa acontecendo, mas o que tem é de qualidade.

Jeniffer faz coro com os outros entrevistados ao compartilhar a opinião de que, em Senhor do Bonfim, há uma concentração de atividades culturais durante o São João, enquanto nos outros períodos do ano a oferta se esvazia. O principal festejo realizado no município não desperta nos entrevistados um sentimento de rejeição – pelo contrário, os jovens costumam participar ativamente⁸⁷ –, há apenas o desejo de que a oferta seja melhor distribuída. Jeniffer assume, no entanto, que hoje não há na cidade demanda para o consumo de atividades que fujam da temática junina, com exceção da dança, que, segundo ela, é uma linguagem priorizada pelo público local.

A gente tem bastante dificuldade com a aderência de público nas atividades culturais. A gente está na busca de entender qual é o interesse das pessoas, o que elas gostam de consumir, por que elas não consomem o que a gente promove. [...] Tem uma linguagem específica da arte que a galera super se amarra aqui, que é dança. Qualquer coisa que tiver sobre dança as pessoas participam. Só que teatro é mais difícil... Com o circo eu vejo o interesse de quem está desenvolvendo pesquisas acadêmicas de mestrado, doutorado, mas, fora isso, é raro ter o interesse do público. Acho que isso não tem a ver com preço dos ingressos, porque a gente oferta atividades gratuitas também e, mesmo assim, há a falta de público.

No que se refere ao próprio consumo cultural, ela afirma reservar cerca de 18 horas semanais para esse fim, distribuídas em meio a uma rotina movimentada. De segunda a sexta-feira, Jeniffer trabalha como professora pela manhã, assiste às aulas na Uneb à tarde e, à noite, participa dos ensaios dos espetáculos do Atuantes. No sábado, além dos ensaios com o grupo, ela costuma praticar, individualmente ou com o namorado, outras técnicas artísticas – a exemplo da dança ou malabares. Já o domingo é reservado ao lazer, a depender das necessidades artísticas e/ou acadêmicas que a Uneb ou o grupo demandarem. Questionada sobre quais momentos são reservados para o consumo cultural, ela responde: “escutar música e assistir à TV eu faço mais nos intervalos entre uma atividade e outra. E em relação a assistir

⁸⁷ Neste ano, durante o São João Jeniffer integrou duas quadrilhas: a “Alegria que Contagia”, do Colégio Estadual Teixeira de Freitas, e a “Unidxs da Taper”, organizada pela Uneb e Cesb.

a uma peça de teatro, sempre quando tem eu estou dentro, geralmente no final de semana.”. Em sua fala, ela se refere à TV paga, pois não tem o hábito de consumir canais abertos de televisão, ou mesmo rádio. “Na minha casa têm [televisão e rádio], meus pais costumam consumir bastante, mas eu mesma não tenho interesse”.

A etapa quantitativa já havia identificado a ausência das mídias tradicionais no leque de atividades consumidas pela estudante. Em meio a um consumo recente classificado como alto – nos últimos 12 meses declarou ter realizado 20 entre as 30 atividades listadas –, ficam de fora o consumo de TV aberta, rádio, viagens, atividades esportivas, religiosas; a ida a livrarias, museus e “paredões” de som. No que se refere ao consumo acumulado, observa-se ainda uma integração total com a cultura: ao longo da vida, deixou de frequentar apenas museus e “paredões”. A localização/facilidade de acesso e o tipo/gênero da atividade são os aspectos considerados por ela no momento de escolher qual atividade consumir, enquanto os benefícios esperados são crescimento cultural/intelectual e relaxamento. Chama atenção a informação, declarada no questionário, de que realiza somente atividades gratuitas. “Isso porque as atividades mais ofertadas aqui são gratuitas, então, quando são gratuitas, eu tento fazer parte de todas elas. As pagas são mais difíceis, não acontecem muito, mas, se acontecessem, eu estaria disposta a participar.”, justifica.

O conjunto de atividades culturais realizadas por Jeniffer no último ano indica a preferência simultânea por práticas digitais – em geral, realizadas individualmente e no ambiente doméstico – e práticas analógicas – relacionadas ao ambiente externo e que, de forma recorrente, exigem socialização. Ela assume a preferência tanto por jogos eletrônicos, redes sociais, produtos audiovisuais e musicais consumidos por meio da internet, quanto pela frequência de apresentações musicais e de artes cênicas, feiras livres, centros culturais e praças/passeios ao ar livre, entre outros. Questionada sobre como se dá a distribuição das atividades *online* e *offline* no seu dia a dia, ela é categórica: “eu sempre prefiro atividades *offline*, até porque gosto muito de praticar, de movimentar o corpo. Mas quando não tem atividades desse tipo, eu estou online. Se houvesse cineclubes na cidade, eu veria mais filmes nesses espaços do que em casa, por exemplo.”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa assume como objetivo a compreensão do consumo cultural de jovens estudantes universitários residentes em Senhor do Bonfim, cidade de médio porte localizada no interior da Bahia. A investigação compreendeu a sondagem das atividades culturais presentes na trajetória pessoal dos estudantes entrevistados e os fatores que atuam como motivadores para esse consumo. Para tanto, utilizamos referenciais teóricos sobre duas temáticas centrais: as juventudes e o consumo cultural. Serviram como suporte para a pesquisa principalmente as contribuições dos autores franceses Bourdieu (2007a), Certeau (1994), Coulangeon (2014), Fleury (2009) e Lahire (2006) – que seguem a tradição do país de origem em investigar os públicos da cultura; do mexicano Canclini (1993; 1995) e dos espanhóis Barbero (1997) e Feixa (1996) – engajados na observação da cena cultural da América Latina; e de autores brasileiros como Abramo (1997), Botelho (2001; 2004), Dayrell (2001; 2004) e Sposito (2018) – atentos às particularidades brasileiras.

Autores como Dayrell e Feixa compreendem a juventude a partir de um ponto de vista plural e as culturas juvenis, por sua vez, são entendidas como “um conjunto de significados compartilhados” por um determinado grupo (DAYRELL, 2001, p. 20), significados esses que são construídos tendo como referência o cruzamento de várias estruturas e condições sociais – as culturas parentais, a geração, o gênero, a classe, etc. (FEIXA, 1996). Por consumo cultural, entende-se “o conjunto de processos de apropriação e usos de produtos nos quais o valor simbólico prevalece sobre os valores de uso e de troca” (CANCLINI, 1993, p. 34), concepção que inclui, entre outras noções, a problemática da distinção social. Segundo essa perspectiva, inaugurada por Bourdieu (2007a), as práticas de consumo podem criar relações de dominação e sujeição entre diferentes grupos. A chave para se distanciar de um modelo que separa práticas supostamente legítimas de outras, tidas como ilegítimas, parece ser a democracia cultural, perspectiva que, ao invés de fazer a defesa estrita do consumo de práticas legitimadas, defende que a possibilidade de acessá-las seja oferecida a todos. Desse modo, ao colocar os meios à disposição das pessoas, elas poderiam decidir se gostam ou não de algumas dessas práticas (BOTELHO; FIORI, 2004).

Partimos da hipótese de que moradores de cidades do interior tendem a se relacionar com a cultura de modo diferente do público das capitais e regiões metropolitanas do país, uma vez que os modos de vida nesses territórios, bem como a oferta em termos de espaços culturais diferem significativamente. A hipótese foi testada de duas formas: a partir da interpretação dos dados informados pelos estudantes nas etapas de campo quantitativa e

qualitativa, coletados por meio de questionário *online* e entrevistas presenciais, respectivamente; e, em paralelo, à luz de outras pesquisas realizadas no Brasil sobre o tema do consumo cultural (BOTELHO; FIORI, 2004, ALLUCCI; JORDÃO, 2014, SESC, 2014, LEIVA; MEIRELLES, 2018). Ressaltamos que a comparação com os dados das pesquisas nacionais só pôde ser assumida parcialmente, devido às diferenças de objetivos e metodologias das investigações: noção de cultura assumida, formulação das perguntas, tipo de cidade investigada, abrangência da amostra e outras nuances. As principais conclusões dessas pesquisas indicam que quanto menor a faixa etária, mais alta a classe/renda e o grau de escolaridade, maior a tendência em realizar atividades ligadas à cultura, sendo o último critério mais relevante que os demais.

Uma vez que toda a amostra investigada em Senhor do Bonfim é jovem e tem alto grau de escolaridade, as variações a respeito desses dados não puderam ser testadas, o que nos convocou a observar com mais cuidado outros fatores. Entre os motivadores para o consumo cultural dos respondentes, assumiu lugar de destaque a escolaridade pregressa: jovens com frequência muito alta nos últimos 12 meses tiveram escolas mais estimulantes culturalmente do que os jovens com frequência baixa (50% x 21%). Tal dado evidencia que, ainda que o grau de escolaridade atual do indivíduo exerça influência sobre a frequência cultural desenvolvida por ele, é o estímulo oferecido pelas escolas – por meio da realização de projetos, eventos, concursos relacionados a linguagens culturais etc. – o que molda esse interesse. Tal interpretação se sustenta em depoimentos de alguns jovens entrevistados na etapa qualitativa desta pesquisa, a exemplo de Caroline, Abel e Jeniffer, que indicam que os estímulos culturais oferecidos pela escola foram importantes para a formação dos seus interesses futuros. Nesse quesito, assume destaque a promoção, por parte do Governo do Estado da Bahia, de iniciativas voltadas para estudantes do ensino básico que articulam as áreas de educação e cultura, tais como o ProEMI - Programa Ensino Médio Inovador; programa Escolas Culturais; Centros Juvenis de Ciência e Cultura (CJCC); os projetos estruturantes Artes Visuais Estudantis (AVE), Tempos de Arte Literária (TAL), Produção de Vídeos Estudantis (Prove), Educação Patrimonial e Artística (EPA), Dança Estudantil (Dance), Encontro de Canto Coral (Encante) e Festival Estudantil de Teatro (Feste); entre outros. Alguns dos programas foram citados pelos estudantes e podem continuar estimulando novos jovens baianos a se aproximar das linguagens culturais.

Notamos, ainda, que os estudantes com frequência cultural alta ou muito alta avaliaram mais positivamente a oferta cultural de Senhor do Bonfim, em termos de qualidade e

quantidade, e o estímulo cultural oferecido pela universidade. Mas, se o estímulo escolar é entendido como uma das *causas* que fomentam a relação dos jovens com a cultura, as avaliações positivas sobre a oferta cultural local e a universidade podem ser interpretadas como *efeitos* resultantes de uma participação cultural ativa: uma vez engajados em atividades culturais de naturezas diversas, esses estudantes buscam se aproximar da cena local e das atividades desenvolvidas na universidade, o que por fim os leva a valorizar os agentes e produções realizadas. Em outras palavras, é como se o interesse cultural acumulado ao longo da vida abrisse portas para a observação, e posterior valorização, da oferta disponível.

Observamos ainda o peso de outros aspectos atribuídos à maior frequência cultural, já identificados em outras pesquisas: o gênero, a raça, a religião, a relação com o fazer artístico e a presença de artistas na família. Considerando a amostra investigada, compõe o perfil típico do ativo consumidor cultural o homem, preto, agnóstico ou ateu, que desenvolve ou já desenvolveu produção artística, egresso de escolas estimulantes do ponto de vista cultural e que possui algum artista na família. Maior escolaridade dos pais e renda não se mostraram fatores relevantes para alavancar o consumo cultural dos jovens investigados, como foi observado em outras sondagens. Quando avaliamos as entrevistas, entendemos que, mais relevante que o grau de instrução dos pais, é a relação que estes estabeleceram com a cultura ao longo da vida – se são mais restritos às práticas domiciliares ou costumam diversificar seu consumo.

A convivência com pais “caseiros” e que sempre priorizaram o consumo cultural doméstico, garantindo lugar de destaque para a televisão, é uma característica em comum entre Dailane e Paula, as únicas entrevistadas na etapa qualitativa que tiveram frequência cultural muito baixa nos últimos 12 meses. Os pais das estudantes, contudo, têm graus de escolaridade diferentes: os de Dailane possuem Ensino Fundamental incompleto, enquanto os de Paula concluíram o Ensino Médio. Outras características que as duas estudantes compartilham são a religiosidade – Dailane é evangélica e Paula é católica –, a presença de artista na família e o relacionamento com parceiros que se mantêm distantes das atividades culturais. Por mais que as duas estabeleçam poucas relações com a cena cultural da cidade, há, no entanto, justificativas diferentes para isso: na visão de Dailane, a ausência de uma diversidade de produções na cidade é responsável por sua participação restrita, já Paula demonstra não ter interesse em conhecer a cena local. As diferentes posturas das entrevistadas podem levar à seguinte interpretação: Dailane se mostra uma potencial consumidora ativa,

caso a cidade passe a diversificar sua oferta, enquanto Paula parece não ter interesse em ampliar seu consumo cultural, está satisfeita com o leque de atividades que hoje realiza.

É possível supor que, entre a amostra investigada, há mais estudantes que se assemelham a Dailane no aspecto da disponibilidade para a frequência cultural. Notamos que 44 estudantes, o que representa 1/3 da amostra, têm uma trajetória caracterizada pelo baixo consumo cultural no último ano, associado à circulação por diversos tipos de atividades ao longo da vida. Uma leitura possível para esse dado é a seguinte: por mais que as pessoas acumulem diferentes experiências culturais nas etapas anteriores da vida, como a infância e adolescência, não necessariamente se vinculam e desenvolvem interesse por elas, a ponto de mantê-las em sua rotina. Essa interpretação encontra suporte em Lahire, para quem o consumo cultural, muitas vezes, não decorre do “gosto” ou mesmo “paixão”, mas sim está ligado a “circunstâncias incitantes, a obrigações ou a imposições leves (por exemplo, práticas de acompanhamento) ou fortes (por exemplo, práticas escolares ou profissionais) de todo tipo” (LAHIRE, 2006, 26-27).

A limitada oferta cultural disponível na cidade de Senhor do Bonfim também pode justificar o predomínio de estudantes que, mesmo tendo circulado por diversas atividades em outras fases da vida, hoje mantêm consumo cultural baixo. Isso porque, como observamos no caso de Dailane, por mais que os jovens se interessem em diversificar seu consumo cultural, falta a eles oportunidade para isso. A insuficiência de atividades culturais no município é uma crítica recorrente entre a amostra investigada – apenas 20% dos respondentes indicam que a oferta disponível é suficiente – e uma opinião unânime entre os cinco entrevistados. A análise do contexto de Senhor do Bonfim, com base nas atividades promovidas nos últimos 15 meses, confirma a baixa diversidade presente na cena local: a maior parte dos eventos realizados se vincula à linguagem musical, dividida entre pequenas apresentações em “barzinhos” e grandes eventos em casas de show, em especial dos gêneros arrocha, forró, pagode, sertanejo e samba. A pergunta que fica, portanto, é a seguinte: como uma pessoa pode desenvolver interesse pelas artes visuais – uma das linguagens menos acessadas pela amostra – quando não teve oportunidade de conhecê-la? Ou, ainda: mesmo se interessando pelo cinema – outra linguagem pouco acessada – como será possível que alguém frequente esse espaço, considerando que para acessá-lo seria necessário viajar para outro município e ter um gasto considerável?

Conforme evidenciou a pesquisa TIC Cultura, em cidades cuja oferta cultural é limitada, a “Internet pode exercer papel fundamental para propiciar a ampliação de alternativas de

consumo e fruição cultural” (CETIC, 2017, p. 25). Essa lógica parece se aplicar a Senhor do Bonfim: ouvir música em aparelhos eletrônicos, usar redes sociais e assistir a conteúdos audiovisuais em meios eletrônicos foram a primeira, segunda e sexta atividades mais realizadas no último ano pela amostra investigada. Além disso, é importante mencionar que os jovens que realizam tais atividades, o fazem com muita frequência: as três práticas citadas e os jogos eletrônicos foram algumas das atividades mencionadas como mais frequentes na rotina dos estudantes. Ressaltamos, no entanto, assim como fizeram os pesquisadores responsáveis pela TIC Cultura, que as práticas digitais não se mostram substitutas das atividades realizadas *offline*. Cinco das dez atividades com maior percentual de frequência no último ano são de natureza externa, ou seja, realizadas fora do domicílio. A fala de uma das entrevistadas, Jeniffer, representa bem essa complementaridade entre as práticas culturais digitais e as atividades realizadas *in loco*: “eu sempre prefiro atividades *offline*, até porque gosto muito de praticar, de movimentar o corpo. Mas quando não tem atividades desse tipo, eu estou *online*”.

Não por acaso, a ida a parques/praças/passeios ao ar livre foi a terceira atividade mais realizada nos últimos 12 meses (73,5% das citações) e, nas entrevistas em profundidade, a praça central de Senhor do Bonfim é apontada como um dos principais espaços culturais do município. É certo que nem sempre a frequência à Praça Nova do Congresso é mencionada como algo positivo, uma vez que seu uso constante sinaliza a ausência de uma oferta cultural mais intensa em outros espaços, porém, entre agendar um encontro com os amigos na casa de algum deles ou optar pela reunião na praça, a segunda opção ainda parece predominar. Os jovens utilizam o espaço para diferentes fins, que envolvem desde a participação em eventos diversos produzidos no local, até o uso espontâneo para namorar, tocar instrumentos, ouvir música, beber, bater papo com os amigos. A relevância do consumo cultural ao ar livre não encontra equivalência em outras pesquisas nacionais. O Panorama Setorial da Cultura Brasileira 2013-2014 demonstrou que menos da metade da sua amostra realizou alguma prática fora de casa nos últimos 12 meses, sendo a ida a parques/passeios ao ar livre a quarta atividade mais citada (30%).

Para além da frequência de praças e outros espaços ao ar livre, merece destaque a participação em festas populares, oitava atividade mais realizada pelos estudantes nos últimos 12 meses, totalizando 62% das citações. A festa de São João aparece na fala de todos os entrevistados na etapa qualitativa, seja para referenciar o que faziam na infância, seja para apresentar o consumo atual. As brincadeiras juninas realizadas no bairro, a passagem de casa

em casa para confraternizar, as festas nas escolas e as quadrilhas, entre outras tradições, estão presentes na memória afetiva e no cotidiano atual dos jovens. Parte das entrevistas foi realizada às vésperas da data de São João – 24 de junho, feriado comemorado no Nordeste – e os respondentes da vez – Caroline e Abel, ambos naturais de outros municípios – já reuniam em suas residências amigos e familiares que viajaram a Senhor do Bonfim para participar da festa. Também foi recorrente entre os entrevistados a menção à quadrilha Unidxs da Tapera como uma importante ação cultural realizada pela Uneb. Jeniffer integrou não só essa quadrilha, mas também outro grupo da mesma natureza organizado por outra instituição local – o Colégio Estadual Teixeira de Freitas. Caroline também tinha interesse em participar da quadrilha da Uneb, só não o fez porque perdeu o prazo de inscrição. “Eu fiquei triste porque não participei, meu sonho é participar de um concurso de quadrilhas”, lamentou.

Utilizando como referência a teoria de Bourdieu (1989; 2007a; 2007b), é possível dizer que o São João compõe o *habitus* dos moradores de Senhor do Bonfim – e de outras cidades do interior da Bahia e do Nordeste. Isso significa que os moradores da cidade compartilham uma percepção comum, a qual torna natural aos seus olhos o consumo prioritário de produtos relacionados, ou que se assemelham, à festa junina. Essa condição explicaria a presença das festas populares entre as atividades frequentadas pela amostra e mesmo a constância de festas com atrações de gêneros musicais relacionados aos ritmos juninos – o forró, que cada vez mais se associa ao arrocha e sertanejo – entre as produções realizadas no município, como visto na análise da cena local. Não atribuímos juízo negativo à concentração *per se*, uma vez que está associada aos interesses dos próprios moradores da cidade. A avaliação sobre o predomínio de atividades de uma mesma natureza ganha contornos negativos, no entanto, quando observamos que as políticas públicas locais não se dedicam a corrigir o desequilíbrio, fomentando uma diversidade de atividades e espaços – opinião reforçada pelos entrevistados.

Outra informação que merece ser destacada acerca dos jovens investigados diz respeito à relação entre religião e consumo cultural. Os cinco entrevistados na etapa qualitativa representam com fidelidade a amostra global: quem tem consumo alto é agnóstico, quem tem consumo baixo é religioso. Essa é uma tendência observada na etapa quantitativa: no último ano, o percentual de estudantes agnósticos/ateus, católicos e evangélicos que tiveram frequência cultural reduzida (baixa ou muito baixa) correspondeu a 25%, 41,5% e 57%, respectivamente. A pesquisa Cultura nas Capitais também apontou que, isolando a influência de fatores como idade, educação e renda, evangélicos apresentam consumo cultural menos diversificado do que católicos. Uma hipótese possível é a de que o tempo reservado por esse

público às atividades religiosas limita o tempo disponível para atividades relacionadas a outras linguagens (VEGA, 2018, p. 85). Ao observar o exemplo da entrevistada Dailane, notamos que a suposição se aplica: os cultos e encontros de jovens da sua igreja ocupam dois ou três turnos da sua semana, que já é preenchida por diversas atividades de natureza obrigatória, relacionadas à universidade e ao estágio. Por conta disso, seu consumo cultural, em grande medida, fica restrito ao que é ofertado pela igreja. É certo que a oferta cultural promovida pelas igrejas tem sua relevância, uma vez que conecta os jovens a atividades que talvez não tivessem a oportunidade de acessar fora do espaço religioso – basta observar o perfil de Dailane, ou mesmo de Abel, estudante autodeclarado agnóstico, mas que cresceu em meio a um ambiente católico. No entanto, verificamos que, ao estabelecer a igreja como espaço prioritário para o consumo cultural, os religiosos tendem a se fechar a produções de agentes e espaços culturais – o que explicaria por que católicos e evangélicos têm consumo abaixo da média em diversas atividades, em especial, atreladas a linguagens artísticas.

Diante do que foi exposto, é possível afirmar que foram verificadas algumas diferenças entre o consumo cultural dos jovens universitários de Senhor do Bonfim e da média da população brasileira, em especial no que se refere ao convívio em praças/passeios ao ar livre e festas populares – que os jovens bonfinenses frequentam com mais intensidade – e espaços formais como o museu e o cinema – que consomem abaixo da média nacional. Supomos que a frequência intensa a festas populares deve-se ao predomínio do São João no município, enquanto o convívio em espaços ao ar livre é facilitado pela considerável segurança que envolve a convivência urbana em cidades interioranas – locais onde os índices de criminalidade estão distantes de se assemelhar aos das capitais e regiões metropolitanas do país. Já o distanciamento dos jovens em relação a espaços formais de cultura deve-se à ausência de equipamentos dessa natureza na localidade, algo frequente nas cidades de pequeno e médio porte do país.

A ausência de pesquisas segmentadas para o público de cidades do interior do Brasil impede que as comparações traçadas neste estudo possam ser feitas com maior segurança. Ainda que parte das pesquisas analisadas tenham abrangido moradores de cidades de pequeno e médio porte, esse público representa um pequeno percentual que não permitiria sua observação estatística. Além disso, as bases de dados dessas pesquisas não estão disponíveis para consulta, impedindo que pesquisadores, estudantes, jornalistas ou mesmo o público investigado tenham acesso à filtragem dos dados e outros detalhes das sondagens. A fim de evitar essa limitação e tornar transparentes as informações investigadas, criamos por meio do

programa Power BI – serviço de *business intelligence* da empresa Microsoft – uma série de gráficos que permitem a segmentação de dados por parte dos usuários, disponíveis em <http://bit.ly/2y2KgDLSenhordoBonfim>.

Foram, inclusive, a criação, segmentação e interpretação dos dados as etapas que se mostraram mais desafiantes durante a execução da pesquisa, uma vez que esta pesquisadora, ao longo da trajetória acadêmica, não teve acesso à formação voltada para o uso de métodos quantitativos em ciências humanas e sociais. Esta etapa contou, portanto, com uma consultoria externa que ofereceu o suporte necessário para sua realização. Diante do exposto, a etapa quantitativa exigiu um investimento de tempo extenso, o que acabou por limitar o tempo disponível para a execução da etapa qualitativa. Ainda assim, foram realizadas cinco entrevistas em profundidade, as quais acabam por validar a tese de Lahire (2006): para além das semelhanças presentes entre os jovens, fica evidente que diferentes socializações fomentam diferentes práticas. Não é possível dizer que apenas características identitárias (ser jovem ou homem, por exemplo) e o passado incorporado (as escolas, os familiares) exercem influência sobre o tipo de consumo que o indivíduo desenvolve ao longo da trajetória. A todo momento atuam na vida das pessoas estímulos capazes de alterar sua relação com a cultura: um novo relacionamento, o ingresso em um novo grupo de amigos, uma atividade curricular promovida pela universidade, entre outros.

O estudo em questão mostra-se relevante academicamente principalmente por investir na complementaridade entre dados quantitativos e qualitativos, atuando na produção de fontes de informação primárias. Merece destaque ainda a disposição em investigar uma cidade do interior da Bahia, território muitas vezes apagado do campo de estudos acadêmicos e, em especial, colocado fora de alcance do campo da pesquisa em torno do consumo cultural brasileiro. Em um nível macro, seus resultados podem contribuir para a criação de novas pesquisas sobre a área voltadas para territórios segmentados – outros municípios do interior do Brasil ou mesmo periferias de grandes cidades –, enquanto, em um nível micro, podem estimular a criação de políticas culturais locais que se pautem pelos reais interesses do público morador de Senhor do Bonfim.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICA, DOCUMENTAL E ONLINE

ABEP, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. **Alterações na aplicação do Critério Brasil**, válidas a partir de 16/04/2018. ABEP: 2018. Disponível em: <http://www.abep.org/criterioBr/01_cceb_2018.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5 e 6, 1997, p. 25-36. Disponível em: <http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_05_HELENA_WENDEL_ABRAMO.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2018.

ALLUCCI, R. R.; JORDÃO, G. **Panorama Setorial da Cultura Brasileira 2013/2014**. São Paulo: Ed. Allucci e Associados, 2014.

ALVES, A. R. C. Dos habitus de classe aos patrimônios individuais de disposições: reflexões sobre a prática em Pierre Bourdieu e Bernard Lahire. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, v. 18, n. 42, p. 294-327, mai./ago. 2016. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/56262/38353>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

AIRES, J. D. M.; NASCIMENTO, G. G. O sentido da objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais para Max Weber. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, ano 7, n. 15, p. 24-34, jan./abr. 2013. Disponível em: <<https://csonline.ufjf.emnuvens.com.br/csonline/article/viewFile/2260/1607>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

BAHIA. **Lei Delegada nº 12**, de 30 de dezembro de 1980. Extingue e cria entidades de administração descentralizada e dá outras providências. Salvador: Palácio do Governo do Estado da Bahia, [1980]. Disponível em: <<https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/70013/lei-delegada-12-80>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BAHIA. **Lei Delegada nº 66**, de 01 de junho de 1983. Cria a Universidade do Estado da Bahia - UNEB e dá outras providências. Salvador: Palácio do Governo do Estado da Bahia, [1983]. Disponível em: <<https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/70067/lei-delegada-66-83>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BAHIA. **Decreto nº 31.299**, de 30 de novembro de 1984. Aprova o Regulamento da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Salvador: Palácio do Governo do Estado da Bahia, [1984]. Disponível em: <<http://www.legislabahia.ba.gov.br/documentos/decreto-no-31299-de-30-de-novembro-de-1984>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BAHIA. Secretaria do Planejamento. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Perfil dos Territórios de Identidade da Bahia**: Volume 3. Salvador: SEI, 2018. Disponível em: <https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2000&Itemid=284>. Acesso em: 29 mai. 2019.

BAHIA. Secretaria de Educação. **Centros Juvenis de Ciência e Cultura**. Salvador: SEDUC, 2019a. Disponível em: <<http://escolas.educacao.ba.gov.br/centros%20juvenis>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

BAHIA. Secretaria de Educação. **Tempos de Arte Literária (TAL)**. Salvador: SEDUC, 2019b. Disponível em: <<http://escolas.educacao.ba.gov.br/tal>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

- BAHIA. Secretaria de Educação. **Ensino Médio Inovador**. Salvador: SEDUC, 2019c. Disponível em: <<http://escolas.educacao.ba.gov.br/ensinomedioinovador1>>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- BARBERO, J. M. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- BARBOSA, L. **Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BENZECRY, C. E. Resenha de *Popular culture & high culture: an analysis and evaluation of taste*. **Prismas - Revista de História Intelectual**, Buenos Aires, ano 5, n. 5, 2001, p. 339-341. Disponível em: <<http://www.unq.edu.ar/advf/documentos/567303e173273.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- BOAVENTURA, E. M. Criação e implementação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado da Bahia. **Revista da FAEBA**: educação e contemporaneidade, Salvador, v. 1, n. 1, p. 19-24, jan./jun. 1992. Disponível em: <<http://www.uneb.br/revistadafaceba/files/2011/08/Faeeba-25-anos.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- BOAVENTURA, E. M. A criação da Universidade do Estado da Bahia. In: BOAVENTURA, E. M. **A construção da universidade baiana**: objetivos, missões e afrodescendência. Salvador: Edufba, 2009, p. 29-44. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/4r/pdf/boaventura-9788523208936.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- BOTELHO, I. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001. P. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200011>. Acesso em: 09 abr. 2018.
- BOTELHO, I.; FIORE, M. O uso do tempo livre e as práticas culturais na Região Metropolitana de São Paulo. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004. **Anais eletrônicos do VIII CONLAB**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/IsauraBotelho_MauricioFiore.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2017.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, P. La "juventud" no es más que una palabra. In: BOURDIEU, P. **Sociología y Cultura**. México: Conaculta, 2002. P. 163-173. Disponível em: <<https://periferiaactiva.files.wordpress.com/2018/03/bourdieu-p-1990-e2809cla-juventud-no-es-mc3a1s-que-una-palabrae2809d.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2018.
- BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007a.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção por Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007b.
- BRASIL. **Decreto nº 92.937, de 17 de julho de 1986**. Autoriza o funcionamento da Universidade do Estado da Bahia. Brasília, DF: Presidência da República, [1986]. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-92937-17-julho-1986-442927-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 05 set 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BRASIL. **Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Brasília, DF: Presidência da República, [2006]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113278.htm>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.852**, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 6 ago. 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/112852.htm>. Acesso em: 05 set 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior**: Cadastro e-MEC. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2019. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

CANCLINI, N. G. El consumo cultural y su estudio en México: una propuesta teórica. In: CANCLINI, N. G. (coord.). **El consumo cultural en México**. México: Conaculta, 1993. P. 15-42

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010. 8. ed.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CETIC, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. **Cultura e tecnologias no Brasil**: um estudo sobre as práticas culturais da população e o uso das tecnologias e informação e comunicação. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017. Disponível em: <<https://cetic.br/media/docs/publicacoes/7/cultura-e-tecnologias-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

CHARTIER. R. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

COELHO, T. **A cultura e seu contrário**: cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Iluminuras; Itaú cultural, 2008. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/os-livros-do-observatorio/a-cultura-e-seu-contrario/>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

CORBUCCI, P. R.; KUBOTA, C.; MEIRA, A. P. B. M. Evolução da Educação Superior privada no Brasil: da reforma universitária de 1968 à década de 2010. **Revista Radar**, Brasília, n. 46, p. 7-12, ago. 2016. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7066/1/Radar_n46_evolu%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

COULANGEON, P. **Sociologia das práticas culturais**. Tradução de Constancia Egrejas. São Paulo: Ed. Sesc, 2014.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: Edusc, 2002. P. 17-63.

CUNHA, E. L. A emergência da cultura e da crítica cultural. **Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande, v. 1, n. 2, 2009, p. 73-82. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/2184>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

CUNHA, L. M. A. **Modelos Rasch e Escalas de Likert e Thurstone na medição de atitudes**. 2007. 78 f. Dissertação (Mestrado em Probabilidades e Estatística) - Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.

DAYRELL, J. T. **A música entra em cena: o funk e o rap na socialização da juventude em Belo Horizonte**. 2001. 411 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade São Paulo, São Paulo, 2001.

DAYRELL, J. T. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 24., 2004, Recife. **Anais...** Recife: ABA – Associação Brasileira de Antropologia, 2004, p. 01-20.

EAGLETON, T. Para uma cultura comum. In: EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. 1. ed. Lisboa: Actividades Editoriais, 2003. cap. 5, p. 145-167.

ENNE, A. L. “E daí?”, “pronto, falei!”, “confesso”: artimanhas discursivas de qualificação e desqualificação do gosto e da distinção. **PragMATIZES - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura**, [S.l.], ano 4, n. 6, 2014, p. 103-113. Disponível em: <<http://www.pragmatizes.uff.br/revista/index.php/ojs/article/view/54/51>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

FARIA, K. A. S. **O sucesso e o sustento: a trajetória da atriz bonfinense Celina Ferreira (1902-2001)**. 2013. 318 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de Consumo e Pós-modernismo**. Trad. Júlio Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FEIXA, C. P. De las culturas juveniles al estilo. **Nueva Antropología**, Distrito Federal, México, vol. 15, n. 50, 1996, p. 71-89. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/service/redalyc/downloadPdf/159/15905005/1>>. Acesso em: 7 set. 2018.

FEIXA, C. Generación @ La juventude em la era digital. **Nómadas**, Bogotá, n. 13, p. 75-91, out. 2000. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105115264007>>. Acesso em 07 jul. 2019.

FLEURY, L. **Sociologia da cultura e das práticas culturais**. Tradução de Marcelo Gomes. São Paulo: Ed. Sesc, 2009.

FROW, J.; MORRIS, M. Estudos culturais. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. P. 315 - 343.

GANS, H. J. **Cultura popular e alta cultura: uma análise e avaliação do gosto**. São Paulo: Ed. Sesc, 2014.

GOMES, I. M. M. O que é o popular no jornalismo popular? In: COUTINHO, E. J.; FREIRE FILHO, J.; PAIVA, R. (org.). **Mídia e Poder: ideologia, discurso e subjetividade**. Rio de Janeiro: Manual X, 2008. P. 57-77.

GOMES, I. M. M. Estabilidade em Fluxo: uma análise cultural do Jornal Nacional, da Rede Globo. In: Intercom, 34., 2011, Recife. **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Recife: 2011.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 01 set. 2018.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos estados e dos municípios brasileiros**: Cultura 2014. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: 2015a. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95013.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos Estados e dos Municípios Brasileiros 2014**: Cultura. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: 2015b. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/cultura_2014/default.shtm>. Acesso em: 01 set. 2018.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Registro Civil 2017**: homens de 20 a 24 anos têm 11 vezes mais chances de morrer por causas externas do que as mulheres. Agência IBGE: 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/22879-registro-civil-2017-homens-de-20-a-24-anos-tem-11-vezes-mais-chances-de-morrer-por-causas-externas-do-que-as-mulheres>>. Acesso em: 03 jun 2019.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Educação 2018**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: 2018a. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101657_informativo.pdf>. Acesso em 07 jul. 2019.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2018**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: 2018b. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/senhor-do-bonfim/panorama>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

IFBA, INSTITUTO FEDERAL BAIANO. **Institucional**: quem somos. Salvador: IFBAIANO, 2019. Disponível em: <<http://ifbaiano.edu.br/portal/quem-somos/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

INEP, INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior**: notas estatísticas 2000. Brasília: INEP, 2001. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/censo/2000/Superior/sinopse_superior-2000.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

INEP, INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior**: notas estatísticas 2016. Brasília: 2017. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf>. Acesso em: 01 set. 2018.

INEP, INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior**: notas estatísticas 2017. Brasília: INEP, 2018.

Disponível em:

<http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2018/censo_da_educacao_superior_2017-notas_estatisticas2.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

IPEA, INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **População das cidades médias cresce mais que no resto do Brasil**. Brasília, DF: IPEA, 2008. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20090819081149/http://www.ipea.gov.br/003/00301009.jsp?ttC=D_CHAVE=5499>. Acesso em: 29 mai. 2019.

LAHIRE, B. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEIVA, J.; MEIRELLES, R. (org.). **Cultura nas capitais**: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte. Rio de Janeiro: 17Street, 2018a.

LEIVA, J.; MEIRELLES, R. (org.). **Cultura nas capitais**: banco de dados. Rio de Janeiro: Tabaruba Design, 2018b. Disponível em: <<http://www.culturanas capitais.com.br/>>. Acesso em: 03 set. 2018.

MACHADO, Paulo Batista. **Cartilha Histórica sobre as origens de Senhor do Bonfim**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 1993.

MATO, D. Interculturalidad, producción de conocimiento y prácticas socioeducativas. **ALCEU**, v.6, n.11, jul./dez. 2005, p. 120 a 138.

MINC, MINISTÉRIO DA CULTURA DO BRASIL. **Cultura em estatísticas**. Brasília: 2013. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/destaque-sec-/asset_publisher/JbUOfaXYB9Wk/content/cultura-em-estatisticas/10913>. Acesso em: 01 set. 2018.

MOTA JUNIOR, A. de M.; FIALHO, N. H. Oferta pública de educação superior no estado da Bahia. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE - REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED, 24., 2018, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2018. Disponível em:

<http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/12/3706-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MUNHOZ, E. R. **Rede globo de televisão no território brasileiro**: sistema de emissoras afiliadas. São Paulo: 2008, 156 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NOVAES, R. Hábitos culturais: a religião importa? In: LEIVA, J.; MEIRELLES, R. (org.). **Cultura nas capitais**: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte. Rio de Janeiro: 17Street, 2018. P. 86-89.

OLIVEIRA, C. C. de. **Educação superior pública na Bahia pós LDB/96**: expansão e financiamento. 2011. 291 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/9178/1/Crispiniano%20C.%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

OLIVEIRA, J. B. A. Memórias de Picadeiro: histórias de vida de circenses do semiárido baiano entre Senhor do Bonfim e Jacobina. 2012. 71 f. Monografia (Especialização em História) – Departamento de Educação e Ciências Humanas Campus IV, Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2012.

OLIVEIRA, T. M. V. **Amostragem não Probabilística**: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. Administração online, São Paulo, v.2, n. 3, jul./set. 2001. Disponível em: <https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/veludo_-_amostragem_ao_probabilistica_adequacao_de_situacoes_para_uso_e_limitacoes_de_amostas_por_conveniencia.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2019.

VASCONCELOS-OLIVEIRA, M. C.; DINO, L. A. Cultura e arte na era da participação: reflexões a partir de práticas de usuários de internet no Brasil. In: CETIC, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. **Cultura e tecnologias no Brasil**: um estudo sobre as práticas culturais da população e o uso das tecnologias e informação e comunicação. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017. Disponível em: <<https://cetic.br/media/docs/publicacoes/7/cultura-e-tecnologias-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2019. p. 52-89.

PETERSON, R. A; KERN, R. M. Changing Highbrow Taste: From Snob to Omnivore. **American Sociological Review**, [S.l.], vol. 61, n. 5, 1996, p. 900-907. Disponível em: <https://canvas.harvard.edu/files/2619009/download?download_frd=1&verifier=GVuTokIgb1Bnt3UiShj7EFo0RobgotA7wRCzwTvg>. Acesso em: 16 ago. 2018.

RESTREPO, E. Interculturalidad em cuestión: cerramientos y potencialidades. **Ámbito de encuentros**, [s.l.], vol. 7, n. 1, 2014, p. 09-30.

RIBEIRO, A. **Migração pendular**. Portal Escola Kids. Rede Omnia: Goiânia, 2019. Disponível em: <<https://escolakids.uol.com.br/geografia/migracao-pendular.htm>>. Acesso em: 03 jun 2019.

RIO DE JANEIRO [Estado]. **Lei nº 3708**, de 09 de novembro de 2001. Institui cota de até 40% (quarenta por cento) para as populações negra e parda no acesso à Universidade do Estado do Rio de Janeiro e à Universidade Estadual do Norte Fluminense, e dá outras providências. Rio de Janeiro: Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, [2001]. Disponível em: <<http://www.leisestaduais.com.br/rj/lei-ordinaria-n-3708-2001-rio-de-janeiro-institui-cota-de-ate->>. Acesso em: 10 jun. 2019.

RUBIM, A. A. C. Políticas culturais: entre o possível e o impossível. In: NUSSBAUMER, G. M. (org.). **Teorias e Políticas da Cultura**: visões multidisciplinares. Salvador: Edufba, 2007. P. 139-158.

SAID, E. O âmbito do orientalismo. In: SAID, E. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. cap. 1, p. 41-82.

SANTANA, A. A. **Diagnóstico sobre gestão e usos de um equipamento cultural no interior da Bahia**: o Centro Cultural Ceciliano de Carvalho. 186 f. 2013. Monografia (Graduação em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SANTANA, A. A.; CRUZ, C. A.; SANTOS, A. B. dos; LEMOS, J. M. M. de; JESUS, A. V. V. de. **Consumo cultural na cidade de Senhor do Bonfim**. Produção no Sertão, Senhor do Bonfim, dez. 2015. Disponível em: <<https://producaonosertao.wordpress.com/2017/01/07/pesquisa-de-publico/>>. Acesso em: 06 jan. 2019.

SANTANA, A. A.; LINHARES, A. L. M. **Base de dados**: o consumo cultural de jovens universitários de Senhor do Bonfim (BA). Salvador, 2019. Disponível em: <<http://bit.ly/2y2KgDLSenhordoBonfim>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

SANTOS, G. E. O. **Cálculo amostral**: calculadora on-line. [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>>. Acesso em: 03 jun 2019.

SESC, SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Síntese da Pesquisa**: dados Brasil. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/cac99ed0-4052-406b-a0acd92fcade0737/sintese_brasil.pdf?MOD=AJPERES&CONVERT_TO=URL&CACHEID=cac99ed0-4052-406b-a0ac-d92fcade0737>. Acesso em: 16 fev. 2019.

SEVERO, M. S. Estatuto da Juventude no Brasil: avanços e retrocessos (2004-2013). In: ENCONTRO DE PESQUISADORES E PESQUISADORAS DE POLÍTICAS DE JUVENTUDE, 1., 2013, Brasília. **Anais...** Brasília: Presidência da República, 2014, p. 193-206. Disponível em: <http://bibjuventude.ibict.br/jspui/bitstream/192/53/1/SNJ_EPPPJ_2014.pdf>. Acesso em: 02 set. 2018.

SILVA, J. S. Diferentes gerações, diferentes práticas culturais. In: LEIVA, J.; MEIRELLES, R. (org.). **Cultura nas capitais**: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte. Rio de Janeiro: 17Street, 2018. P. 76-77

SILVA, R. S.; SILVA, V. R. Política nacional de juventude: trajetórias e desafios. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 63, 2011, p. 663-678. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24n63/13.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2018.

SPOSITO, M. E. B. Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 1, p. 51-62, jan./abr. 2010. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2016/03/SPOSITO-Novas-Redes-Urbanas-1.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SPOSITO, M. P.; SOUZA, R.; SILVA, F. A. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, 2018, p. 01-24. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-S1678-4634201712170308.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Trad. Marcello Lino. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

UNEB em Senhor do Bonfim e Colégio Estadual firmam parceria que beneficiará o cenário cultural da região. **Bonfim Notícias**, Senhor do Bonfim, 25 fev. 2019b. Disponível em: <<https://bonfimnoticias.com/site/2019/02/25/uneb-em-senhor-do-bonfim-e-colegio-estadual-firmam-parceria-que-beneficiara-o-cenario-cultural-da-regiao/>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Departamento de Educação do Campus VII. **Projeto de criação e autorização de funcionamento de curso de graduação**: Licenciatura em Teatro. Senhor do Bonfim: UNEB, 2016. 142 p.

UNEB, UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Boletim Enade 2017**. Salvador: UNEB, 2017a. Disponível em: <<https://portal.uneb.br/seavi/wp-content/uploads/sites/134/2019/03/Boletim-ENADE-2017.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

UNEB, UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Gabinete da Reitoria da UNEB. **Edital nº 118/2017**, de 11 de novembro de 2017. Torna público as inscrições do Processo Seletivo 2018, visando o preenchimento de vagas destinadas ao Curso de Graduação de Licenciatura em Música da UNEB, oferta do Programa Especial, na modalidade de ensino à distância

(EaD). Salvador: UNEB, 2017b. Disponível em: <<http://www.selecao.uneb.br/musica2018/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

UNEB, UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Anuário Uneb em Dados 2018** – Base 2017. Salvador: UNEB, 2018a. Disponível em: <<https://portal.uneb.br/seavi/wp-content/uploads/sites/134/2019/04/Anu%C3%A1rio-UNEB-em-Dados-2018-base-2017.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

UNEB, UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Conselho Universitário. **Resolução nº 1.339/2018**, de 13 de julho de 2018. Aprova o sistema de reservas de vagas para negros e sobrevagas para indígenas; quilombolas; ciganos; pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades; transexuais, travestis e transgênero, no âmbito da UNEB, e dá outras providências. Salvador: Conselho Universitário, 2018b. Disponível em: <<https://portal.uneb.br/conselhos/wp-content/uploads/sites/103/2018/10/1339-consu-Res.-Reserva-de-Vagas.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

UNEB, UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2017-2022**. Salvador: UNEB, 2018c. Disponível em: <https://portal.uneb.br/proplan/wp-content/uploads/sites/64/2018/03/PDI_2017_2022-.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

UNEB, UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Institucional**: o Pafor. Salvador: UNEB, 2019a. Disponível em: <<https://portal.uneb.br/parfor/o-parfor/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

UNEB, UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Institucional**: o curso de Teatro. Salvador: UNEB, 2019c. Disponível em: <<https://portal.uneb.br/senhordobonfim/cursos/teatro/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

UNEB, UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO. **Institucional**: conheça os campi. Petrolina: UNIVASF, 2019a. Disponível em: <<http://portais.univasf.edu.br/apresentacao-univasf/conheca-os-campi>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

UNIVASF, UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO. **O campus de Senhor do Bonfim**. Senhor do Bonfim: UNIVASF, 2019b. Disponível em: <<http://www.ecogeo.univasf.edu.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

VEGA, D. O que mostra a análise estatística. In: LEIVA, J.; MEIRELLES, R. (org.). **Cultura nas capitais**: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte. Rio de Janeiro: 17Street, 2018. p. 85; 95.

WACQUANT, L. Esclarecer o habitus. **Revista Educação & Linguagem**, São Paulo, ano 10, n. 16, p. 63-71, jul./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/126/136>>. Acesso em: 03 set. 2017.

WILLIAMS, R. Teoria Cultural. In: WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. cap. 2, p. 77-142.

ENTREVISTAS

FREIRE, Paula. **Paula Freire**: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Adriana Santana. Senhor do Bonfim, 2019. 1 arquivo .mp3 (19 min.). Entrevista concedida para fins de natureza acadêmica no dia 06 de julho de 2019.

MOREIRA, Abel. **Abel Moreira**: entrevista [jun. 2019]. Entrevistadora: Adriana Santana. Senhor do Bonfim, 2019. 1 arquivo .mp3 (75 min.). Entrevista concedida para fins de natureza acadêmica no dia 20 de junho de 2019.

OLIVEIRA, Caroline. **Caroline Oliveira**: entrevista [jun. 2019]. Entrevistadora: Adriana Santana. Senhor do Bonfim, 2019. 2 arquivos .mp3 (31 min.). Entrevista concedida para fins de natureza acadêmica no dia 20 de junho de 2019.

OLIVEIRA, Jeniffer. **Jeniffer Oliveira**: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Adriana Santana. Senhor do Bonfim, 2019. 1 arquivo .mp3 (36 min.). Entrevista concedida para fins de natureza acadêmica no dia 08 de julho de 2019.

SILVA, Dailane. **Dailane Silva**: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Adriana Santana. Senhor do Bonfim, 2019. 1 arquivo .mp3 (31 min.). Entrevista concedida para fins de natureza acadêmica no dia 06 de julho de 2019.

APÊNDICE A - Questionário utilizado na pesquisa quantitativa

A pesquisa a seguir busca a construção de indicadores sobre o consumo cultural dos estudantes de graduação da UNEB Campus VII, de Senhor do Bonfim, com idade entre 18 e 29 anos. A sondagem compõe uma das etapas da dissertação de mestrado de Adriana Santana, estudante vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (IHAC/UFBA). Informações e dúvidas podem ser enviadas ao endereço adriana.santana@ufba.br.

IDENTIFICAÇÃO

Iniciamos aqui nosso questionário, cujo preenchimento tem duração média de 10 minutos. É imprescindível que responda até o final!

1. Qual é a sua idade? _____

Caso a pessoa adicione um número acima de 29 anos, receberá uma mensagem de agradecimento.

2. Você é estudante de graduação da UNEB - Campus VII, de Senhor do Bonfim?

Sim Não

Caso a pessoa responda “Não”, receberá uma mensagem de agradecimento.

3. Você estuda em qual curso?

Biologia Ciências Contábeis Enfermagem Matemática Pedagogia Teatro

4. Esse é o seu primeiro curso de graduação?

Sim Não

5. Seu ingresso na universidade se deu por meio de cotas sociais/raciais?

Sim Não

PERFIL CULTURAL

6. Você desenvolve alguma atividade artística?

Sim, desenvolvo atualmente Já desenvolvi Não

7. Quais dessas atividades você realizou nos últimos 12 meses? (não há limite de respostas)

- Assistir a TV aberta
- Assistir a TV paga/a cabo
- Assistir a conteúdos audiovisuais em meios eletrônicos
- Assistir a filmes no cinema/cineclube
- Assistir a atividades esportivas em quadra/estádio/ginásio
- Assistir a conteúdos esportivos através da TV ou internet
- Ir a missas/cultos/encontros religiosos
- Ir a centros culturais
- Ir a bibliotecas
- Ir a livrarias
- Ir a museus/galerias
- Ir a feiras livres
- Ir a saraus
- Ir a exposições de artes visuais
- Praticar jogos eletrônicos
- Ouvir rádio AM/FM
- Ouvir música em aparelhos eletrônicos
- Ir a apresentações de música instrumental/concerto
- Ir a apresentações musicais de outros gêneros
- Ir a festas populares
- Ir a “paredões” de som
- Assistir a apresentações de teatro
- Assistir a apresentações de dança
- Assistir a apresentações de circo
- Ler livros (considere apenas os não didáticos e não religiosos)
- Ler jornais, revistas e/ou blogs

- Usar redes sociais
- Viajar a lazer
- Ir a restaurantes/bares como atividade de lazer
- Ir a parques/praças/passeios ao ar livre
- Outra(s): _____

8. Dentre as atividades marcadas acima, escreva aquelas que você realizou com MAIS FREQUÊNCIA nos últimos 12 meses (inclua até TRÊS opções):

_____, _____, _____

9. Quais dessas atividades você NUNCA realizou? (não há limite de respostas)

- Assistir a TV aberta
- Assistir a TV paga/a cabo
- Assistir a conteúdos audiovisuais em meios eletrônicos
- Assistir a filmes no cinema/cineclube
- Assistir a atividades esportivas em quadra/estádio/ginásio
- Assistir a conteúdos esportivos através da TV ou internet
- Ir a missas/cultos/cerimônias/encontros religiosos
- Ir a centros culturais
- Ir a bibliotecas
- Ir a livrarias
- Ir a museus/galerias
- Ir a feiras livres
- Ir a saraus
- Ir a exposições de artes visuais
- Praticar jogos eletrônicos
- Ouvir rádio AM/FM
- Ouvir música em aparelhos eletrônicos
- Ir a apresentações de música instrumental/concerto
- Ir a apresentações musicais de outros gêneros
- Ir a festas populares
- Ir a “paredões” de som
- Assistir a apresentações de teatro
- Assistir a apresentações de dança
- Assistir a apresentações de circo
- Ler livros (considere apenas os não didáticos e não religiosos)
- Ler jornais, revistas e/ou blogs
- Usar redes sociais
- Viajar a lazer
- Ir a restaurantes/bares como atividade de lazer
- Ir a parques/praças/passeios ao ar livre
- Outra(s): _____

10. Quais aspectos você considera mais importantes no momento de escolher uma atividade cultural? (selecione até DUAS opções):

- Localização/facilidade de acesso
- Opinião de amigos
- Opinião de familiares
- Opinião de pessoas influentes (jornalistas, críticos, artistas, professores etc.)
- Preço
- Relevância do(s) artista(s) envolvido(s)
- Tipo/gênero da atividade
- Outro(s) _____

11. Quais benefícios você espera em relação às atividades culturais que realiza? (selecione até DUAS opções):

- Crescimento cultural/intelectual
- Diversão
- Interação familiar

- () Relaxamento
 () Sociabilidade
 () Status/prestígio
 () Outro(s) _____

12. Em relação ao custo, você costuma realizar atividades culturais:

- () Somente pagas () Mais pagas do que gratuitas () Mais gratuitas do que pagas
 () Somente gratuitas

13. Qual a sua companhia preferida para realizar atividades culturais?

- () Amigos
 () Família
 () Parceiro/cônjuge
 () Prefiro estar sozinho

14. Você já viajou para outra(s) cidade(s) a fim de participar de alguma atividade cultural?

- () Sim () Não

Caso responda “Sim”

14.1 Qual(is) cidade(s)? _____

FAMÍLIA E CONTEXTO CULTURAL

15. Qual é o MAIOR grau de instrução dos seus pais ou familiares de referência? (considere as pessoas responsáveis pela sua criação)

- () Sem instrução formal () Ensino Fundamental incompleto () Ensino Fundamental completo
 () Ensino Médio incompleto () Ensino Médio completo () Ensino Superior incompleto
 () Ensino Superior completo () Pós-Graduação

16. Você tem familiar(es) que desenvolve(m) alguma atividade artística?

- () Sim, profissionalmente () Sim, de forma amadora () Não

Atribua notas de 1 a 5 para as afirmações abaixo, em que:

1 = discordo completamente

2 = discordo parcialmente

3 = nem concordo, nem discordo

4 = concordo parcialmente

5 = concordo completamente

17. As escolas onde estudei foram espaços de estímulo às práticas culturais _____

18. A universidade onde estudo é um espaço de estímulo às práticas culturais _____

19. A oferta cultural de Senhor do Bonfim é suficiente _____

20. A oferta cultural de Senhor do Bonfim é atraente/interessante _____

PERFIL DEMOGRÁFICO

21. Como você se identifica em relação ao gênero?

- () Feminino () Masculino () Outro

22. Cor/raça

- () Amarela () Branca () Indígena () Parda () Preta

23. Religião

- () Afro-brasileira () Católica () Espírita () Evangélica

() Agnóstico ou ateu () Outra(s)

24. Possui alguma deficiência?

() Sim () Não

25. Você desenvolve alguma atividade remunerada (emprego, estágio, atividade de pesquisa etc.)?

() Sim () Não

26. Local de moradia

() Zona urbana () Zona rural

27. Município de nascimento e moradia:

- () Nasci e moro em Senhor do Bonfim
 () Nasci em Senhor do Bonfim, mas moro em outra cidade
 () Não nasci, mas moro atualmente em Senhor do Bonfim
 () Não nasci e não moro em Senhor do Bonfim

Caso responda “Não nasci, mas moro atualmente em Senhor do Bonfim”

27.1 Mudou-se para Senhor do Bonfim em razão do ingresso na universidade?

() Sim () Não

28. Em qual dessas opções de relacionamento você se enquadra?

() Casada(o)/morando com a(o) parceira(o) () Namorando () Solteira(o)

29. Possui filhos?

() Sim () Não

Caso responda “Sim”

29.1 Quantos filhos você tem? _____

29.2 Qual a(s) idade(s) do(s) filho(s)? _____

30. Quantas pessoas moram com você? (incluindo filhos, irmãos, parentes, colegas e amigos) _____

31. A sua renda mensal somada com a das pessoas que moram com você (renda do domicílio) se aproxima mais de qual dos valores abaixo?

- () R\$ 178
 () R\$ 708
 () R\$ 1.691
 () R\$ 2.965
 () R\$ 5.363
 () R\$ 10.386
 () R\$ 23.345

AUTORIZAÇÃO

32. Você autoriza a responsável pela pesquisa a entrar em contato para realizar uma segunda etapa de entrevista?

() Sim () Não

Caso responda “Sim”

Agradecemos imensamente pela participação e interesse! Peço que informe abaixo seus contatos:

Nome -

E-mail -

Telefone -

APÊNDICE B - Modelo de roteiro de entrevista utilizado na etapa qualitativa

- 1) Você nasceu em qual cidade e até quando morou lá?
- 2) Quais memórias da infância em relação à cultura você guarda, seja no ambiente doméstico ou na cidade onde morava?
- 3) Quais as principais atividades culturais realizadas por seus pais ou responsáveis durante sua infância?
- 4) Em quais dessas práticas/lugares seus pais te levavam?
- 5) Você afirma que já desenvolveu alguma atividade artística, então gostaria de saber como se deu esse interesse e aproximação.
- 6) Que tipo de atividade você desenvolveu, com qual idade e por quanto tempo?
- 7) Você afirma no questionário que as escolas foram ambiente de estímulo cultural em sua vida, então gostaria de saber: por que você faz essa avaliação? Quais ações desenvolvidas te estimularam a se aproximar da cultura?
- 8) Você estudou em escolas públicas ou particulares?
- 9) Como você avalia a oferta cultural de Senhor do Bonfim?
- 10) Você afirmou já ter viajado para realizar atividades culturais, então gostaria de saber: qual a natureza das atividades que buscou realizar fora da cidade? Com que frequência costuma fazer isso?
- 11) Qual a relação que os seus amigos estabelecem com a cultura: costumam apreciar ou desenvolver atividades dessa natureza?
- 12) Por que você costuma realizar mais atividades culturais pagas que gratuitas?
- 13) Como é a sua rotina e de que modo costuma gerenciar seu tempo livre? Quais atividades prioriza nesse período?
- 14) Nesta rotina, quanto tempo semanal as atividades culturais recebem?